«É um dever — que se nos impõe — amar
a nossa terra; é uma dívida de gratidão
aos nossos antepassados que muito
a amaram também mas para bem
o fazermos necessário se torna
bem conhecê-la: Estudemos, pois,
a sua história, aprendamos as suas lendas,
tão características e ingénuas,
vamos dançar nas suas romarias,
cantar nas suas desfolhadas,
sachar o milho verde dos seus campos;
e só assim, convivendo com a terra,
perscrutando o seu sentir, poderemos
amá-la verdadeiramente, entranhadamente».

SERAFIM SOARES DA GRAÇA

ÁGUEDA ANTIGA

biblioteca municipal
manuel alegre
S
AD
91(46-21)
GA

SERAFIM SOARES DA GRAÇA

ÁGUEDA ANTIGA

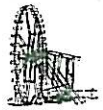
selecção, introdução e notas de
DENIZ DE RAMOS

Águeda Antiga
biblioteca municipal
manuel alegre
SA
AGD
908(469.321)
GRA
118707

OFERTA DE
ANTÓNIO DOMINGOS PINHEIRO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
ÁGUEDA

TEXTOS HISTÓRICOS — 2



LUGAR DA MEMÓRIA

1. Os Lemos da Trofa na História e na Arte de Quinhentos
   AMARO NEVES
   (Série Arte e Etnografia, 1, 1983)

2. Os Primeiros Senhores de Águeda
   DENIZ DE RAMOS
   (Série Estudos Históricos, 1, 1985)

3. O Presbitério da Montanha
   ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO
   (Série Textos Literários, 1, 1986)

4. Águeda Antiga, Antologia
   SERAFIM GABRIEL SOARES DA GRAÇA
   (Série Textos Históricos, 2, 1988)

5. No prelo:
   Águeda, década de 20: da Escola Primária Superior à Escola Industrial e Comercial
   DENIZ DE RAMOS
   (Série Textos Históricos, 3, 1988)

Em homenagem ao estudioso e aguedense que foi o Dr. Serafim Gabriel Soares da Graça

SERAFIM GABRIEL SOARES DA GRAÇA
ÁGUEDA ANTIGA, Antologia
SELECÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE DENIZ DE RAMOS
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ÁGUEDA
COLECÇÃO LUGAR DA MEMÓRIA, TEXTOS HISTÓRICOS, 2

capa:
Arranjo Gráfico de A. ANTUNES
com fotografias da colecção de ANTÓNIO BREDA

composição e impressão:
ARTIPOL — Artes Tipográficas, Lda.
Aguada de Baixo — 3750 Águeda

Dep. Legal N.º 24116/88

SERAFIM GABRIEL SOARES DA GRAÇA

ÁGUEDA ANTIGA

ANTOLOGIA

Selecção, introdução e notas de
DENIZ DE RAMOS

ÁGUEDA, 1988

PARA MUITO AMAR, BEM CONHECER

Deniz de Ramos

Introdução

1. Serafim Gabriel Soares de Graça nasceu em Águeda a 26 de Janeiro de 1897 e faleceu em Coimbra, aos 73 anos, em 13 de Junho de 1970. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi Delegado do Procurador da República nas comarcas de Vila Franca do Campo (Açores), S. João da Pesqueira, Amarante, Paredes, Anadia e Figueira da Foz e Conservador do Registo Civil em Oliveira do Hospital, Estarreja e Aveiro.

Desde a juventude, publicou trabalhos de história regional e local, sendo vasta a investigação a que procedeu no campo da genealogia das famílias aguedenses e cheias de interesse as suas reconstituições de épocas, instituições, tradições e crenças populares. Colaborador assíduo de jornais e semanários, é particularmente no Arquivo do Distrito de Aveiro *e na* Soberania do Povo *que se encontra a maior parte desses trabalhos.*

Além dos que agora se antologiam, vieram à luz naquela prestigiada revista aveirense os seguintes estudos: Dom Francisco Manuel de Melo em Espinhel, *no vol. II, p. 307;* Gente da Bairrada nas guerras da Restauração, *III, p. 151;* Castilho na Castanheira do Vouga — a casa onde viveu, o cedro que plantou, *V, p. 33;* Rasto das invasões francesas por terras de Anadia, *V, p. 183;* Machado de Castro em Aguim — suas relações de família com gente dali: Castilhos e Cerveiras, *VI, p. 161;* A Casa da Graciosa, *VIII, p. 16;* Ecos das lutas liberais no concelho de Águeda, *VIII, p. 178;* O embaixador Aires de Sá e Melo, *IX, p. 254;* Curia — sua estância e aro turístico, *XI, p. 62;* Auto da Infanta Dona Joana, *XVIII, p. 107;* Concelho do Vouga — uma

acta da eleição para deputados às cortes, que ali teve lugar no ano de 1822, *XIX, p. 205;* Os Castilhos e a residência paroquial da Castanheira do Vouga, *XXIII, p. 220;* Um memorialista aguedense do século XVIII, *p. 135;* O Bispo do Funchal D. Gaspar Afonso da Costa Brandão, *XXXIII, p. 268;* Dr. Alberto Souto — a recordação que dele guardo, *XXXIV, p. 267 e* Dr. António da Rocha Madahil — singelas palavras de homenagem à sua memória, *XXXV, p. 194.*

Na Soberania do Povo, *a sua colaboração, a partir de 1919, é variada e regular. A coberto da designação* Águeda Antiga, *Soares da Graça publica trabalhos que vão desde* O velho lugar de Águeda *a monografias genealógicas. São de destacar a série sobre* Solares e Famílias *e outra, a propósito de figuras e factos das freguesias concelhias.*

Editou ainda Mariz, desenhador e gravador coimbrão, A Visitação no simbolismo das Misericórdias, A primeira Capela de Nossa Senhora de La Sallette no lugar da Borralha *e* A Igreja de Recardães (1).

Em 1921, Serafim Gabriel Soares da Graça foi eleito sócio do Instituto Etnológico das Beiras, com sede em Viseu, fundado pelo Padre José Marques de Castilho. A proposta partiu exactamente de Marques de Castilho, que, ao tempo, era vice-presidente do Instituto. O Padre Castilho, com o pseudónimo de Mário Diniz, manteve por longo período uma coluna na Soberania do Povo, Caturrices de um Velho, *onde nos deixou interessantes observações sobre o onomástico regional, que lhe valeram diversas distinções (sócio correspondente do Instituto Arqueológico do Algarve e sócio efectivo do Instituto Histórico do Minho). Soares da Graça apresentou, em 1921, numa das sessões da academia beirã a comunicação* A Mata de Perrães — Um plano de fomento no século XVI (2).

(1) Na revista *Aveiro e o seu Distrito*, n.º 4, 1967, a pp. 25-26, pode ler-se um pequeno apontamento, *A aclamação de D. Miguel em terras do distrito de Aveiro.*

(2) Tivemos conhecimento deste trabalho através de uma *Memória* apresentada ao mesmo Instituto por A. de Morais em 22 de Fevereiro de 1922 e transcrita no *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XI, pp. 250-263, por Joaquim Soares de Sousa Baptista no seu estudo *A Pateira de Fermentelos.*

Para além da investigação sobre o passado de Águeda, Serafim Soares da Graça escreveu ainda duas peças teatrais e dois autos. Desconhecemos se no seu espólio literário existirá outro material inédito.

A revista de costumes Do Barril à Venda Nova, *«com os seus retalhos pitorescos da vida local, com as suas evocações saudosas de Águeda-Velha, com as suas alusões a tipos e acontecimentos da Águeda actual», foi levada à cena no Aguedense Pathé Cinema, na noite de 31 de Março de 1934, e repetida em outros dias. Destinada a angariar fundos para a Sopa Escolar, foi representada pelos amadores locais Orquídea Dália Flores, Maria Luciana Guerra, Maria Cristina Brinco da Costa, Crisanta Vidal, Armanda Moreira Vidal, Laura Elvas, Maria Madalena da C. e Silva, Manuel de Sousa Carneiro, António Brinco da Costa, Acácio Vidal, Eduardo Simões de Pinho, Manuel Guerra, Otto Guerra e Júlio Nápoles. O Dr. António Costa montou o espectáculo e os coros foram ensaiados por Alice Araújo e Armando Castela. A orquestra, composta por músicos de Ílhavo e Águeda, foi dirigida por José Pedro Soares de Melo, autor da partitura musical. Perdeu-se o texto da revista. Porque, felizmente, se encontram vivos alguns dos intérpretes, foi possível reconstituir o texto e a música dos números cantados:* Rancho do Barril, Fados, Águeda Nova, A canção das vendeiras, Canção dos operários, Pastéis folhados, Fuzis de Águeda, Escola Central, a Gratidão dos pequeninos, o adeus de Clarinda *e* Evocação (3).

O drama Frei António de Águeda *foi estreado no Teatro Fernando Caldeira, na R. José Maria Veloso, em 23 de Julho de 1921. Peça romântica ao sabor da época, — não sabemos se em prosa ou verso, pois não conseguimos obter o texto — compunha-se de 4 pequeninos actos, conforme nos informa a* Soberania do Povo *em 27 de Agosto desse mesmo ano. Este semanário dá-nos um resumo do enredo. A acção decorre na Borralha, em casa do bacharel em Cânones José Rodrigues da Graça, por sinal antepassado do autor e pai do principal protagonista. No 1.º acto, intervém António, jovem estudante em Coimbra, sua mãe D. Rita Luísa e a criada Ana Antónia: num serão aldeão, o jovem espera*

(3) Música e letra recolhidas por Darlindo Duarte.

ansioso a chegada de Maria Eugénia, que ama desde criança, que virá de Trás-os-Montes na companhia de sua mãe, D. Mariana da Silva. No 2.º acto, a cena passa-se no jardim onde os dois jovens juram amor eterno. Maria Eugénia oferece a António uma rosa do jardim. No 3.º acto, tudo mudou. D. Rita Luísa morrera e Maria Eugénia encontra-se às portas da morte. António aguarda, aflito, notícias da sua amada. Quando lhe chega a notícia da morte de Maria Eugénia, apesar do carinho da velha criada, António decide ingressar no convento dos franciscanos de Serém. No 4.º e último acto, vê-se Frei António, velhinho e moribundo. Quis vir acabar os seus dias à casa paterna. E quando o Principal do Convento, que, juntamente com os outros irmãos, vem acompanhar os derradeiros momentos de Frei António, abre uma caixa, que encontrou na cela do velho frade, depara com uma rosa. É então que a criada conta ao Principal os amores infelizes de Frei António. E este baixa à sepultura, levando no caixão a rosa de Maria Eugénia.

O drama foi interpretado por amadores locais. Refira-se, aliás, que o gosto pelo teatro foi cultivado em Águeda ao longo dos tempos ([4]). *No teatro do Pessegueiro foram inúmeras as peças aí representadas, por iniciativa de António Homem de Mello (Toy). Fernão Corte-Real nele se estreou com a revista* Risos da minha terra, *em 1905, e aí subiu à cena pela primeira vez, em 1893,* A Noiva do João, *de Adolfo Portela. Mais tarde, o Aguedense Pathé Cinema foi palco para numerosas companhias profissionais. Outros autores aguedenses viram os seus originais representados:* Amor de Estudante, *de António da Silva Sereno, em 1921, a revista* O Marquês do Botaréu, *de Ângelo de Meneses e música de Godofredo Duarte, em 1925, entre outros.*

2. *Como se depreende, foi variada a produção de Soares da Graça. A maior parte dos seus trabalhos são aligeiradas anotações documentais (cf.* Dom Francisco Manuel de Melo em Espinhel, Concelho do Vouga, uma acta de eleição (...), Ecos das lutas liberais no convelho de Águeda *ou* Gente da Bairrada nas gueras da Restauração). *Outros, memorizações a que, com alguma*

([4]) Veja-se o que escrevemos na nota [5] ao texto *Águeda-Linda* de *Adolfo Portela.*

frequência, falta a elementar referência às fontes utilizadas, caindo o autor em conjecturas, decerto verosímeis, como é o caso da reconstituição do ambiente e dos trajos das gentes da zona ribeirinha. Embora nos ofereçam significativas informações sobre o trajar da época, não se aduz a fonte que possibilitou a recolha, e tão importante isso hoje seria. Estamos em crer que o autor se baseou, para a reconstituição dalguns trajos populares, numa velha fotografia datada de 1880, porque assim se vestem as raparigas e os rapazes da revista Do Barril à Venda Nova *que, por sua vez, Manuel de Sousa Carneiro haveria de respeitar para o grupo aguedense que se apresentou em Lisboa por ocasião do duplo centenário, em 1940. Vejam-se, por outro lado, os casos diferentes de António Feliciano de Castilho, que, em* O Presbitério da Montanha, *nos deixou riquíssima informação sobre o vestuário serrano da época em que viveu na Castanheira do Vouga, de 1828 e 1834, ou Rocha Madahil, que documentou exaustivamente o trajo popular da Beira Litoral nos estudos que publicou, de 1938 a 1941, no* Arquivo do Distrito de Aveiro. *Apesar de tudo, Soares da Graça soube captar na tradição local um conjunto de informações muito preciosas que influenciaram substancialmente as reconstituições que, no futuro, se produziram, quanto à forma de vestir do povo.*

E quanto às suas peças de teatro? Ao gosto da época, destinaram-se, exclusivamente, a servir o seu amor ao passado, na perspectiva bairrista que o caracterizou. Teve o mérito, porém, de procurar inserir os seus personagens e acção no espírito do tempo. Daí, por exemplo, o cortejo histórico que antecedeu a representação do Auto da Rainha Santa, *para o que se obteve o empréstimo de vestuário do guarda-roupa do antigo Secretariado Nacional de Informação. Já a riqueza literária fica muito aquém do verso elegante e aristocrático de Fernando Caldeira de* A Madrugada *ou da beleza polícroma de* A Noiva do João *de Adolfo Portela. É certo: Soares da Graça não era poeta. No entanto, forçoso é reconhecer a mestria com que conduz a intriga ao longo do prólogo e dos dois longos actos do* Auto da Infanta Dona Joana, *procurando, através do verso dúctil, conseguir o ressaibo clássico que o tema sugeria. Não raro, Soares da Graça atinge alguns bons momentos cénicos e vigorosos. Não duvidamos que a representa-*

ção deste auto seria um ponto alto nas homenagens que Aveiro tributou à sua Princesa, em 1952. Repare-se no seu final:

(O sino continua a dobrar a sinais. Ouvem-se, sumidamente, os coros próprios de responsos. As freiras descem os véus a tapar-lhes o rosto. Frei João Dias aproxima-se novamente da varanda, e, meio voltado para fora, de braços abertos, empolgante, numa vibrante e alta expressão dramática, declama na direcção, ora da igreja de Santa Maria da Misericórdia, ora da igreja de S. Miguel, já existentes ao tempo)

Ó sinos d'Aveiro!... Dobrai todos... bem alto!... a sinais!...
Que toda a gente saiba que a Princesa já morreu...
Chegue o vosso eco... a todos aqueles afastados casais,
Onde moram esses pobres, que Ela sempre protegeu!...

(Numa súplica, de emocionante acento)

E logo... ao cair da tarde... quando a forem enterrar,
Que ninguém falte aí!... Vinde todos ao Mosteiro:
Para a sepultura humilde de lágrimas lhe orvalhar.
E para dizer-lhe — de joelhos! — ...o adeus derradeiro!...

Serafim Soares da Graça, que escreveu o auto a solicitação do probo investigador e animador do Arquivo do Distrito de Aveiro, Rocha Madahil, aproveitou, segundo as suas próprias palavras, «a natural teatralidade existente em alguns dos acontecimentos passados no Convento de Jesus com a Infanta, historicamente comprovados». Para tanto leu a Crónica e Memorial da Infanta, o precioso códice quinhentista guardado no Mosteiro de Jesus que Rocha Madahil publicou e prefaciou.

Este cuidado é igualmente visível em outros trabalhos ([5]). *O seu apreço pelo documento leva-o, inclusivé, a chamar-nos a atenção para José Maria Veloso, na sua opinião, o precursor dos*

([5]) No estudo *Capelas públicas e particulares de Agueda*, Soares da Graça transcreve três documentos do século XVII em abono da existência da Capela do Menino Jesus. No entanto, o autor acaba por não explorar a riqueza informativa desses documentos.

estudos monográficos em Águeda pela importância que dera às provas documentais. Acabou, no entanto, por não produzir a obra de fôlego que estaria ao seu alcance se não tivesse concebido a História apenas como função heurística. Acumulados os documentos, seleccionados embora, ficaram por fazer-se inúmeras perguntas aos textos escritos. Soares da Graça, investigador inveterado de velhos papéis, obcecado e apaixonado pelos factos observados, *passou ao lado de uma carreira de historiador da História Local. Mas não deixou de ter o seu mérito. (Assinale-se, no entanto, que Soares da Graça ultrapassou, embora de forma não sistematizada, o mero conhecimento do monumento e do acontecimento para se debruçar, com alguma oportunidade, sobre a mentalidade, os usos, costumes e tradições. Claro, com as deficiências próprias de quem não dispõe do instrumental que a ciência histórica poderia oferecer).*

3. E esse mérito está bem expresso em tudo quanto escreveu. E particularmente no que proferiu, numa conferência no Teatro Fernando Caldeira, no longínquo ano de 1920, mais propriamente na noite de 5 de Abril. Ao falar de Águeda Antiga, um poucochinho de história, *estabeleceu, definitivamente, um programa de trabalho, que iria respeitar, com escrúpulo empenhado, em toda a sua obra:* «É um dever — que se nos impõe — amar a nossa terra; é uma dívida de gratidão aos nossos antepassados que muito a amaram também mas para bem o fazermos necessário se torna bem conhecê-la: Estudemos, pois, a sua história, aprendamos as suas lendas, tão características e ingénuas, vamos dançar nas suas romarias, cantar nas suas desfolhadas, sachar o milho verde dos seus campos; e só assim, convivendo com a terra, perscrutando o seu sentir, poderemos amá-la verdadeiramente, entranhadamente» ([6]).

Entre quantos se debruçaram sobre temas de história de Águeda, Serafim Soares da Graça, a par de Adolfo Portela, é o autor que mais sentiu a nostalgia do passado e, conhecida que seja a sua obra, mais facilmente ganhará os favores do público. O Conde da Borralha, demasiado erudito para os gostos do bairrismo, e

([6]) O texto desta conferência, reproduzido parcialmente na *Soberania do Povo* de 10 de Abril de 1920, é típico das suas reconstituições históricas.

Augusto Soares de Sousa Baptista, de análise rigorosa nos seus estudos sobre o período da pré-nacionalidade, produziram obras que são, ainda hoje, referências obrigatórias para os períodos enfocados e, no entanto, terão dificuldade em suscitar o interesse que, decerto, este conjunto de trabalhos antologiados irá despertar. Este facto merece alguma apreensão. E com isto não pretendemos menorizar os contributos, quer de Portela, quer de Soares da Graça.

Um pouco por toda a parte, assiste-se a um renovado interesse pelo passado, pela memória das gentes, dos seus usos e tradições e pela memória das pedras. Cidadãos armam bandeiras em defesa do meio ambiente e desenvolvem-se campanhas ecológicas que saltam para os discursos políticos. Numa palavra, o património começa a ser olhado com os olhos da sensibilidade, humanizando-se progressivamente as relações de fruição. Mas o despertar desta nova postura perante a natureza e o construído assume, e exageradamente, a auréola romântica. Associações culturais, de defesa do património, autarquias, de uma forma muito saudável, porfiam em opôr-se à prática do aleijão, do conformismo, do interesse especulativo. Mas é o espírito bairrista que frequentemente toma o lugar da consciência ferida, enfatizando-se, quantas vezes, o que é menor, e valorizando-se mediocremente fastos, figuras e atitudes, sem delas se ter a conveniente visão crítica.

Apesar de praticar um estilo que, a olhos de observador menos atento, poderá induzir à mera romantização do fenómeno, Soares da Graça foi bem claro ao sugerir que para se amar uma terra, ou seja, para se defenderem os seus valores identificadores, urgia estudar a sua história. E apontou, como meta, a criação, como já o sugerira o Conde da Borralha, de uma Sociedade dos Amigos de Águeda.

Os estudos de História Local e Regional, que beneficiaram da renovação da ciência histórica operada pela história nova *ao alargar-se o campo do historiador, face à atitude da historiografia tradicional, são, actualmente, poderoso contributo para o desenvolvimento e (re)elaboração da História Geral. Mas para que tal seja conclusivo, os estudos locais e regionais não poderão, de forma alguma, ser concebidos como um «puro provincianismo historiográfico», isto é, torna-se imprescindível valorizar cientificamente a*

História Local e Regional, como ainda recentemente alertou o Prof. Dr. Reis Torgal em comunicação apresentada em Lamego, no I Encontro de História Local e Regional (7). *A valorização dos estudos locais e regionais passa, na sua perspectiva, «por uma nova dimensão do ensino, a todos os níveis, pelo empenhamento das instituições de educação e cultura, autárquicas e estatais, e até empresariais, pela criação de estruturas para recolha e tratamento científico das fontes». Para o académico de Coimbra, a tarefa prioritária hoje em dia, «mais do que* fazer *História Local e Regional», deverá consistir na recolha, publicação e catalogação criteriosa das fontes por processos científicos, ficando-se a dispor, desse modo, de um «corpus» documental que, ao possibilitar o conhecimento histórico das comunidades, contribuiria para a reelaboração da História Geral.*

E da mesma opinião é Magalhães Godinho, para quem a História devia «assentar predominantemente em fontes publicadas, e o ideal seria que nelas assentasse exclusivamente, para que todos pudessem verificar as interpretações (o carácter universal da verificabilidade é imprescindível em ciência)» (8).

4. O que se verifica no dia a dia contraria, e anula em muitos casos, os benefícios que seria legítimo recolher do entusiasmo com que se faz a corrida ao passado. Não basta palmilhar as aldeias de gravador na mão e dizer-se, de ciência feita, que o povo vestia, cantava e dançava assim, como são inconsequentes as censuras e os clamores perante o camartelo sacrílego de uns quantos. Perdem a relevância, que deveriam alcançar, as exposições de fotografias antigas, de artesanato, de velharias se as não iluminarmos com a informação epocal. Qualquer uma destas inicia-

(7) A comunicação vem publicada, com o título *História... Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da história local e regional,* no vol. 3.º de *O Sagrado e o Profano,* pp. 843-867, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras, Coimbra, 1987.

(8) *Ensaios,* vol. II, pp. 92-93. Para Magalhães Godinho, «as obras culturais jazem ao abandono, a esboroar-se, os nossos velhos papéis são queimados ou deitados para o lixo, os nossos arquivos e museus só abrigam pequena parte do nosso espólio, e tanta vez desarrumado, não catalogado, a ser comido pelos vermes ou a consumir-se no desprezo, inacessível a uma investigação sistemática e exigente». *(Revista de História Económica e Social,* n.º 1, 1978, pp. 1-4).

tivas poderá traduzir-se em momento de reconstituição apreciável, se servida pela necessária interdisciplinaridade. A fotografia, por exemplo, permitirá estudar as transformações dos aglomerados urbanos e rurais, apoiando-se em informações recolhidas em outras fontes. Doutro modo, isolada na evocação visual, dará do processo evolutivo a leitura pitoresca e apenas saudosista, falseada quantas vezes.

É óbvio que muita gente tem consciência disso. E foi para esses interessados que o Prof. Dr. Jorge Alarcão elaborou um trabalho de pendor didáctico, através do qual procura orientar as associações do património e os investigadores locais na pesquisa cartográfica, iconográfica, documental e bibliográfica. Porque a dinâmica de tantos agentes amadores *há que sujeitá-la ao rigor da metodologia: a construção do conhecimento histórico deve sustentar-se de base sólida de formação científica, utilizando-se processos técnicos adequados* ([9]).

Um Centro de História Local e Regional, na opinião de Reis Torgal, eliminaria os inconvenientes da atitude individual e do trabalho parcelar, ou ainda, a ausência de critérios científicos, a menorização das fontes, a desatenção perante documentos escritos e orais, quase sempre deficientemente aproveitados. Com os apoios que tal iniciativa, de imediato, provocaria, oficiais e particulares, — tenha-se presente a lei do mecenato — tornar-se-ia viável o levantamento das fontes, a sua catalogação e posterior publicação, preservando-as do esquecimento, da mutilação ou da pura destruição.

Serafim Soares da Graça, ao propor, em 1920, a Sociedade dos Amigos de Águeda, *preocupava-se com o desinteresse e a incúria que reinava nos seus contemporâneos perante o património local. Se tal se tivesse concretizado e se a ideia tivesse merecido o esperado apoio da probidade e erudição do Conde da Borralha, decerto que muita da documentação, hoje extraviada, estaria à disposição dos estudiosos e seria admissível que dela houvesse resultado a consciencialização do aguedense para a defesa dalgum desse valioso espólio. Igrejas delapidadas de obras de arte sacra e ornamentos, desfiguração da imagem urbanística da baixa histórica, em particular, do seu cais, actas dos extintos concelhos, de confrarias, agremiações, desmembramento de bibliotecas privadas, etc. — ter-se-ia travado certamente todo esse desvario empobrecedor do levantamento histórico.*

([9]) *Introdução ao estudo da História e Património locais*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 1987.

5. A organização da presente Antologia pretende premiar o labor honesto e apaixonado de um autor aguedense que, a seu modo, muito contribuiu para a valorização do passado e, cumulativamente, chamar a atenção para a urgência de outras acções que urge empreender. A selecção dos dez textos, entre os muitos que Soares da Graça nos legou, subordinados ao tema Águeda Antiga, *tão caro à sua sensibilidade, procurou atingir um público que localmente começa a ser desperto, por vários agentes culturais, para a importância da preservação das memórias do passado. As sucintas notas acrescentadas permitem-se, apenas, salientar a acuidade do trabalho do investigador* ([10]). *O presente volume, inserido numa colecção municipal, por sua vez, comprova o interesse da edilidade que, a exemplo de tantas outras pelo país fora, se considera parte legítima na tarefa cultural.*

E independentemente de se dar corpo, desde já, a um Centro de Estudos, não se nos afigura despiciendo continuar a dar-se a conhecer o que outros, no passado, escreveram, poetas, jornalistas, dramaturgos, investigadores e que, de outra forma, acabariam por amarelecer no limbo do esquecimento. Uma antologia da obra poética de José Maria Veloso, dispersa pelas páginas de velhos jornais e revistas; a publicação de inéditos de Fernando Caldeira e Adolfo Portela e dos sermões do Padre José Tavares Camelo, a cuja leitura está a proceder o Dr. Américo Barata Figueira; a edição de estudos históricos do Conde da Borralha e Augusto Soares de Sousa Baptista — poderia ser, no campo editorial, uma iniciativa muito relevante. Como o seriam, igualmente, o levantamento do cancioneiro de Águeda e a inventariação dos espécimes do Arquivo Municipal e da Biblioteca Municipal,

([10]) As nossas notas são colocadas entre parêntesis recto [ ], para melhor se distinguirem das de Soares da Graça. Actualizámos a ortografia nos textos do autor, respeitando a original nos documentos transcritos. Incluiram-se algumas fotografias da colecção de António Breda, o que se assinalou. As restantes já faziam parte dos textos antologiados.

onde se guardam, ainda, fontes indispensáveis para o estudo da história local e regional, ou a aquisição de colecções de fotógrafos amadores ou coleccionistas. E para quando as recolhas da nossa arqueologia industrial?

A publicação da presente Antologia levanta-nos, pois, preocupações ponderosas de urgência e indispensabilidade de acções imediatas. O discurso emotivo, o arreganho bairrista precisam conhecer o alicerce, o gesto inicial, o rosto de que somos. Para que se justifiquem.

Não foi Serafim Gabriel Soares da Graça quem disse que para se muito amar é necessário bem conhecer?

ÁGUEDA ANTIGA

Anuário - Agenda de Águeda, 1941

A privilegiada situação geográfica que Águeda tem, explica o progressivo desenvolvimento que nela se foi operando através dos tempos. E se isto é tido por alguns como verdade incontestável, nem todos pr certo farão uma ideia precisa, definida, acerca de muitas causas, que entre si se conjugaram, e fizeram do pequeno burgo ribeirinho que foi outrora a nossa terra, a vila airosa e risonha que aí vemos hoje, e que o rio, que a seus pés decorre, vem beijando mansa e graciosamente, na sua caminhada de séculos... [1]

Foi ele, sem dúvida, — a par da nota de maior beleza que dá ao cenário magnífico que emoldura Águeda — o factor maior do seu progresso, como traço de união entre a serra e o mar. Era pelo rio que se fazia antes todo o tráfego comercial, não só do pescado trazido em barcos que diariamente aí aportavam, e que logo era conduzido por azougados e buliçosos ranchos de «capuchas» e almocreves até aos mais remotos povoados serranos, mas por cá passavam também com destino às Beiras, as mais diversas mercadorias. Águeda era então um centro comercial de nomeada, e das muitas pessoas vindas de fora para aqui exercerem a mercancia, ou para se dedicarem a qualquer outro ramo de actividade que com ela se relacionasse, foi considerável o número das que entre nós se fixaram, constituindo novas famílias, tendo-se distinguido algumas delas em notável descendência (1) [2].

(1) Outras causas deste movimento populacional se podem apontar também, como a vizinhança do Juízo de Fora de Recardães, pois aqui casaram alguns dos seus funcionários. Indicamos, por ex., o

Os antigos livros paroquiais denunciam este movimento na população de Águeda; e assim, vemos que a partir do século XVII aparecem muitos registos de apelidos que não achamos na nossa terra em épocas anteriores. Menciono alguns, concretizando melhor o que acima fica dito. Em Abril do ano de 1619 realizou em Águeda o seu casamento o mercador António João da Serra, do Bispado de Viseu, com Francisca da Fonseca, filha de outro mercador daqui, chamado Domingos João, e foram estes os troncos de uma família numerosa, distitna e afortunada (2) [3]; a 16 de Janeiro de 1724, também casou aí Miguel de Seixas Diniz, de Foz de Arouce, com Maria da Silva, daqui natural (3). Vieram ainda de fora os Pereira Guimarães, Melos, Sousa Ribeiro, Curas, Pintos, Rachões, Rezendes, etc., etc. Por seu lado, já cá encontramos, em pleno século XVI, os Macedos, Pinheiros, Pintos (4), Soares, Paivas e Pinhos; no século XVII, Velez Castelo Branco e Barre-

Tabelião Luiz Pedro Pinto Leitão, de Vila Chã de Caria, Bispado de Lamego, que exerceu este cargo em várias Notas destas redondezas, e que a 19 de Janeiro de 1778 desposou D. Francisca Luísa de Jesus, filha do Bacharel Francisco Soares, de que houve grande descendência, entre esta o actual Presidente da Câmara de Águeda — sr. Joaquim de Melo Pinto Leitão que ainda é portador daqueles apelidos. Em 1793 era colocado como Prior na Castanheira o P.e Paulo Fernandes de Castelo Branco, o qual trouxe em sua companhia duas sobrinhas: D. Rita Cândida Castelo Branco, que ali casou em 1800 com o capitão José Xavier da Silva, da Venda Nova, e foram os pais de Joaquim Augusto Xavier Castelo Branco, ainda na lembrança de algumas pessoas, e D. Joana Inácia, que no ano de 1817 casou com o Monteiro-Mor da Falgarosa, José Rodrigues dos Anjos, troncos duma família numerosa, que tem hoje em Águeda como representantes o sr. Inspector Joaquim Neves e o meu velho amigo doutor Mateus Barbas.

(2) Conta na sua descendência o Desembargador João Alvares de Figueiredo Brandão F. da C. Real, D. Úrsula e D. Brites da Serra, que foram freiras no Convento do Lorvão, e ainda o Bispo do Funchal, D. Gaspar Afonso da Costa Brandão, que nasceu em Águeda em 1703 (Casa das Lágrimas).

(3) Família do Desembargador Doutor José Patrício Diniz da Silva Seixas, Juiz da Relação do Porto e Macau.

(4) Casa da Borralha. Nestes apelidos contam-se nomes ilustres como os de Frei Jorge Pinheiro, que foi Lente da Universidade de Coimbra e Prior do Mosteiro da Batalha [4]; Frei Tomé de Macedo, Inquisidor-Mor na Índia, Doutor Valentim Pinto de Almeida, graduado em Cânones, Provisor dos Bispados da Guarda e Coimbra.

tos; no século XVIII Xavier da Silva, Lares, Gouveia (5), Pessoas de Carvalho e tantos outros cuja enumeração levaria longe. Foi de todos estes elementos reunidos, com antecedentes étnicos de variada proveniência, que se formou a população da terra, de características bem marcadas nos seus costumes, nas suas tradições...

Encontramos a nossa gente, já nas eras afastadas a que nos vimos referindo, e sem falar da labuta diária do rio, que já apontámos, entregue às mais diversas ocupações; havia aí de tudo: ferreiros, espingardeiros, pintores, ourives, cirurgiões, estalajadeiros, alfaiates (6), etc., etc. Ao mesmo tempo numerosos estudantes de Águeda, frequentavam a Universidade de Coimbra, onde muitos se formaram, tendo alguns sido lentes daquele alto estabelecimento de ensino, — mercê da vantagem que oferecia a sua proximidade.

Mas não podemos de forma alguma esquecer que foi o povo, como guarda carinhoso e fiel de tudo quanto de mais belo a tradição antiga nos legou, que forneceu, para preparar o esboço deste quadro, as mais vivas e expressivas cores, conseguindo manter durante séculos, não todas, mas uma boa parte das velhas tradições e usanças, umas com o seu cunho sentimental e emotivo, outras do mais pitoresco colorido, e quase todas tocadas do perfume duma crença simples, muitas vezes ingénua, mas sempre sincera.

Realmente quem senão ele, o povo trabalhador e bom, alegrou desde os mais remotos tempos as romarias da nossa terra, a começar por essa que anualmente os barqueiros e as sardinheiras faziam no Barril à Senhora da Boa-Morte? Quem ia de longada, por essas aldeias fora, no cumprimento de promessas as mais variadas, à Senhora da Graça, de Assequins, ao S. Geraldo de Bolfiar, a oferecer alguma telha de milho, ou ao Santo António da Giesteira a levar algum pé de porco, pois ambos, já por alturas dos séculos XVII e XVIII tinham ali as suas capelas?... quem senão

(5) (Casa da Ponte) pelo casamento de D. Luísa Joana de Gouveia, em 1727, com Miguel Henriques de Castro, de Vila de Rei, Bispado da Guarda.

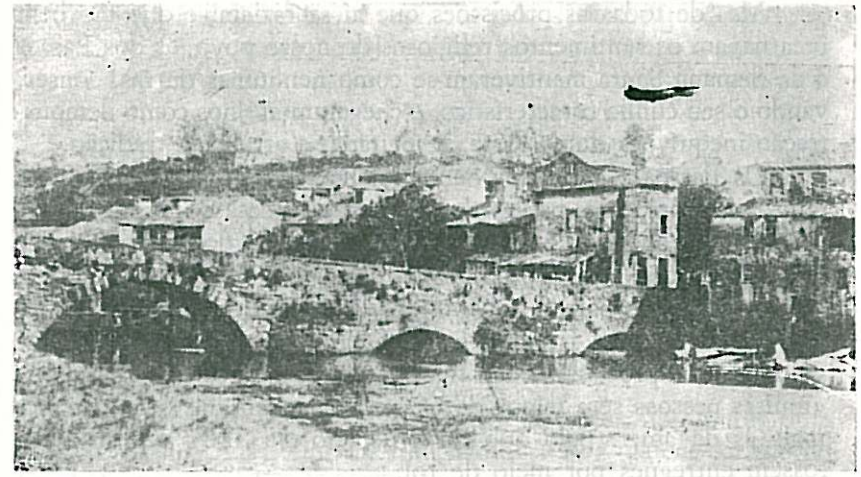
(6) Menciono, por exemplo, o «Charra», que em 1813 fez um hábito para o S. Francisco levar no andor por 360 réis. *[Veja-se o que escrevemos sobre o assunto em* As Artes do Ferro, uma longa tradição, *in* Aveiro e o seu Distrito, *n.º 37].*

o povo, guardou até há poucos anos ainda essa curiosa prática do «Bodo de S. Pedro», indo de romagem à sua ermida, ali no alto das Chãs, a benzer as pequeninas boroas, perfumadas de erva doce, que depois de bentas eram dadas por esmola, sob o olhar benigno do Santo chaveiro do céu? Por sinal que no ano de 1722, quando ali se realizava esta cerimónia, e procediam à repartição do Bodo, houve tal reboliço com bengalas, paus e cabeças rachadas, que a função chegou a ser proibida!... Mas depois lá continuou, na sequência de uma antiga e interessante tradição local.

Os séculos passam; e se muitas destas coisas vão ficando sepultadas no seu rasto, outras vão-se entretanto mantendo quase com o seu sabor primitivo. Não temos já hoje a antiga Procissão da Cinza, talvez o cortejo religioso mais rico de figurado que aí se fazia, com a figura do Adão oferecida por Ana Rita Guerra no ano de 1795; com o Crespo velho a tocar as tréculas, pelo que ganhou no ano de 1815, juntamente com uns rapazes que levavam hábitos, 240 reis; e ainda com um corpo de Milicianos autorizados pelo Julgado de Esgueira para irem na procissão, como aconteceu no dito ano de 1815, além dos andores que não eram poucos, e doutras figuras como o Paraíso, a Eva e o Anjo Querubim; em 1822 devia ele ir um primor, pois enquanto o vestido da Eva importou em pouco mais de seis tostões, com o daquele anjo dispendeu-se a quantia de 3.000 reis!... Mas a procissão compunha-se ainda de mais figurado, cantores, uma orquestra de pífaros, etc.; dum rol do ano de 1819, vê-se que vieram aí cantar os Padres de Travassô, pelo que se lhes deram 2.160 reis, e das diferentes verbas de despesa, nota-se o maior empenho por parte da Ordem, para que nada faltasse. Até o José Pintor, segundo vejo das contas de 1815, fez e pintou umas «bichas de serapilheira», trabalho por que levou 480 reis, e que julgo irem penduradas na árvore que o Adão levava empunhada, símbolo do Inferno!

E enquanto a procissão percorria as ruas da nossa terra ao som do tambor dos Auxiliares, das tréculas tocadas pelo Crespo e da barulheira dos pífaros assobiados pelo rapazio de Águeda, um frade de Serém, lá em cima na igreja espevitava a memória, e preparava-se para dizer o sermão de S. Francisco, recebendo por isso 1.200!

* * *



[A velha ponte foi substituída em 1882. Com a demolição das casas da Rua da Ponte e do Barril e o alargamento da Praça Nova alterou-se a fisionomia do velho burgo].

Cais das Laranjeiras. O lugar de Além da Ponte. À direita, Casa de Miguel Henriques de Castro (Casa da Ponte).

Mas de todas as procissões que aí se faziam, e que tão bem incarnavam os sentimentos religiosos do nosso povo, as dos Passos e da Semana Santa mantiveram-se como nenhumas outras, conservando o seu cunho característico, e chegaram até nós como demonstração inequívoca duma forte, respeitada, e arraigada tradição.

Os Passos e a Semana Santa solenizavam-se em Águeda com muito concurso de povo, desde recuadas datas; já em Visita Pastoral, no ano de 1668, se ordenava aos mordomos do Senhor que pagassem a 6 padres para cantarem os ofícios, número que em 1794 foi elevado para 8. Quanto aos Passos, vê-se que nos fins do século XVII era a Irmandade do Senhor Jesus que fornecia as velas para a procissão, mas tiveram de acabar com isso, porque «muitas pessoas sem temor de Deus» chamavam-lhe suas, e nunca mais as davam... pelo que foi ordenado em 1681 que as velas fossem entregues por meio de rol.

* * *

Tentámos fazer, embora em pinceladas muito rápidas, um esboço do que foi Águeda Antiga, na sua gente, nos seus costumes e tradições. E se não fossem bem limitados o espaço e o tempo de que na ocasião dispomos, quantas coisas mais, leitor amigo, tinha para te referir! Devia pôr já ponto final, mas ainda te convido a dar uma volta, fugidia embora, por algumas das ruas da nossa terra; quero apresentar-te mais alguma gente daqui, de que te não falei: daquela que era conhecida por alcunhas, pitorescas, inofensivas... [6] Vamos à Venda Noca ver o Lão, as Frangas, o Galhano, o Charra, o Lapas, o Maneta e o Pelicas, que ali moravam no ano de 1795. Desçamos à Rua de Cima, onde na mesma data encontraremos a Catarina do Forno, o Tormenta, o Cabaço e a Crespa. Na Rua da Ponte, os Bichos. No Barril, os Coelhos; e na Rua de S. Bento, os Gaitas, etc., etc.!... E... já agora... se fôssemos também consultar as bruxas?... É que as houve na nossa terra de grande nomeada! E não se pense que só o povo humilde as procurava e recorria às suas artes... Já lá está há muito na terra da verdade, o nosso conterrâneo Padre António de Figueiredo que, estando doente, «se curara com bruxas e feiticeiras, dando crédito a suas mezinhas e usando delas», o que

deu certo escândalo na terra, a avaliar pelo depoimento do ferreiro João de Pinho, quando ouvido num processo sobre o caso, no ano de 1650 [6].

* * *

Havia ou não de tudo em Águeda? Se até cá tivemos uma Santa?!... Vamos então acabar com esta pequena e curiosa transcrição tirada dum velho tombo de famílias onde se refere que, — Francisca de Paiva Soares, natural de Águeda, aqui foi sepultada em 1680 *e seu corpo, passados 80 anos, estava incorrupto e deitando agradável cheiro em certas ocasiões* (7).

Esta legenda, ficaria talvez melhor entre as iluminuras dum *Flos Sanctorum,* mas também aqui não destoa, a marcar o traço de bondade que aureolou o nome duma mulher da nossa tetrra, em época já tão remota!... [7]

(7) Manuscrito existente numa biblioteca da vila de Soure, de que me foi dada referência pelo estudioso investigador rev. P.e Francisco Ladeira, pelo que lhe consigno aqui os meus agradecimentos.

[1] *Serafim Soares da Graça publicou este trabalho em 1941 no* Anuário-Agenda *organizado por Raúl Conde. É um artigo de síntese, de acordo com as características daquela publicação. Alguns dos aspectos aqui focados sumariamente serão desenvolvidos pelo autor em outras circunstâncias, em especial, nas colaborações no* Arquivo do Distrito de Aveiro, *na revista* Aveiro e o seu Distrito *e na* Soberania do Povo. *Volvidos mais de quarenta anos, não será necessário chamar-se a atenção para a desactualização dalgumas referências temporais.*

[2] *As informações recolhidas dos* Registos Paroquiais *confirmam, à saciedade, o que o autor refere. Só entre 1701 e 1710, dos 129 casamentos lavrados nos assentos da freguesia de Águeda, em 49 dos termos um dos nubentes não é de Águeda, ou seja 38% da totalidade, como concluí, num estudo sobre a nupcialidade naquele período, o Dr. Manuel Joaquim Santos Figueiredo.*

[3] *Por sua vez, o mercador Domingos João era natural de Arrifana, freguesia de Santa Eulália de Besteiros, fixando-se em Águeda pelo casamento com Catarina Antónia, filha de António Fernandes e Maria Pires. Habilitou-se a familiar do Santo Ofício, em 20 de Junho de 1608, e é largamente referenciado como proprietário e foreiro no* Tombo da Igreja *de Águeda. Veja-se o que escreve Soares da Graça em* Capelas públicas e particulares da Freguesia, *que adiante se reedita, a propósito da Capela do Menino Jesus na Igreja de Águeda.*

[4] *Vale a pena acrescentar-se mais alguma informação acerca deste aguedense notável e socorremo-nos do Conde da Borralha* (Águeda, subsídios para a sua história, *in A.D.A., vol. I, 1935, pp. 180-181). Filho de Pedro Jorge, o das Laranjeiras, e de Maria Pinheira, professou no Convento de Lisboa da Ordem dos Pregadores em 1589. Provincial eleito em 1634, Prior do Real Convento da Batalha, Deputado da Inquisição de Coimbra e Lente da Universidade de Coimbra durante mais de 20 anos, recebeu várias mercês dos reis D. Filipe III e D. João IV. Alguns dos seus mais importantes sermões foram publicados: «Sermão no auto de fé que se celebrou em Coimbra a 29 de Março de 1620», pelo impressor de el-rei, Pedro Crasbreeck em 1620; «Sermão nas festas da canonização de Santa Izabel Raynha no mez de Outubro de 1625», por Diogo Gomes Loureiro, em Coimbra, em 1628 e «Sermão dando a Deus graças pelo nascimento do príncipe Balthazar Carlos», pelo mesmo impressor, em 1630.*

[5] *Já na documentação dos Tombos dos séculos XVI e XVII são vulgares as alcunhas e numerosas, algumas delas bem pitorescas. Entre 1701 e 1710, o Dr. Augusto Semedo, no seu trabalho sobre a natalidade na freguesia de Águeda, chama-nos a atenção particularmente para duas delas* — Sucena e Canas —, *que passaram a constituir apelidos de famílias actuais espalhadas pela região.*

[6] *É possível que se trate do P. António de Figueiredo que, na Visitação de 1660, fora acusado de ensinar gramática sem licença de Cúria. O P. Francisco Ladeira* (Município de Águeda, *vol. I, s.d., p. 114) aponta a data de 1610, o que supomos ser um lapso porquanto esse sacerdote seria cura de Águeda em 1662. Parece-nos mais verosímil aquela data pois, na Visitação de 30 de Agosto de 1660, o Arcediago encontrou em outros dois sacerdotes, um dos quais do mesmo apelido, irregularidades semelhantes.*

[7] *Soares da Graça completará esta reconstituição da Águeda Antiga com o trabalho* Águeda e a sua antiga fisionomia — *as crónicas que publicou, entre 1919 e 1922, no jornal local* Soberania do Povo, O velho lugar de Águeda. *Os seus escritos são largamente fundamentados na copiosa investigação a que procedeu. Para ele, como para o Conde da Borralha ou para Augusto Soares de Sousa Baptista e José Maria Velozo, «há documentos, como cartas de vendas e de emprazamento, inventários, testamentos, justificações genealógicas, cartas de familiares do Santo Ofício, patentes militares, processos judiciais, processos de habilitação para o Santo Ofício, notas e cartas particulares, etc., que fazem, depois de compulsados, surgir diante de nós, como se houvessem surgido do túmulo depois de vários anos de sono de mármore alguns dos membros dessas famílias de que chegamos a surpreender o gesto e a adivinhar o feitio». (Conde da Borralha,* Apontamentos sobre Águeda, *in A.D.A., vol. XXIX, 1963, p. 289). O conhecimento de uma comunidade vai além da reconstituição material, vive desses gestos e do comportamento, do carisma ou do esforço anónimo. Vejamos como vê o Conde da Borralha Águeda, na última metade do séc. XVII, através da figura de Sebastião de Macedo Pinheiro: «É assim que eu posso ver por um dia de 1663 passar através a velha praça de Águeda, arrastando o passo, trémulo, com a mão pálida e fina crispada sobre uma muleta, de aspecto grave, vindo dos lados da igreja, a figura austera do octogenário Sebastião de Macedo Pinheiro sob um grande chapéu de feltro, a barba branca e o cabelo roçando a gola da camisa que mole e amplamente descai no ombro sobre um gibão de pano escuro; e num solene inclinar de cabeça e demorado olhar de soslaio, para corresponder às cortesias duns e doutros, adivinho a atmosfera que cerca o único familiar do Santo Ofício da terra em cujas boas graças é da boa economia e prudente sabedoria a gente conservar-se. Chegam a ser maravilhosas as ressurreições que se alcançam». (Conde da Borralha,* id., *pp. 289-290). Para outras épocas poder-se-iam elaborar quadros semelhantes, como para os primeiros anos do século, com o Conde de Águeda em atitude semelhante à do velho octogenário.*

O VELHO LUGAR DE ÁGUEDA

Soberania do Povo, 1919 e 1920

Pequenino e modesto, o velho Lugar de Águeda parece ter vivido quase ignorado na história dos primeiros tempos de Portugal, atravessando assim todo o extenso período de guerras, navegações e descobrimentos dos portugueses [1]. É só ao alvorecer do século XVII, que os cronistas se lembram da nossa terra; Águeda é agora discutida; todos os autores desta época filiam a sua origem na velha cidade dos Romanos, afirmação esta que, como vimos já, passou intacta para os séculos seguintes [2].

Muitos escritores trataram este assunto, mas são pouco minuciosas as referências que podem colher-se nas velhos corografias e dicionários geográficos. Até aos meados do século dezoito, o estudo mais completo que se pode ler sobre Águeda é, sem dúvida, a descrição que dela fez o Prior Manuel de Abranches da Costa em 1747; como é um documento pouco conhecido entre nós, não deixarei de transcrevê-lo aqui, pelo menos nas passagens mais interessantes, que dizem respeito ao antigo Lugar de Águeda.

Demos, pois, a palavra ao Prior Abranches da Costa, que tão pormenorizadamente nos descreveu Águeda do século XVIII.

«Agueda (Eminium) Lugar na Provincia da Beira, Bispado de Coimbra, Arcediagado do Vouga, Comarca de Esgueira, Termo da Villa de Aveiro. Está situada na margem do rio Agueda donde tomou o nome, o qual fertilisa os seus campos e cria frondosos e admiraveis arvoredos, que faz a terra vistosa e aprazivel. He cabeça da freguezia d'este nome: consta de 173 visinhos. Ocupa o seu

terreno uma vistosa campina e por fim d'ela um monte, em sitio mais levantado, do qual se descobrem as povoações seguintes:

O Sardão, a Borralha e a Villa d'Assequins, que são da mesma freguezia; a Villa de Recardães do Ducado d'Aveiro; o Lugar d'Espinhel da jurisdicção da Serenissima Casa de Bragança. Reparte se Agueda em quatro districtos a saber: a Villa de Assequins pela parte do Nascente; pela do Poente o termo da Villa de Paos e pela do Norte e Sul a Villa de Recardães. Tem Juiz Pedaneo, sujeito ao Juiz de Fóra da Villa d'Aveiro.

Ocupa a Igreja o lugar mais iminente da terra :a sua invocação he de Santa Eulalia; o Parocho he Prior, apresentado pela Casa de Aveiro, com seis centos mil reis de renda. Ha aqui um hospital de tenue rendimento a que favorecem a grandeza dos Duques de Aveiro com lhe dar ametade dos fóros as casas d'esta terra, e outros legados pios de pessoas particulares que falecem; provê aos peregrinos e assiste aos enfermos: he administrado por uma das pessoas principaes da terra [3].

Ha n'esta freguezia quinze Ermidas, dentro e fóra do Lugar; as que estão dentro d'este Povo, são estas: á entrada, da parte do Norte tem a Ermida de S. Sebastião com todos os paramentos necessarios e huma tribuna doirada; no meio do Lugar huma Ermida da Visitação de Nossa Senhora a sua prima Santa Izabel, de abobeda, obra singular, fundada por Sebastião de Macedo Pinheiro e sua mulher, pessoas nobres, que a dotaram com todos os seus bens e quatro Missas cada semana: tem n'ella em uma targe as armas dos Pinheiros e Macêdos que são as proprias dos instituidores.

A Ermida de Nossa Senhora da Bôa-Hora, que com esmolas do povo e das confrarias foi fundada contigua ao Hospital da mesma terra, para administrarem os Sacramentos aos enfermos.

He esta terra fertilissima e são os fractos que produz em abundancia: milho grôsso, centeio, algum trigo e bastante vinho, feijões e azeite: tem admiraveis hortas, bôas fructas, muito peixe do rio Agueda que por aqui passa; e caça do nome de coelhos, lebres e perdizes.

Tem Agueda treze Lugares e huma Villa que pertencem á sua freguezia que de todos he cabeça, e são estes: Paredes, Sardão, Randão, Borralha, Ameal, Gravanço, Massouda, Gesteira, Rio

Côvo, Raivo, Bolfiar, Chapado, Candão e a Villa de Assequins. Ha aqui em Agueda huma fonte de agua, entre todas as da visinhança conhecida pela melhor, tão fresca em tempo de Verão, que parece nevada e os medicos a mandão dar aos enfermos, assim crúa [4].

Ha tambem n'esta terra familias nobres».

Não termina aqui a descrição de 1747: além do que acima fica transcrito, encontram-se ainda notícias bastante desenvolvidas acerca da Igreja, de algumas obras de arte que ali se podem admirar, das Capelas particulares, dos antigos Cruzeiros de Águeda, etc.. Deixarei de parte este assunto que oportunamente será tratado com o possível desenvolvimento, e tão somente procurarei, por agora, dar uma ideia muito geral do velho Lugar de Águeda.

Nunca será demais repetir que são muito escassos os dados que podem colher-se sobre a nossa terra nos antigos livros histórico-geográficos; o Padre Carvalho da Costa, na sua já citada Corografia de 1708, diz-nos que Águeda tinha então 113 vizinhos (fogos); segundo o Dicionário de Cardoso, este número sobe em 1748 para 173; mas apesar de ser um aumento muito considerável, Águeda não passava, nestes tempos, de um pequeno povoado com a sua modesta Igreja já meio arruinada, coroando a colina central do Lugar.

Na descrição de 1747, não se faz qualquer referência às velhas ruas de Águeda e suas designações; mas em vários documentos do século XVII, já nos aparecem a Rua da Venda Noca e a Rua de Cima e é muito provável que as restantes fossem já conhecidas naquela época pelos mesmos nomes que conservaram até há poucos anos. Num pequeno mapa que possuo, de 1795, acham-se as ruas de Águeda, assim mencionadas: Rua da Igreja e Adro; Venda Nova; Rua da Fonte; Rua de S. Pedro; Rua de Cima; Barril; Rua de S. Bento; Rua da Ponte; Rua de Baixo; Rua da Cancela e Rua da Capela [5].

Não se faz menção neste mapa da Viela dos Padres que do Adro nos leva à Rua de Cima, da Viela que da Igreja seguia pelo Vale das Hortas até à Rua de S. Bento, nem da Viela da Morte em Pé, que partindo do cimo da Rua de S. Bento e seguindo pelo Carreiro ia passar junto do Cruzeiro de Paredes. Eram estas as

antigas ruas de Águeda, algumas das quais conservam ainda hoje os mesmos nomes de então.

Pelo lado do Norte, a Rua da Venda Nova, que se prolongava até às Barreiras; seguindo do pequeno largo de S. Sebastião para baixo, entre humildes moradas, destaca-se a casa do Capitão de Milícias e Quartel Mestre dos Regimentos de Aveiro, José Xavier da Silva (1), que ali vivia em 1770; ao gosto antigo, de construção sólida dos fins do século XVIII, as suas casas, eram as melhores de toda a Venda Nova; alguns passos abaixo, as casas do Dr. José Leonardo Alvares Pereira de Mello (2) e pela Rua da Igreja chegamos ao Adro, um pequeno recinto de forma irregular, plantado de algumas oliveiras e bordado de estreitas carreiras de buxo; o Adro é o ponto mais pitoresco do Lugar: ao longe vêem-se pequenos povoados entre verdes milheirais ou espreitando através das ramarias de árvores já seculares, que os ensombram. Junto da Igreja, que é tão antiga na sua fundação, encontram-se as casas do Cura e do Prior, de alpendre, à antiga; para o lado Norte, está no meio do pequeno cemitério triangualar o Cruzeiro dos Mortos e um pouco retirado para o Sul da Igreja ergue-se o Cruzeiro do Calvário, de inscrição ilegível e cujo princípio se perde na vastidão dos tempos

Não muito longe deste Cruzeiro — o do Calvário — e para o lado do Poente, ficava a Casa do Celeiro do Prior, com quinteiras e outras pequenas dependências, nada disto existindo há já bastantes anos.

---

(1) O Capitão José Xavier da Silva, era natural de Águeda, como consta do registo paroquial arquivado na Câmara Eclesiástica, em Coimbra. Casou com D. Rita Cândida Castello Branco, da Vila de Avô (Coimbra) e era filho de Salvador Rodrigues e Rosa Maria da Silva, também naturais e moradores na Rua da Venda Nova, deste lugar de Águeda. Faleceu a 25 de Fevereiro de 1806. Esta casa pertence actualmente ao sr. Júlio Correia da Silva, desta vila.

(2) O dr. José Leonardo era filho do dr. João Alvares de Mello, Ouvidor que foi em Angola, com Béca honorária, e D. Rosa Joaquina Pereira; neto do dr. António Tomás Alvares e D. Ana Luísa de Mello, que já viviam na Venda Nova em 1730.

A família Alvares de Mello, era uma das melhores e mais distintas de Águeda; os únicos representantes dela, que hoje aqui existem, são: João de Oliveira Baptista, guarda-rios aposentado e Maria Augusta Alvares de Mello (a Nabiça), que vive pobremente.

O Adro não apresenta actualmente o mesmo aspecto que conservou durante alguns séculos: demoliram as Residências do Cura e do Prior, de escadas de pedra e patamar alpendrado [*]; no lugar das velhas oliveiras que desde tempos longínquos forneciam o azeite para as lâmpadas dos Santos, vemos longe acácias variadas, castanheiros da Índia e outras árvores mais; e as estreitas carreiras de buxo que serviam de guarnição às ruas, bem como os velhos limoeiros que trepavam pelas paredes da Igreja à porta da campaínha, tudo desapareceu, perdendo o nosso Adro aquela feição caractetrística dos antigos presbíteros, que tão curioso o tornava. O Cruzeiro do Calvário não tem já a primitiva forma, pouco vulgar por estes sítios e tão interessante, e até a própria Igreja em troca do seu telhado português, coberto de fino e verde musgo, se nos apresenta agora com capa de telha francesa! No interior, também sofreu profundas modificações, não podendo nós encontrar hoje certas particularidades curiosas, que lhe davam um pronunciado tom de antiguidade.

Um pouco acima do Celeiro, via-se o muro, que com a sua porta ao centro vedava o Passal, uma grande extensão de terreno com velhas árvores de fruto, bastante de milho e trigo e algum vinho.

A parte do Passal que corria ao longo das casas da Venda Nova, andava na sua maior parte arrendada aos moradores daquele lugar, de quem o Prior recebia anualmente algumas maquias de milho, de pensão.

Mais tarde, para maior facilidade no amanho das terras, todos os arrendatários da Venda Nova abriram portas para o Passal, ficando a pagar uma prestação que regulava por 300 e 400 reis por ano e que ainda há pouco tempo satisfaziam.

Deixando o Adro, e descendo agora às Escadinhas da Oliveira, — assim chamadas por estar ao cimo delas uma destas árvores — estamos na Rua da Fonte, onde em 1750 vivia o Dr. Luiz de Melo, Juiz de Fóra que foi em Angeja, Gouveia e Bragança; era filho de Francisco de Mello e D. Maria Pinheiro, de Águeda, e casou com D. Maria Madalena de Mello Pinto Beja, da Casa dos Condes de Mello (Gouveia) (3). Alguns passos abaixo, temos o pequenino largo da Capela da Visitação — hoje Praça Velha. Aqui se cruzam algumas ruas do Lugar, calçadas, na maior parte, de

BIBLIOTECA MUNICIPAL ÁGUEDA

grossas e largas pedras. Para o Nascente, sobe entre casas a estreita rua de S. Pedro, que vai ter à Ermida do mesmo Santo, na Chãs; para o Sul, a pequena rua da Capela, que comunica com a Cancela e rua de Baixo, e para o Poente, segue a rua de Cima, que deixando a rua da Ponte, se prolonga pelo Barril até Paredes.

Era a rua de Cima, sem dúvida, a mais importante do Lugar de Águeda: por ela se fazia antigamente todo o trânsito de Lisboa ao Porto, sendo também este o caminho da velha mala-posta.

Na rua de Cima, morava já, em 1763, a família Seixas Diniz; ali vivia em 1760 o Capitão de Ordenanças Dr. Luiz Anselmo Diniz e em 1795 o Dr. Joaquim de Seixas Diniz, Lente em teologia na Universidade de Coimbra (4). Nesta rua ficavam também as casas dos Homens de Macêdo. De construção antiga, com grandes varandas de ferro e pilastras de pedra, tendo ao centro a sua Capela de Santa Ana, fundada em 1752, segundo uma lápide existente na fachada principal, estas casas eram as maiores e melhores que ali havia. Lá habitava já em 1720, a família do Capitão-Mor João Manuel Homem de Macêdo, filho do Dr. Manuel Caetano Homem de Macedo e D. Josefa Luíza de Santa Teresa; casou com D. Catarina Maria Joaquina de Figueiredo, de Águeda, e aqui veio a falecer a 1 de Março de 1796 (5).

Passando ao antigo Hospital e Capela da Senhora da Boa-Morte, tínhamos logo o Barril, um pequeno bairro espécie de beira mar, habitado quase unicamente por barqueiros e sardinheiras. Deixaram fama os Maraús, os Arrancas, os Furavides, os Balreiras e tantos outros, peritos na arte de barquear; os seus quintais, descendo em açudes para o rio, ao correr do velho Cais das Laranjeiras, semelhavam outros tantos pequeninos portos de mar, onde, finda a labuta do dia, eram amarrados os barcos, até que novamente partissem.

Tudo esperava com ansiedade a boa sardinha, que vinda das costas de Aveiro, de S. Jacinto, de Ovar e da Torreira, por aqui passava em direcção às Beiras. E mal os barcos assomavam lá ao fundo do nosso rio, à volta de Paredes, 30 e 40 velas brancas a

(3) (4) (5) Oportunamente nos referiremos a estas ilustres famílias, em capítulo especial. *[As crónicas em que Soares da Graça estuda estas famílias vieram a lume na* Soberania do Povo *entre 1920 e 1922].*

[Cais das Laranjeiras em construção. As obras iniciaram-se em 1890, tendo ficado concluídas em 1905, após a expropriação das casas e quintais da Rua do Barril.
Fotografia da colecção de António Breda].

[Cais das Laranjeiras. Pode ver-se ainda o edifício do velho Hospital, que não chegou a ser utilizado.
Fotografia da colecção de António Breda].

esvoaçar, apareciam logo no areal as sardinheiras, as contadeiras e as empilhadeiras.

As serranas enchiam as suas canastras, que cobriam com peles de cabra, e envoltas nas suas grossas «capuchas» de burel, lá iam vender a sardinha, de povoado em povoado, para além do Caramulo; os almocreves, vestidos de saragoça, com jaleca e carapuça, trepavam pela serra arriba com os seus machos a vergar, ao peso de grandes cargas.

Depois tínhamos a praça, com as velhas regateiras a apregoar a sardinha, grande, de «lombo azul», como elas diziam. A 25 e a 30 por um vintém. Uma farturinha! Andava o povo satisfeito e regalado! Hoje tudo acabou e só a tradição guarda ainda o nome das velhas regateiras de Águeda, que com os seus ralhos, os seus berreiros e as suas pragas, marcavam uma nota tão típica e tão alegre, na vida da nossa terra.

Às vezes, as raparigas do Barril «mimoseavam as regateiras com esta quadra de pé quebrado, que ainda em 1840 ali se cantava, e que era uma espécie de «chá» bem quente a escaldar aquelas «línguas de prata»...

Senhora da Boa-Morte
Que morais às «Laranjeiras»
Dai-me a morte que quiserdes
Mas livrai-me das «Regateiras»...

O Barril era, noutros tempos, o lugar de Águeda onde mais vida havia: a chegada dos barcos ao velho Cais das Laranjeiras, as graçolas e o cantarolar satisfeito dos barqueiros; os ralhos das sardinheiras e o campainhar dos machos que os almocreves traziam da serra; todo este remexer de pessoas e de coisas imprimia àquele pequeno bairro uma nota deveras original e animada. Mas era sobretudo pela Senhora da Boa Morte, que se festejava na sua Capela do Hospital, a 15 de Agosto, que a gente do Barril se mostrava mais garrida e mais alegre.

Durante os dias da festa não iam os barqueiros à sardinha, nem se fazia negócio: descansava-se um pouco das lides de todo o ano. As raparigas enfeitavam as ruas com cordões de buxo e ramadas de árvores; no rio, os barcos bem lavados da salmoira,

com os seus mastros esguios, revestidos de alecrim e murta, eram todos embandeirados ao despique, a ver qual ganhava o prémio que era costume dar ao que melhor se apresentasse. No areal, havia danças em pavilhões, acompanhadas à viola pelos barqueiros, cantava-se «a caninha verde», a «chulinha» e tantas outras modas lindas, que os pares dançavam com arte, obedecendo aos sinais do «marcador», que em voz alta dirigia os ranchos. Pela noite fora, descantes, fogo de roda e vistosas iluminações; assim passava a véspera da Senhora da Boa-Morte, com muita alegria, muita animação!

No dia da festa, assoalhavam os trajos bonitos, metidos na arca de castanho durante um ano inteiro. Os homens vestiam alvas camisas de linho, com peitos em cassa pregueada, botões do mesmo pano e grandes colarinhos de bicos, engomados; calça larga e jaqueta. As mulheres, com saias de «grande-roda», de lustrim ou ganga azul, usavam capas em baeta cor de pinhão ou verde escuro, que as cobriam até aos pés. Algumas, ainda tinham «roupinhas», de casaco comprido e manga larga, terminando em funil; na cabeça traziam lenços brancos de «filó» bordado, engomados, que guardavam para estes dias.

As raparigas, essas, tinham os trajos mais bonitos: saias em chita de vivas cores, às ramagens; coletes de fustão lavrado, aos recortes, camisas de fino linho, com mangas aos bofes no ombro, apertadas no punho e guarnecidas com pequenos folhos de cassa ou morim; usavam também capas mais curtas, debruadas a veludo, e lenços de linho ao xadrez. No dia da festa punham ao pescoço grossos cordões de oiro e grandes arrecadas, algumas em delicados filigranas, com finos esmaltes em azul [7].

À tardinha, saía a procissão, seguida de todo o povo do Barril, que cantava Ladainhas; das janelas e postigos de todas as casas, pendiam largas colchas, na maior parte de chitas das mais variadas cores. E entre alas de barqueiros, com as suas opas de seda, vinha o andor da Senhora da Boa-Morte, que semelhava um pequeno barco, doirado.

Percorridas algumas ruas do Lugar, a procissão ia dar volta ao Senhor da Ponte, (o velho Cruzeiro da Ponte, demolido há muitos anos já) recolhendo em seguida à Capela do Hospital. Terminava assim esta festa, que de velha data os barqueiros costu-

mavam fazer à Senhora da Boa-Morte e que há muitos anos deixou de efectuar-se.

No Barril, havia também as suas modas, os seus trajos característicos e os seus costumes. E se as raparigas dali não usavam rendas de Bruxelas, nem conheciam mesmo os nossos «bordados de Viana» e «Bilros» de Peniche, tinham contudo as suas rendas de «espiguilha», as suas meias de linho bordadas a «ponto de nó» e mais uns pequenos lenços de mão bordados que serviam pelas festas.

Hoje, do antigo Barril, só resta o nome: Demoliram casas, abriram ruas, plantaram árvores; já lá não há Hospital nem Capela; morreram os antigos barqueiros e sardinheiras, e a própria Senhora da Boa-Morte, que todos os anos, sentada na sua cadeirinha aos ombros robustos dos barqueiros passeava as ruas do Lugar de Águeda, cobertas de junco e rosmaninho, encontra-se agora encerrada num pequeno oratório, na velha sacristia de S. Francisco, da nossa Igreja, onde mora há já anos, esquecida, abandonada... [8]

Deixemos por agora o Barril com os seus costumes, festas e toda aquela vida tão sua, e sigamos à margem do rio, pela velha estrada de Paredes.

Passamos às casas do Capitão-Mor João da Silva Ribeiro, filho do Capitão José Luiz de Sousa Ribeiro e D. Caetana Luísa de Figueiredo, que já morava na Rua do Barril em 1780. Aqui vivia também a família Pereira Guimarães; habitou lá em 1880 o Capitão do Regimento de Milícias do Coronel Trant, Joaquim José Pereira Guimarães, filho do Capitão-Mor José Pereira Guimarães (natural de Guimarães) e D. Josefa Caetana da Rosa Magalhães, de Águeda; casou com D. Josefa Margarida de Sousa Ribeiro, também de Águeda, onde mais tarde faleceu. A pouca distância das últimas casas do Barril, e num pequenino largo, estava o antigo Cruzeiro de Paredes, com a sua abóbada sustentada em quatro colunas de pedra branca lavrada e que ainda hoje ali se encontra, embora com pequenas modificações e um pouco desviado do seu primitivo lugar.

Ao Cruzeiro de Paredes, vinha desembocar a Viela da Morte em Pé, que, atravessando ao Carreiro, seguia até ao cimo da Rua de S. Bento. Subindo esta viela, e pouco antes de terminar o seu percurso, temos a travessa de S. Bento, que cortando a rua do

«No Barril, havia também as suas modas, os seus trajos característicos e os seus costumes».
[Fotografia de 1880 com um Rancho de Agueda nos Jardins da Alta Vila.
Fotografia da colecção de António Breda].

mesmo nome, passa ao Vale das Hortas e parte para o Adro. À entrada desta travessa e à direita de quem desce, está uma antiga casa, com largas portas e janelas de umbrais em pedra vermelha, tendo metido na parede um lindo nicho da mesma pedra, aos lavores, e nele uma imagem de S. Bento.

Envolto nas suas vestes arrendadas, de barbas até à cinta, e báculo em punho, o Santo parece querer indicar-nos que fica ali perto a sua rua; com efeito, descendo alguns passos estamos numa pequena ladeira, calçada como a travessa de grandes e mal aparelhadas pedras. Desde tempos muito antigos, se chama a esta rua — a Rua de S Bento — e na travessa existiu durante muitos anos uma imagem deste Santo, por quem o povo das ruas próximas tinha uma particular devoção. E mal se rumorejava que havia peste, ou grandes calamidades se anunciavam, toda aquela gentinha acorria pressurosa à casa de S. Bento, a implorar o seu auxílio: engrinaldavam o nicho com flores, acendiam velas, e todos, joelhos em terra nas duas lajes da calçada, murmuravam preces, diziam orações::

«S. Bento, glorioso Patriarca S. Bento;
Afastai a peste do nosso aposento».
Padre-Nosso...

E para ali estavam muito tempo a rezar. Alguém, de entre a multidão, recitava o terço em voz alta e todos respondiam contritos, arrependidos dos seus pecados...

Quantos lamentos, quantos terços e novenas, não ouviu através dos tempos, o pobre do S. Bento, cujo paradeiro hoje se ignora? Tiraram também o nicho, e apenas ficou a casa com as suas janelas e postigos de «aventais» de pedra, o seu páteo e pequeno alpendre.

Mas não era só em casos de peste e grandes desgraças que aquela gente se lembrava de S. Bento: em muitas outras ocasiões, a ele recorriam, confiados sempre no seu valimento.

De verão, se acontecia que as formigas, à procura de mantimentos, invadiam os armários e as despensas, eram logo cortados centos de papelinhos e escreviam neles orações, pedindo a S. Bento que «afastasse as formigas daquele aposento» e que eram colocados nas gavetas, nas prateleiras e por todos os cantos da casa; ainda há poucos anos, se punha em prática este velho costume, nalguns lugares da freguesia de Águeda.

Mas que fiquem em paz o S. Bento e a antiga casa onde morava, que é, incontestavelmente a «relíquia» mais interessante; que hoje existe, do velho Lugar de Águeda, e mesmo talvez a que melhor caracteriza as construções dos pequenos bairros portugueses das nossas vilas e aldeias do século XVIII; vamos ver a sua rua: é uma estreita ladeira a subir, que vai pegar na viela do Forno, seguindo para S. Sebastião, à Venda Nova. Olhando do meio desta rua para cima, temos a impressão que estamos em frente de um trecho marroquino; as casas, comidas da tinha, a esboroarem-se, com as suas varandas de madeira, já carunchosas e páteos de pedra ao correr da rua, parece despenharem-se umas sobre as outras, tal a pequena distância que as separa.

A parte superior da Rua de S. Bento apresenta-se-nos ainda hoje com todo o seu aspecto de velhinha, o mesmo não sucedendo à parte de baixo, que já tem as suas casas novas, cobertas de telha francesa; a calçada também foi em parte substituída por lanços de pedra, mas não obstante estas alterações é esta rua ainda hoje a que melhor conserva aquela feição própria dos antigos e modestos bairros da nossa terra.

Desçamos agora. Encontramo-nos outra vez na Rua do Barril. Passemos agora à Rua da Ponte.

Chegámos à Rua da Ponte; dum e outro lado, modestas e mal alinhadas casas, tendo às janelas grandes vasos com craveiros vermelhos e mangericos. Sigamos por esta rua e vamos até cima da velha ponte, de olhais em pedra vermelha, já carcomida pelo poder dos tempos. Paremos aqui um pouco a ver toda aquela azáfama que vai no areal.

As contadeiras, de manga arregaçada, contam com desembaraço a sardinha; e as empilhadeiras, que estão ao lado, vão-na acamando e salgando nos cabazes. Na outra margem do rio, junto ao pequeno Cais do Botaréu, estão alguns barcos carregados das mais diversas mercadorias; sacos de arroz e de açúcar; panos, bacalhau, ferragens e tantas outras coisas que em breve serão transportadas a distantes terras.

Atracadas aos salgueiros, vêm-se as bateiras que à noite hão-de servir no «Candeio» e no areal da roupa, suspensas de empas espetadas na areia, secam as redes, que toda a noite carregaram com peixe. Mais acima, as lavadeiras cantam alegremente, ao compasso do bater da roupa na tripeça. Era este o aspecto do cais e rio Águeda, em tempos que já lá vão...

Nas antigas estalagens de Além da Ponte, estão os carreiros, os almocreces e as sardinheiras, até que chegue a hora de partirem.

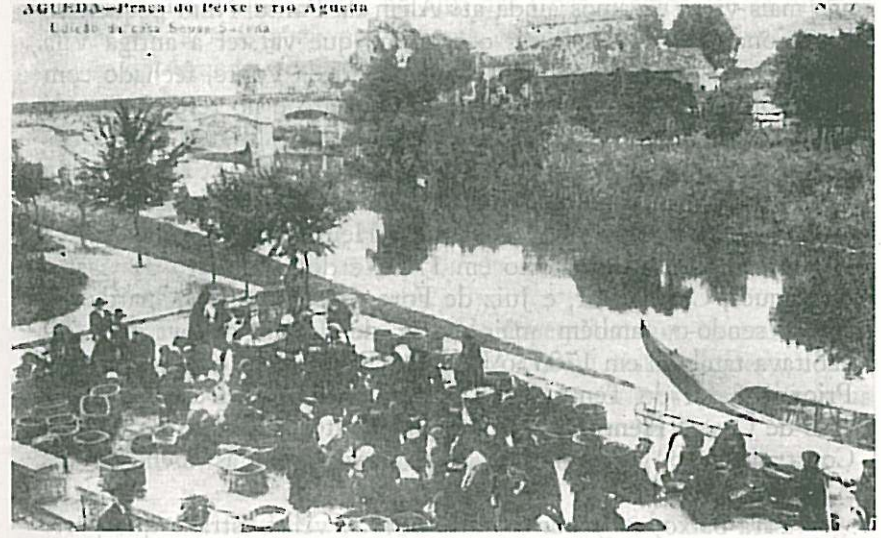
Sentados à volta de compridas mesas de pinho, os almocreves comem em grandes tigelas vermelhas, o caldo e o cozido; as serranas e os carreiros, uns sentados, outros de pé, com um bom naco de boroa na mão, saboreiam o peive do nosso rio, frito ali mesmo, à hora da estalagem: — tirar da péla e pôr no pão — como eles diziam. Bebem a sua malga de vinho e depois de uma pequena sesta, estão aptos a caminhar léguas e léguas.

O gado, descansa também nas cavalariças e currais que ali há para esse fim e lá para a tardinha, toca a partir. Os bois são postos aos carros, e uns, vão carregar os cabazes da sardinha, que ficaram no areal; outros levam as mercadorias que estão no Botaréu. Partem todos à uma, a caminho das Beiras, ao som dos chocalhos que os bois levam ao pescoço; vão para Tondela, para Santa Comba, para Viseu. As sardinheiras e os almocreves, galgam as serras e de porta em porta, vendem a sardinha por todos os povoados d'aquém e além Caramulo.

Ficava o nosso Cais silencioso por algum tempo, ouvindo-se apenas, lá mais ao longe, o cantar de alguma lavadeira. Mas mal a noite descia, começavam os preparativos para o Candeio e então, tanto o Cais como o rio, tinham nova vida, nova animação; os pescadores, pegavam das bateiras e das redes e de fisgas em punho lá iam: uns para o Sardão até ao Soito do Rio e mais longe ainda; outros, descendo a Paredes, continuavam até Almear.

Nas bateiras, levavam fogueiras acesas, que projectando clarões nas águas tranquilas do rio, vistas à distância, davam a impressão de regatas nocturnas. Enchiam as bateiras; havia peixe a rodos: 50 e 60 sáveis, só num poço! Trutas, bordalos, bogas, barbos, tudo abundava; às vezes, apareciam também boas lampreias.

«Mais acima, as lavadeiras cantam alegremente, ao compasso do bater da roupa na tripeça». (Fotografia da colecção de António Breda).



«As contadeiras, de manga arregaçada, contam com desembaraço a sardinha; e as empilhadeiras, que estão ao lado, vão-na acamando e salgando nos cabazes». (Fotografia da colecção de António Breda).

Na volta do candeio, já pela madrugada, cozinhavam-se belas caldeiradas no areal e quando o sol rompia estavam já na Praça os barqueiros a pregoar o peixe fresco, por um tostão ou seis vinténs já se tirava um lanço bom. Oh tempos de fartura! Oh tempos de alegria!

Hoje, nada disto existe, e só a saudade recorda esses tempos fartos, que não voltam mais!...

Para onde fugiu o peixe do rio Águeda, que era o ganha pão de tanta gente?

Onde estão os antigos barqueiros e os seus barcos que aos vinte e aos trinta, velas brancas inchadas ao vento, coalhavam o nosso rio?

Que é feito das antigas «Cambôas» e «guelrichos» dos nossos pescadores que já se não vêem a enxugar no areal? Para onde se deslocou todo aquele movimento de transportes e mercadorias, que tornava Águeda tão rica e comercial?

Tudo morreu. Nada vemos agora, que nos lembre a vida daqueles tempos, tão lindos e tão alegres!

Mas deixemos a evocação destas coisas, que morreram para não mais viver e vamos ainda até Além da Ponte. Num pequenino largo, onde vem desembocar o caminho que vai ter à antiga Vila de Recardães, está o antiquíssimo Cruzeiro da Ponte, fechado com duas portas de ferro. Próximo deste Cruzeiro e no terraço que dá para o rio, ficavam as casas do Sargento-Mor Miguel Henriques de Castro, que ali vivia em 1730; casou com D. Luísa Joana de Gouveia, da Ponte de Águeda, onde mais tarde faleceu. Eram estes os pais do Dr. José de Castro Henriques, Desembargador que foi da Relação do Porto em 1701, e do Dr. Pedro de Castro Henriques, Corregedor, e Juiz de Fora da comarca da Guarda em 1802, sendo-o também mais tarde de Idanha-a-Nova [°]. Ali habitava também em 1783, o Rev. Dr. Paulo Henriques de Castro, Prior que foi de Tentúgal (Coimbra), filho do Desembargador José de Castro Henriques e D. Maria Quitéria Ribeiro de Castro. Construídas ao gosto antigo, estas casas eram as melhores de Além da Ponte.

Para baixo, e de um e outro lado da velha estrada que parte para o Sardão, ficam algumas casas, baixas e arruinadas; lá se vêem as estalagens onde comiam e descansavam os almocreves.

Atravessemos novamente a Ponte e cortemos aqui para a Rua de Baixo, que ainda lá não passámos.

Eis-nos na Rua de Baixo, a mais larga de todo o Lugar de Águeda. As casas, na maior parte construções baixas, com os seus cumes esguios e tectos apainelados em castanho, apresentam mais ou menos o mesmo aspecto das que já vimos nas outras ruas.

Passando a Rua de Baixo, temos logo a Cancela, onde em 1740 vivia o Capitão-Mor Caetano Barreto; aí habitava também em 1790 o Dr. Luís Barreto Torres de Figueiredo, da ilustre família da Casa da Espertina. Ainda hoje há na Cancela uns prédios a que chamam — a Torre — sendo muito provável que eles tenham pertencido àquela família e conservassem até hoje o nome dos seus antigos possuidores [10].

À Cancela, vem ter a velha estrada da Vila de Assequins, que nós deixaremos, para passar à Rua da Capela. Pequena, estreita e mal calçada, leva-nos em frente da Capela da Visitação de Nossa Senhora a Sua Prima Santa Isabel, de que já falámos ao passar para o Barril. Não nos demoremos aqui, e subamos à Rua de S. Pedro, uma estreita ladeira entre casas, que termina junto da Ermida do mesmo Santo, no alto das Chãs. Vamos até às últimas casas desta rua, e aí, na pequena esplanada que domina todo o Vale de Águeda, admiremos o pitoresco quadro, que à nossa vista se estende.

Lá em baixo, alarga-se o Vale de Águeda, um vasto oceano de verdura, bordado ao longe pelos diferentes cabeços que o limitam: os montes do Soito do Rio e do Vale d'Álvaro; da Borralha, do Redolho, do Atalho e das Corgas; lá mais ao longe a Vila de Recardães, e ao meio corre o rio de margens verdejantes, orladas de choupos e salgueiros.

À esquerda, fica-nos a Vila de Assequins, com os seus fogos, a sua casa da Câmara e Pelourinho. À direita, temos Águeda, espreguiçando-se até ao rio, que vem beijar as últimas casas dos seus pequenos outeiros.

E assim termina a nossa jornada.

Procurei dar uma ideia, embora muito geral, do Velho Lugar de Águeda. Falei da «Águeda Antiga», sem fábricas de telha nem de loiças, sem «chalets», nem «Vilas»: — só com as suas casas

muito caiadinhas de branco, de cumes esguios e grandes varandas de ferro com os seus vasos de alecrim e mangericos...

«Águeda Antiga» — com o seu Cais das Laranjeiras junto à velha ponte, onde os barcos carregados de sardinha ancoravam, todos em carreira, semelhando uma pequena flotilha...

«Águeda Antiga», de ruas tortas e mal calçadas, com o seu antigo Presbitério e os velhos Cruzeiros do Adro, de Paredes e da Ponte...

Foi esta Águeda assim, tão humilde mas tão portuguesa, que eu tentei esboçar, nas modestas crónicas que passaram.

Agora, concretizarei um pouco mais, esforçando-me por dar uma ideia, tão completa quanto possível, do que em Águeda tem havido de notável e digno de menção: construções antigas, obras de arte, crenças e costumes antigos. Evocarei tatmbém a memória dos que foram grandes nesta terra e que a honraram com o seu talento, com o seu trabalho: — Sábios Doutores, abalizados Mestres, austeros Sacerdotes, bravos Capitães, humildes Frades, notáveis Médicos, famosos Pregadores de tudo aqui houve; a todos me referirei, na medida dos meus conhecimentos [11].

Ficarão, por certo, no olvido muitos nomes que não deveriam esquecer, e que deviam ser mostrados aos vindouros, como exemplos a seguir, de honradez e de bravura; muitas coisas que foram grandes e que a voragem do tempo apagou; mas não é minha a culpa: e se um dia, num trabalho mais aturado sobre estes recuados tempos, notar que tal falta se cometeu, farei a devida reparação.

....

Honrados Lavradores, que mourejastes de sol a sol, e que com tanto carinho amanhastes as vossas geiras, transformando incultas charnecas nos viçosos campos que hoje nos dão o pão: não me esqueci também de vós; aí vai pois a minha homenagem.

[1] Soares da Graça escreve estes textos ao longo dos anos de 1919 e 1920 e, embora não não possuisse formação específica ao nível dos estudos históricos e desse excessivo crédito às, quase sempre, fantasiosas descrições de corografias e se detivesse em longas listas genealógicas, assume, no entanto, perante o documento escrito uma postura de assinalar. Repare-se que os estudos económico-sociais da história local só mais tarde ganham expressão na historiografia portuguesa.

[2] Esta questão, já mesmo quando o autor assina estas crónicas, estava objectivamente esclarecida. (Ver Adolfo Portela, Águeda; *Conde da Borralha e o nosso estudo* Os Primeiros Senhores de Águeda).

[3] Trata-se do provedor P. José Ricardo de Araújo, que administrou o Hospital entre 1747 e 1754. Antes dele, foi provedor, entre 1743 e 1746, Caetano Pedro Soares, que haveria de voltar a administrar o Hospital por largo tempo, entre 1762 e 1775. (Cap. José Maria Coutinho, A Santa Casa da Misericórdia de Águeda, *pp. 92-93).*

[4] É no local desta fonte, na Praça Velha, que é implantado em 1870 o chafariz do escultor José da Silva Proa. Velozo já alude às qualidades da sua água. (Eminio, *in Escola Popular, n.º 9, de 2 de Julho de 1870).*

[5] Leia-se o que escrevemos na nota n.º 4 ao texto Águeda e a sua antiga fisionomia.

[6] As vivendas do Cura e do Prior foram demolidas em 1893 e o celeiro em data próxima à conclusão, em 1868, da Escola Conde Ferreira.

[7] Assinale-se a rigorosa descrição dos trajes que o autor faz. Soares da Graça, na sua reconstituição, ter-se-á inspirado no trajar de um grupo que se exibiu em 1880 nos jardins da Alta-Vila. E na sua revista de costumes locais, Do Barril à Venda Nova, *representada para fins de beneficência no Aguedense Pathé Cinema, em Janeiro de 1934, com música de José Pedro S. de Melo Junior e sendo ensaiador o Dr. António Gomes da Costa, as raparigas e os rapazes vestiam de igual modo. E da mesma forma se apresentou o grupo ensaiado por Neca Carneiro quando em 1940, em Lisboa, participou no duplo centenário. (Veja-se Raúl* Conde, Por Águeda, Divagações Etnográficas, *Gráfica Ideal, Águeda, 1960 e Armando Santos, crónicas na* Soberania do Povo *em Julho e Novembro de 1959).*

[8] O antigo Hospital — no Tombo de 1533 as casas dos «albregeiros» e «ospitaleiros» e em 1788 três salas, dois quartos e duas cozinhas, além da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte — esteve localizado na Rua do Barril, na embocadura da R. Ferraz de Macedo. Foi demolido para abertura da estrada Porto-Lisboa em 1858. Em 1859 construiu-se um novo edifício, também na R. do Barril, no local onde funciona actualmente o Banco Pinto Sotto Mayor. Por não oferecer condições, nunca foi utilizado e acabou por ser vendido em 1901. Já antes desta data e até 1922, o Hospital instalou-se em casas privadas. O Conde Sucena construiu, a expensas suas, um novo edifício, que ficou totalmente concluído em 1909 mas que, por razões que o Cap. José

Maria Coutinho refere (Ob. cit., *pp. 194-195), apenas foi inaugurado em 15 de Agosto de 1922.*

A imagem de Nossa Senhora da Boa Morte esteve na capela do Hospital antigo, transitou para a capela anexa ao edifício construído em 1859 e demolido este, entre 1901 e 1922, estaria num pequeno oratório na igreja de Águeda. Hoje encontra-se na Capela do Hospital.

[9] Veja-se a nota n.º 7 a Águeda e a sua antiga fisionomia.

[10] O Dr. Luís Barreto Torres de Figueiredo, eleito pela primeira vez Provedor do Hospital de Águeda em 1787, e por aclamação, nessas funções se manteve durante 31 anos, até 1818. Só motivos de saúde e governo dos seus bens o levaram a pedir, aos 79 anos, a sua substituição. O velho Hospital do Barril prestou serviços a soldados enfermos, nacionais e estrangeiros, durante as invasões francesas e outras acções militares. Lembre-se que, na 2.ª invasão, o Quartel-General do General Trant esteve sediado no Sardão.

[11] O autor escreverá na Soberania do Povo, *entre 1922 e 1924, um conjunto de crónicas sobre numerosas famílias locais, embrião de uma monografia que não chegou a concretizar.*

A RIA DE AVEIRO E OS RIOS VOUGA E ÁGUEDA

NA SUA RELAÇÃO COM A ANTIGA MERCÂNCIA BEIRÃ

Aveiro e o seu Distrito, n.º 1, 1966

Nem toda a gente que admira embevecida as belezas da Ria e os encantadores aspectos paisagísticos dos nossos rios Vouga e Águeda avaliará devidamente, e em toda a sua extensão, o papel relevante que eles desempenharam outrora no antigo tráfego mercantil que em larga escala se exerceu através dessas vias fluviais [1]. Eram numerosos os barcos que diariamente os sulcavam num curioso vai-vem, com as velas enfunadas ao vento se este lhe corria de feição, o que dava à paisagem que os ladeava uma nota de realçada beleza. E assim iam deslizando sobre a corrente, parando aqui e ali, nos diferentes *portos* junto de algumas terras que lhes ficavam mais próximas, para aí descarregarem algum pescado da costa marítima de Aveiro e algumas mercadorias, até aportarem finalmente ao Cais de Águeda, junto da velha ponte, pois era aí o centro principal onde convergiam em largas dezenas os almocreves com récuas de machos e os serranos envergando a característica «capucha» caramulana, que depois transportariam ajoujados, às próprias costas, em canastras, ou sobre a lombada dos burricos, a sardinha que era levada às terras mais escondidas nas abas da serra, e que iam apregoando como «sardinha d'Águeda!» [2]. Tinham pernoitado nas locandas ribeirinhas dos bairros de Além da Ponte e do Barril e comido a parca refeição, aprontando-se assim para arrostar a longa jornada a percorrer, agora com mais pesada carga na volta do que a que trouxeram na vinda, constituída por queijos frescos, carvão, ovos, etc. [3]. E depois, lá diz o ditado que «a descer todos os santos ajudam»... E lá seguia a caravana, e outras se sucediam no dia imediato, entre o

vozear daquela gente que aos grupos calcorreava os carreiros através dos montes por atalhos que bem conheciam, e ao som do guizalhar nas coleiras dos jumentos, já bem batidos naqueles caminhos.

Águeda foi desde eras muito recuadas um centro comercial de nomeada; e, como tal, a sua justa fama chegou a terras muito distantes, perdidas nos confins das Beiras. Ali afluía não só a multidão da gente que se entregava à prática dos pequenos negócios, de que ficou reflexo bem nítido que ainda chegou a nossos dias, mas acorriam também, em grande número, abastados mercadores, incluindo os ourives, os boticários, etc., etc..

Adolfo Portela que no seu estilo literário muito próprio, inimitável, nos descreve as lendas, costumes e paisagens de Águeda, traça-nos com as cores vivas da sua fértil imaginação, este quadro pitoresco alusivo à chegada dos barcos, o que ele ainda presenciou:

Era por Águeda que se fazia então todo o comércio da Beira-Mar com as duas Beiras. Ovar [4], Porto, Aveiro, Torreira, S. Jacinto, Costa Nova, tudo por ali passava com as suas mercadorias, graças a essa bela estrada do rio, que era por esse tempo a artéria principal da circulação comercial das terras de Águeda.

Coalhava-se o rio de barcos e bateiras em cada dia. E, mal as velas assomovam, lá abaixo, aos Carvalhos de Paredes, logo das bandas da serra descia, a campainhar alegremente, a récua dos machos beirões que vinham a fazer carga.

....

Aos dez e aos vinte, em maré cheia de boa pesca, os barcos, ancorados no velho Cais das Laranjeiras, com os mastros em descanso, davam a ilusão duma esquadra de galés antigas que ali arribassem a ajoujar de riquezas (1).

Com os modernos meios de transporte e o progressivo assoreamento do rio desapareceram os barcos daquelas paragens [5] e

(1) *Águeda*, por A. Portela, 2.ª edição, p. 9.

já não podemos agora vê-los alinhados junto ao cais, nem apreciar a nota de rara beleza que nos ofereciam não só quando transpunham a corrente de velas inchadas ao vento, mas ainda, quando mal caía a noite, todos iluminados pelas fogueiras onde os barqueiros cozinhavam as suas «caldeiradas», ali estacionavam, para, alta madrugada, voltarem para a faina habitual.

Mas já muito anteriormente o papel da Ria e dos rios Vouga e Águeda era posto em destaque. Numa curiosa Memória Paroquial escrita pelo então prior de Águeda, em 1758, ao tempo Manuel de Abranches da Costa (2) diz-se que o rio era frequentado por barcos de Aveiro, de Ovar, de Ílhavo e outras terras da costa marítima, fazendo-se referência às mercadorias por ele transportadas, como eram o sal, sardinhas e outro pescado [6]; falava-se ainda no tráfego comercial com a gente serrana, etc.. Transcrevo da citada memória, textualmente, e para lhe não alterar o sabor próprio da narrativa, que é feita em termos muito expressivos, esta passagem referente ao rio:

As embarcações que o frequentam são os barcos da vila de Aveiro e da Vila de Ovar e da Vila de Ílhavo e das mais terras marítimas daquele sítio e por ele, à vela e remo, conforme o vento, conduzem ao dito lugar vários provimentos de infinito sal sardinhas e outro género de pescado molhado e seco e conduzem para baixo muitos vinhos, frutas e lenhas, por cuja frequência é o dito lugar o melhor empório que tem as terras marítimas, Aveiro e suas vizinhas; e ao mesmo lugar se vem prover os povos das serras e lugares vizinhos. O mesmo rio, de verão é de curso plácido, porém de inverno com as enchentes é arrebatado e toma muitas águas de sorte que, como corre encostado ao dito lugar de Águeda, inunda muita parte dele (3).

(2) Memória Paroquial da freguesia de Águeda, T. do Tombo, 1758.

(3) Memória Paroquial da freguesia de Segadães, T. do Tombo, 1758.

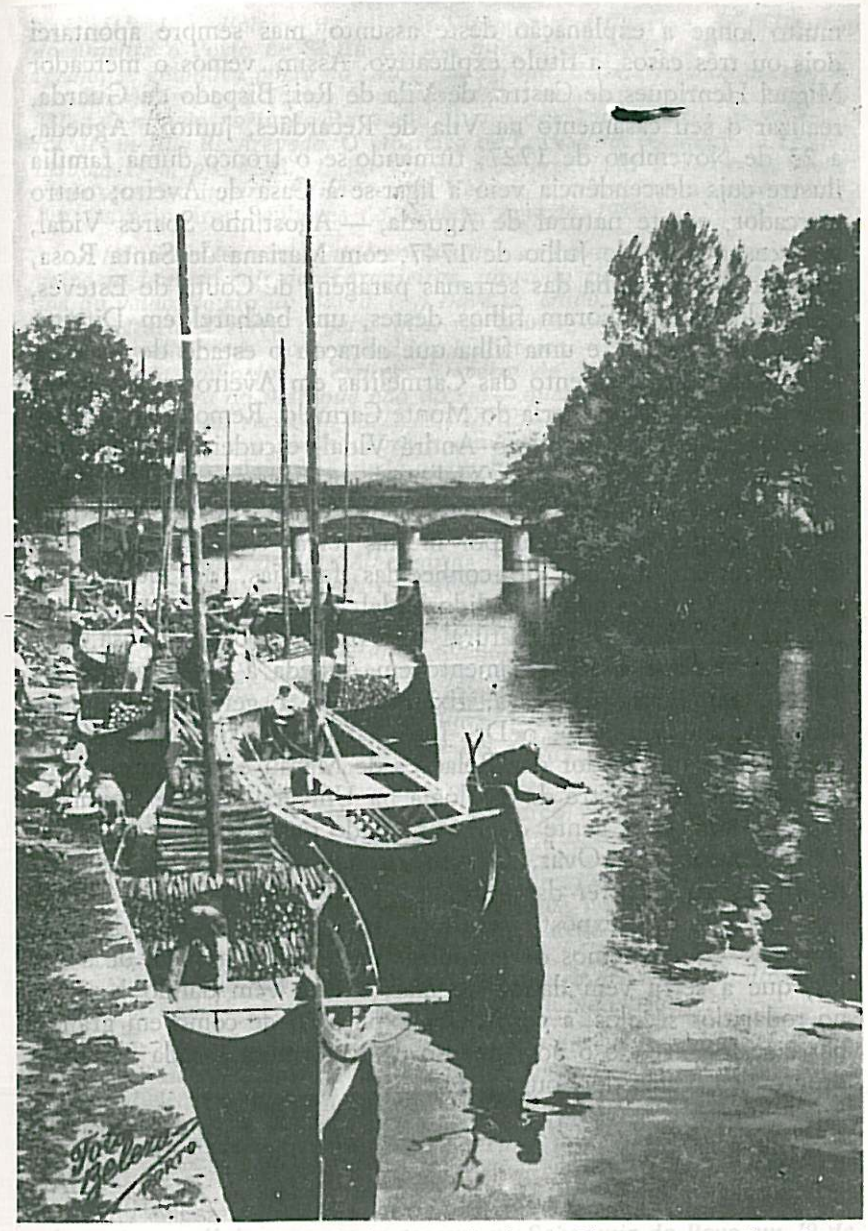
Pelo que se mostra, o transporte das mercadorias não era possível fazer-se pelo rio no inverno, pelo que tinha de se recorrer à tracção animal.

Como bem se anota na memória, o rio com a concorrência de muitos ribeiros que para ele desaguavam tornava-se «arrebatado». Já na segunda metade do século XVII, esta circunstância era posta em destaque pelo prior de Espinhel, que, ao requerer lhe fosse dado um Cura para o ajudar nas lides da paroquialidade, alegava, ao Rei D. Pedro II, que além de contar a freguesia mais de 340 fogos tinha «de permeio os ribeiros que vão pelo Águeda para o mar», acrescentando que o rio era muito caudaloso principalmente no inverno em que se não podia passar «sem risco da vida». E foram aceites os motivos apresentados, pelo que foi nomeado coadjutor no ano de 1674.

O Rio Vouga, ainda que numa parte do seu percurso fosse também utilizado para este tráfego mercantil, não teve neste campo a projecção do Rio Águeda; foi no entanto, importante também o seu papel, o que é assinalado num outro curioso documento, do qual extraio a seguinte passagem:

> *É o Vouga navegável desde a Vila de Aveiro até Pessegueiro, por distância de cinco para seis léguas; e só navegam por ele barcos pequenos, como são os de Aveiro, Ovar e de Ílhavo, que conduzem as mercadorias para as feiras que se fazem por estes contornos e trazem o sal para estas povoações.*

De tudo isto resulta, com evidência, o papel outrora desempenhado por estes nossos rios no tráfego comercial entre as terras da costa marítima e as serranas. Mas vária documentação antiga revela-nos também que a par dos negócios e actividades já referidos, surgiam e firmavam-se por ali outras convenções de significado mais transcendente — os contratos de amor — pois muita gente vinda de fora ali constituía família sendo também em grande número os oriundos de terras da orla marítima, que formavam novas famílias em Águeda, algumas das quais muito se enobreceram em sucessivas gerações de letrados, de vultos eminentes em ciência, nas artes, em leis, em religião, etc., etc. [7]. Levaria



Mercantéis carregando lenha com destino à Murtosa e ao litoral

muito longe a explanação deste assunto, mas sempre apontarei dois ou três casos, a título explicativo. Assim, vemos o mercador Miguel Henriques de Castro, de Vila de Rei, Bispado da Guarda, realizar o seu casamento na Vila de Recardães, junto a Águeda, a 23 de Novembro de 1727, firmando-se o tronco duma família ilustre cuja descendência veio a ligar-se à Casa de Aveiro; outro mercador, e este natural de Águeda, — Agostinho Soares Vidal, aqui casou a 23 de Julho de 1747, com Mariana de Santa Rosa, cuja família provinha das serranas paragens de Couto de Esteves, Sever do Vouga. Foram filhos destes, um bacharel em Direito, José Pedro Soares, e uma filha que abraçou o estado de religião, professando no Convento das Carmelitas em Aveiro com o nome conventual de Soror Maria do Monte Carmelo. Remoto ascendente deste mercador foi o piloto André Vidal, escudeiro fidalgo que veio para Aveiro no século XVI gerir os negócios da navegação e aqui casou com Ana Pires Perição ficando destes numerosa descendência que se espalhou por muitas terras do Distrito, desdobrando-se em dezenas de conhecidas famílias, das quais uma grande parte usa ainda o apelido Vidal. Da serra veio igualmente Miguel de Seixas Diniz, natural de Foz de Arouce, Lousã, que também realizou o seu casamento em Águeda a 1 de Janeiro de 1724, com Maria da Silva, fixando aqui a gerência dos seus negócios; um seu neto, o Dr. José Patrício de Seixas Diniz foi notável Desembargador das Relações de Macau e do Porto, e um irmão deste foi mestre de Teologia na Universidade de Coimbra. Por sua vez, com gente de Aveiro e de outras terras da costa, principalmente de Ovar, foram-se constituindo novos vínculos familiares no decorrer das eras.

Do que fica exposto resulta — sem grande esforço de imaginação — que teremos de encontrar neste longo abraço, de séculos, que a serra vem dando ao mar, e este vem dando à serra, no rodar dos séculos, a verdadeira explicação de como em grande parte se foi fazendo o povoamento desta formosa e cada vez mais progressiva região do Vouga [8].

[1] Já o diploma n.º 549 dos Diplomata et Chartae, *de 1077, nos documenta o* Porto de Santa Eulália *que, no séc. XVI, no Tombo da Igreja, se chamava porto do Grajal ou Igrejal. E uma relação de terras em Recardães, que Soeiro Sandines legou ao Mosteiro de Lorvão em 982, fala-nos do porto do* Rapedelo. (Livro dos Testamentos de Lorvão, *fol. 18, in Ruy de Azevedo,* O Mosteiro de Lorvão na reconquista cristã, *Lisboa, 1935, pp. 42-43). E no Vouga é referenciado o porto de Belli (hoje o antigo lugar de Vila Verde). Veja-se, a propósito, o nosso trabalho,* Os primeiros Senhores de Águeda, *Águeda, 1985).*

[2] «Desde tempos imemoriais que as serranas se abasteciam de peixe no famoso cais das Laranjeiras, junto do rio Águeda, a dois passos do velho Bairro do Barril. (...) Dava-se, então, como uma permuta. O vale trazia à serra o peixe que, rio acima, chegava do litoral e a serra leva-lhe, em contrapartida, lacticínios (mormente queijo de cabra). Seja como for, a expressão «peixe de Águeda» (peixe que, evidentemente, era do mar que não do rio — quantos aguedenses não descendem em linha recta de vareiros!) tornou-se, com o andar dos séculos, tão famosa que ainda agora a ouvimos em Mangualde, donde se conclui que fora, dantes, Águeda quem fornecia a Beira Alta de peixe». (Pedro Homem de Mello, Folclore, *Ática, Lisboa, 1971, p. 180). «Em 1806, o comércio do peixe concentrava-se em Ovar e os seus mercantéis faziam as suas expedições para o Vale do Douro, pelo Porto e por Crestuma e para a Beira por Águeda e Albergaria» (citado em* Monografia de Ovar, *de Alberto Sousa Lamy, vol. I, p. 188).*

[3] O transporte de madeira ocupava um lugar de relevo na navegação fluvial. As fotografias documentam exuberantemente essa actividade: os toros de madeira vinham rio abaixo até ao entreposto do Candam onde eram carregados nos grandes mercantéis de 10 toneladas. Em 27 de Abril de 1911, a Câmara Municipal, da presidência do Dr. João Elísio Ferreira Sucena, secretariado por Alexandre de Oliveira Coelho, lançou uma postura sobre o carregamento de barcos no rio. (Art.º 1.º — Por cada barco de lenha, madeira ou barro carregado nos fluviais, o negociante exportador, antes da saída do barco, pagará a taxa de 500 reis medinte alcance de recibo que acompanhará o barco e o barqueiro o apresentará aos encarregados da fiscalização municipal, quando lhe for pedido. Art.º 2.º — Transgressões — Multa de 2$00 a 5$00 pela primeira vez e poderá ser elevada nas seguintes a 10$00, apreendendo-se o barco ao condutor se este não pagar ou não fizer o depósito no caso de querer pleitear).

Sabe-se que dos barreiros das Aguadas se exportava muito barro para Aveiro, para obras de construção civil e indústrias.

[4] Nos Acordãos e Posturas *de 1843 da Câmara de Ovar, onde se tratava de regulamentar as viagens de Ovar a outros portos, o art.º 98.º estabelecia que o viajante que fretasse o barco por sua conta, de Ovar para Águeda, pagaria, entre Março e Outubro, 1400 reis e entre Novembro e Fevereiro, 1440 reis. (Alberto Sousa Lamy,* ob. cit., *vol. I, p. 319).*

[5] Apesar disso, os barcos resistiram a essa concorrência por algum tempo. Veja-se o que se escreve na Soberania do Povo em 19 de

Dezembro de 1880: «Têm continuado a descer pelo Rio Agueda, em direcção à Beira-mar, muitos barcos carregados de pipas de vinho da Bairrada e do Dão. Os negociantes de vinhos preferem este meio de transporte ao caminho de ferro, onde as mercadorias são quase sempre maltratadas e danificadas, sendo essa condução mais cara». Os mercantéis carregavam 10 toneladas.

[5] Das posturas camarárias, revistas em 1878, o art.º 2 estabelece orientação para o comércio do peixe: «No dia em que aos portos, praças ou mercados desta vila concorrer somente um barco ou bateira de sardinha ou chicharro fresco, a compra e venda destes peixes por junto ou em grosso só são permitidas depois das 8 da manhã (meses de Junho, Julho e Agosto) e 9 nos outros. Multas de três mil reis ou três dias de prisão. Serão solidários os compradores e vendedores. Se o barco ou bateira chegar depois dessas horas mais só duas horas depois é que se podem vender.

[7] Não era realmente só para o tráfego mercantil que a navegação se fazia. Muitas famílias de Agueda deslocavam-se no verão para as praias, inicialmente para a Torreira, depois para a Costa Nova, utilizando esse meio de transporte, que era mais funcional, já que o caminho de ferro exigia o transbordo em Aveiro e só muito tarde se processou a ligação com carreiras de camionagem. E anos atrás, em 1880, era costume ir tomar o banho santo *à barra de Aveiro. Nesse ano, saíram do porto de Agueda 8 mercantéis completamente cheios.*

[8] O Dr. José Joaquim da Silva Pinho, em As Meninas Mascarenhas *(Valongo do Vouga, 1983) descreve uma viagem de barco, em Janeiro de 1848, entre Requeixo e Esmarrida, próximo de Paradela do Vouga, o que prova que seria bastante vulgar essa navegação. O barco tripulado por dois barqueiros robustos transportou as duas meninas, retiradas do Convento de Sá pelo seu tutor, Joaquim Alvaro Pacheco-Teles, da Casa da Aguieira — mais tarde Presidente da Câmara e Deputado pelo Partido Constituinte, de que era o chefe local. Desceu à foz do Cértima, chegou ao Agueda, passou a ponte da Rata e entrou no rio Vouga. O Dr. Pinho, de Jafafe, descreve a viagem feita durante a noite, as correntes tempestuosas, os portos do Ouvedo, Macinhata, Serém, Sernada, Carvoeiro e Rodo.*

ÁGUEDA
E A SUA ANTIGA FISIONOMIA

Arquivo do Distrito de Aveiro, Vol. XX, 1954.

Muitos e variados factores contribuiram para modificar — de forma que quase poderíamos classificar de radical — os antigos aspectos de Águeda. Sem falar da parte que neste capítulo se ficou devendo à manifesta ausência de gosto e sentido artístico, que levou a destruir, sem reconhecida vantagem, algumas coisas que poderiam estar aí ainda, a marcar a passagem de outras eras e a lembrar muitos factos da nossa história local, o principal motivo deste estado de coisas resultou contudo da satisfação de exigências impostas pelo desenvolvimento da terra, que se foi operando através dos tempos, avultando o que aí se fez nesse sentido a partir da última metade do século passado: alargamento de estreitas e tortuosas ruas existentes desde há séculos; regularização e ampliação de velhos logradouros públicos sobranceiros ao rio; a construção da nova ponte que veio substituir a que, já meio soterrada e muito antiga, estava em manifesto estado de ruína [1]; e, sobretudo, na parte baixa da terra, a edificação de moradias amplas, vasadas em novos moldes arquitectónicos que vieram ocupar o lugar das antigas, de reduzidas e acanhadas proporções, algumas até de madeira, de que ainda há poucos anos se viam alguns exemplares: tudo isso veio modificar profundamente o aspecto geral de Águeda, a sua vista de conjunto. E a quem observar do lado de Além da Ponte, e fizer o confronto, à face das velhas fotografias que registaram certos pormenores há muito desaparecidos, com o que aí vemos hoje, logo lhe ressalta à vista a profunda transformação operada [2].

E se percorrermos a Vila, em qualquer sentido que seja, ainda mais se acentua tal facto. Assim se foram sacrificando esses testemunhos de um passado distante, onde poderíamos coligir elementos variados de decoração reveladores de tendências e correntes artísticas dignas de nota que caracterizaram épocas diferentes, sendo, principalmente, de salientar os trabalhos de ferro forjado, entre os quais merecem especial registo as belas grades que vedavam as capelas da nossa igreja e algumas artísticas varandas que ainda podem ver-se em antigas casas de Águeda (1), tudo nos levando a admitir que entre nós floresceu, de maneira notável, este curioso e apreciado ramo de indústria; teremos de pôr a par desta actividade artística a dos entalhadores de madeira, de que possuímos belos exemplares nos retábulos da nossa igreja e nalgumas capelas públicas e particulares (2) e a dos lavrantes da pedra, com honrosa expressão nos lavrados dos arcos que sustentam as abóbadas das capelas, também na igreja, nos «aventais» de algumas janelas de casas antigas, e ainda nos velhos Cruzeiros da nossa terra, onde a par de algumas imagens de Cristo, de boa traça, se viam esculpidos motivos ornamentais dignos de nota (3). Mas dos trabalhos lavrados em pedra, a obra culminante é esse formoso *retábulo do Sacramento* da nossa igreja, devido sem dúvida ao escopro de grandes mestres, e que, feito fora ou aí, merece ser visto e admirado. Pela delicadeza dos ornatos, e minúcia dos pormenores de decoração, pode considerar-se dos belos exemplares da escola do

(1) Refere-se às grades da igreja o *Dicionário Geográfico* do P.e Luís Cardoso, edição de 1747, chamando-lhe «obra antiga e de notável artefacto».

Das varandas de ferro merecem registo as da casa onde funcionou o correio na Rua da Fonte, da casa dos Crespos na Rua de Cima, e da casa do Capitão José Xavier da Silva na Rua da Venda Nova.

(2) No meu trabalho *A Igreja de Águeda* refiro-me com desenvolvimento às talhas doiradas ali existentes, de entre as quais podem admirar-se exemplares dos séculos XVII e XVIII, de bom quilate artístico.

(3) Havia 4 Cruzeiros em Águeda: o dos Mortos, do lado Norte da Igreja; o do Calvário, que lhe ficava a Sul, com capitel de folhagem; da Ponte, lavrado em pedra vermelha, e o de Paredes, coberto com sua cúpula. *[Soares da Graça publicou dois pequenos estudos sobre os cruzeiros na* Soberania do Povo, *em 4-9 e 16-10 de 1920].*

A PONTE VELHA DE ÁGUEDA. Um aspecto do casario ribeirinho, a que serve de fundo o outeiro da Igreja.
(Fotografia da colecção de António Breda).

Rua da Venda Nova e Capela de S. Sebastião. Vistas do Norte para o Sul. À direita, a antiga capela de S. Sebastião. Ao fundo, lado esquerdo, a casa que foi do Capitão José Xavier da Silva. Séc. XVIII.

Renascimento coimbrão (4). Da mesma forma é digno de apreço o grupo escultórico — *Deposição no Túmulo,* como aquele em pedra de Ançã, que hoje se vê na Capela do Senhor dos Passos (5), trabalho este possivelmente feito por artistas da nossa terra [3].

*
* *

Socorrendo-nos de um pequeno mapa dos fins do século XVIII [4], onde as ruas da nossa terra vêm designadas pelos antigos nomes: Rua da Igreja, Rua da Venda Nova, Rua da Fonte, Rua de São Pedro, Rua da Capela, Rua de Cima, Rua do Barril, Rua de Baixo, Além da Ponte, indicaremos, ainda que rapidamente, algumas das casas mais antigas que nos três últimos séculos se achavam distribuídas por elas, referindo também seus moradores.

No Barril aglomerava-se a população que mais directamente vivia do rio: pescadores, barqueiros, sardinheiras e regateiras da Praça; em Além da Ponte predominavam as estalagens onde se albergavam os almocreves que diariamente desciam a serra, e ali se acomodavam também nos baixos dessas casas de pasto as alimárias que ao romper do dia haviam de partir com as cargas da sardinha, para os recantos mais afastados do Caramulo; era também naquele lugar que se achavam instaladas as tendas dos ferradores [5].

A partir do Barril, estendendo-se até às Ruas de S. Pedro, Rua da Capela, Rua de Cima e Rua da Venda Nova, ficavam os assentos das melhores casas, pertencentes às pessoas gradas da terra: abastados Mercadores, Clérigos, Capitães-Mores, Doutores — Médicos e de Leis — etc.

À saída do Barril, poucos passos andados, ficava a Casa do Padrão [6], de bom aparato arquitectónico, formada de dois corpos salientes, tendo ao centro a Capela de Santa Ana, a qual foi ali mandada construir pelo Dr. Manuel Caetano Homem de Macedo

(4-5) Vide sobre estes trabalhos o que já disse em *A Igreja de Agueda,* ed. de 1951. *[Transcrito nesta antologia].*

O BARRIL. Grupo de moradias do antigo e pitoresco bairro.

Casa dos Melos. Séc. XVIII.

pelos anos de 1752 (6). Notável é a escultura de Santa Ana, ensinando Nossa Senhora a ler; ricamente estofada a ouro e cores; é dos melhores exemplares escultóricos que se podem apreciar na região.

Fronteiras àquelas casas, ficavam outras mais baixas, formando um pequeno e desalinhado bairro que se estendia até à entrada da Ponte velha, junto da qual descia uma rampa para o rio, sendo tudo demolido, nivelando-se os terrenos e formando-se a actual Praça do Conselheiro Albano de Melo. Do lado de lá da Ponte ficavam as casas de Miguel Henriques de Castro (Casa da Ponte), que foram demolidas para perto do local em que assentavam se construir a actual casa [7].

Retrocedendo para a Rua de Cima, encontrávamos as Casas dos Vidais e do Desembargador Dr. José Patrício de Seixas Dinis; na Rua da Capela, além desta que foi fundada por Sebastião de Macedo Pinheiro e mulher nos meados do século XVII, a casa destes, e logo no Largo fronteiro a casa do Morgado de S. Pedro (Casa das Lágrimas), demolida para em seu lugar ser construído o edifício dos Paços do Concelho [8]. A limitar a Rua de Cima, ao fundo da Rua da Fonte, a espaçosa Casa dos Melos, que ocupava toda a volta que ali se forma, e onde viveu largos anos o Dr. Luís de Melo, Juiz de Fora que foi em Angeja, Gouveia e Bragança, o qual nasceu em Águeda em 1729, tronco da numerosa e ilustre família deste apelido. Já na Venda Nova, ficavam as casas apalaçadas da família Álvares de Melo, e as do Capitão José Xavier da Silva. Servia de remate a esta rua um pequeno largo, onde ficava a velha Capela de S. Sebastião, hoje reconstruída mais acima (7).

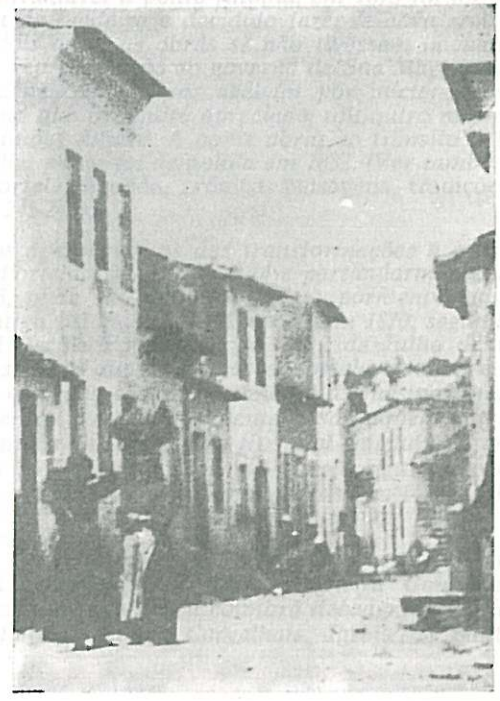
Fica assim feito, a traços rápidos, o esboço da velha Águeda que os nossos Avós ainda conheceram e que algumas vezes eu ouvi evocar com viva e enternecida saudade [9].

---

(6) Esta capela foi transferida para a Quinta do Redolho, na Borralha, e lá se acha junto do Palacete que ali mandou edificar, no ano de 1870, o Cónego Manuel Homem de Macedo da Câmara e Mota.
Vide notícias mais desenvolvidas in *Águeda Antiga,* crónicas que publiquei na «Soberania do Povo», de 1919-1922.

(7) Pode ver-se com mais desenvolvimento a descrição destas casas, ruas e Famílias nas crónicas que publiquei de 1919-1922 no jornal *Soberania do Povo,* de Águeda. *[Algumas dessas crónicas reeditam-se nesta Antologia].*

A velha Rua da Fonte. Um gracioso recanto de Águeda antiga, já desaparecido. O chafariz, do séc. XIX, vê-se agora na fachada poente dos Paços do Concelho.



Rua da Venda Nova. Aspecto do Sul para o Norte.

Nesta transição porque agora mais flagrantemente vai passando a terra, é tempo e mais que tempo de fazer o que noutras há muito já se verificou: recolher e coordenar os últimos vestígios documentais que nos restam do passado, e fazer a reconstituição dessa Águeda velhinha de outras eras, com o seu casario, já meio esboroado, quase a precipitar-se no rio que amorosamente lhe beija os pés [10].

Para isso, aí ficam estas ligeiras notas a acompanhar as gravuras de fotografias [11] que cuidadosamente fui guardando para este fim; e ocorre-me agora este pensamento, que possivelmente aflorará também à mente de conterrâneos meus que porventura leiam estas despretenciosas linhas: no álbum da nossa saudade — entre um retrato amarelecido pelo tempo de uma Avozinha querida, que no-la mostra ainda com o perfil da sua figura esbelta, e radioso de frescura e mocidade; e outro que a representa já enrugada pelos anos, decrépita, conservando embora alguns traços de beleza — qual nos tocará mais o coração?... [12].

[1] A ponte «meio soterrada e muito antiga», de cinco arcos, foi construída no século XVII. Em 1614, Filipe II, atendendo às informações dos oficiais da comarca de Esgueira e do corregedor da comarca de Coimbra, pelas quais «constou ser muito necessário fazer-se a dita ponte de todo» por dela haver grande necessidade «por ser estrada frequentada de gente para as comarcas deste reino», mandou dar execução à obra e exigiu urgência («fazendo-se tudo de maneira que se acabe em breve»). As obras foram arrematadas ao mestre de obras Manuel Simões, morador em Águeda, por um conto duzentos e setenta mil reis. Os encargos com a construção seriam suportados com as fintas *que o provedor da comarca deveria lançar em forma de ordenança a diversas comarcas e provedorias do reino «conforme ao serviço que tiverem para a dita ponte e possibilidades dos moradores de cada comarca». (A.N.T.T.,* Chancelaria de D. Filipe II, Privilégios, *Livro 1.º, fls. 179).*

Anteriormente, existiu no mesmo local, na antiga estrada romana de Olisipo a Bracara Augusta, uma ponte medieval construída com os legados do Chantre Gonçalo Gonçalves e de seu sobrinho, D. Sancho Pires, Bispo do Porto entre 1290 e 1300, deixados em testamento em 1262 e 1298, respectivamente. (Censual do Cabido da Sé do Porto, *Imprensa Nacional, Porto, 1924, pp. 405 e 436). Não se documenta mas é admissível a existência de obra de arte sobre o rio Águeda na altura do lançamento da via militar romana.*

Dado se encontrar invadiável a ponte filipina, em 1873 foi levantada uma ponte provisória de madeira e decidido fazer-se nova ponte. Como, passados mais de dois anos, as obras se não tivessem iniciado, em 1876 a Câmara faz uma representação ao governo de Sua Magestade, D. Luís, solicitando providências. As obras acabam por iniciar-se em 1879. Dirigiu os trabalhos, no que foi muito apreciado, um outro mestre de obras local, Custódio Simões Amaro. A ponte abriu ao trânsito a 11 de Novembro de 1882. A velha ponte foi demolida em 1882. (Ver também sobre o assunto Adolfo Portela, Águeda, crónica, paisagens, tradições, *2.ª edição, nota n.º 15, pp. 245-246).*

[2] Para melhor nos apercebermos das transformações a que o autor alude leia-se Adolfo Portela, ob. cit., *pp. 8-14 e particularmente as notas n.os 4, 5, 6, 15 e 25, onde são detalhadamente pormenorizadas muitas das alterações à antiga fisionomia de Águeda. Em 1870, segundo José Maria Velozo (Jornal* Escola Popular, *n.º 6, de 2 de Julho desse ano), o lugar de Águeda possuía 14 ruas e 250 casas. Portela, que escreve entre 1901 e 1904, diz que «as ruas são sensivelmente as mesmas, mas o número de prédios aumentou consideravelmente desde aquela data». Pela documentação dos Tombos da Igreja e do Hospital concluímos, em trabalho recente* (As Artes do Ferro em Águeda — uma longa tradição, *in* Aveiro e o seu Distrito, *n.º 37), que a maior parte dessas 14 ruas já existia entre 1533 e 1634.*

[3] O autor, no seu trabalho A Igreja de Águeda, *que adiante se antologia, já a atribui à renascença coimbrã. Nogueira Gonçalves* (ob. cit., *p. 7) diz que pertence à renascença coimbrã decadente, do séc. XVII. (Ver também P. Manuel António Carvalhais,* Igreja de Santa Eulália, *1978).*

[4] Infelizmente não conseguimos localizar o mapa referido pelo autor. Em O velho lugar de Águeda, como vimos, Soares da Graça data-o de 1795 e diz estar na sua posse. Repare-se na ligeira discrepância entre os dois escritos: naquela crónica o mapa assinalava a Rua da Cancela, Rua de S. Bento e Rua da Ponte, que neste trabalho o autor, decerto por lapso, omite. Os topónimos do mapa de 1795 já nos surgem na documentação do Tombo do Hospital, em 1533, e no Tombo da Igreja, em 1634. A própria Viela dos Padres e as Hortas do Vale também são aí documentadas, bem como sítios como o Pessegueiro, Ninho de Águia, Outeiro, Carapeteira, Botaréu, Laranjeiras, Corga, Abadinhos, Redolho e Espertina. (Veja-se a reconstituição que fazemos da toponímia de Águeda entre 1533 e 1634 no nosso trabalho já citado).

[5] No Barril e em toda a baixa ribeirinha e ao redor da Igreja encontravam-se instaladas, nos séculos XVI e XVII, as tendas dos ferreiros e serralheiros e as oficinas dos sapateiros e alfaiates. Na documentação desse período inventariámos 18 mesteirais.

[6] A Casa do Padrão era o limite da Rua de Cima. A partir daí, iniciavam-se a Rua da Ponte e a Rua do Barril, esta em direcção a Paredes, onde se encontravam as casas e a Capela do primitivo Hospital e, em 1859, o edifício do novo Hospital que nunca chegou a ser utilizado por anti-higiénico. A ligação da Rua da Ponte com a Rua de Baixo fazia-se por um arco (a rua do Arco ou a Travessa de Santa Ana) que Adolfo Portela (1866-1923) ainda conheceu por «arco do João Ribeiro». A demolição do «pequeno e desalinhado bairro» — que as fotografias ainda documentam — fez-se entre 1885 e 1893 para alargamento da Praça Nova. Para custear essas obras foi lançado em 1891 um empréstimo, em forma de obrigações de 100 mil reis ao juro anual de 5%. (Adolfo Portela, ob. cit., pp. 242-243). Embora em 1870 já se chamasse Praça Nova, oficialmente é-lhe atribuído esse nome por deliberação camarária de 13 de Dezembro de 1878. Muda para Praça Conselheiro Albano de Melo por outra deliberação camarária de 12 de Dezembro de 1894 e, com a implantação da República, Armando Castela propõe à Câmara, em 17 de Novembro de 1910, a sua substituição por Praça da República, que mantém.

Na Praça Nova, em 1866, foi construído um chafariz de duas bicas, «obra de bastante trabalho e algum dele muito mimoso», na opinião de Velozo. Foi seu responsável Francisco Estevão Pinheiro e Figueiredo. Aí funcionou o mercado.

[7] Acrescente-se, ao que escreveu o autor no trabalho A Ria de Aveiro e os rios Vouga e Águeda, que Miguel Henriques de Castro casou com Luísa Joana de Gouveia, filha de Gregório Pereira e Maria Francisca, da Casa da Ponte. Sargento-Mor de Recardães, a sua casa, bem como a do alferes-mor Armando Pessoa de Carvalho, que ficava junto à ponte, foram danificadas pelo terramoto de 1755. Teve sete filhos, um dos quais, o Brigadeiro Dr. João Henriques de Castro, aos 25 anos era Capitão-Mor em Cantanhede, onde construiu um imponente palacete, mais tarde pertença do Dr. Lino Cardoso e hoje da autarquia local, que ali instalou a sua Casa da Cultura. Este capitão-mor, por não querer jurar a Constituição de 1822, haveria de ser preso e morreu no cárcere, em Coimbra, em Junho desse mesmo ano. Para a actual construção — na fotografia ainda se vê a antiga Casa da Ponte — foi trazida a pedra de armas da família dos Castros que esteve desde 1895 na Capela-Mor da igreja de Recardães. D. Maria Joana de Cabedo e Lencastre era neta de José Bruno de Cabedo e Lencastre, que foi Presidente da Câmara de Águeda, e de D. Maria Quitéria de Castro Henriques (Viriato de Sá Fragoso, Cantanhede, p. 100).

[8] A primeira pedra dos Paços do Concelho foi lançada em 22 de Outubro de 1860. Foi seu mestre de risco e director das obras Joaquim Augusto de Macedo — que viria a ser um dos administradores do Hospital entre Janeiro e Junho de 1871. Em 1870 ainda estava por concluir. José Maria Velozo honra-se de ter lembrado a inscrição A Romanis Eminium que se via no brasão municipal. O brasão foi recolhido quando da demolição do edifício em 1975. O largo fronteiro chamou-se Praça e igualmente Praça Velha nos documentos dos séculos XVI ao XIX; em 1878, Praça do Município; em 1904, por alturas do novo Código Administrativo, Largo do Visconde de Sucena.

A norte da Praça Velha — diz Velozo que nunca foi mercado «e é um apertado ambito» — e no mesmo sítio de uma fonte antiga de séculos, em 1870, a Câmara instalou um chafariz que, «pelo donairoso aspecto do seu mui bem acabado frontispicio e excelente qualidade da sua água virá a ser um dos melhores, se não o melhor, de quantos se possam encontrar em nossas Províncias». O mestre de risco e director foi Joaquim Augusto de Macedo e canteiro e escultor António da Silva Proa, da Figueira. A fotografia mostra-nos a primitiva instalação do fontenário. Mais tarde foi removido para junto dos Paços do Concelho. Em 1988, voltou a ser colocado na nova Praça do Município, num arranjo urbanístico do Arq. Camelo Veiga.

[9] Pela postura camarária de 21 de Maio de 1906 — era Presidente da Câmara o Conde de Sucena —, o seu art.º 5.º definia a área da vila «a partir do caminho da Bicha Moira ao Cruzeiro de Paredes, do sítio da Espertina ao edifício do Hospital Conde de Sucena (já construído mas ainda não em funcionamento), e desde a rua Soberania do Povo até à rua da Venda Nova, no sítio do Matadouro, incluindo-se na dita área a rua de S. Pedro, a partir da Carapeteira, e todo o Bairro de S. Bento».

[10] Para o período que foi objecto da atenção de Soares da Graça veja-se o movimento demográfico do lugar de Águeda, nas informações nem sempre muito rigorosas dos párocos da época: em 1721, o prior Luís Dias Correa estima a população da freguesia de Águeda em 1727 fregueses, sendo 1545 pessoas de sacramento, 33 clérigos e 143 menores; em 1732, o lugar teria 173 vizinhos; em 1756, o prior Constantino da Silva Pinto, em resposta ao inquérito sobre o Terramoto de 1755, diz existirem na freguesia 750 homens casados e solteiros e 850 mulheres; em 1758, o lugar possui 186 vizinhos, com 700 pessoas, maiores e menores; em 1866, a freguesia conta 838 fogos, num total de 3561 habitantes, nos resultados do primeiro Censo Geral da população do reino e, 1870, Velozo atribui ao lugar de Águeda 1000 habitantes.

[11] As fotografias eram da colecção de Soares da Graça. Podemos, duma maneira geral, situá-las dentro da mesma época. Analisando

a primeira fotografia, verifica-se que a velha ponte se encontrava em utilização. Ora, em 1873, foi construída a ponte provisória de madeira e em 1879 iniciaram-se as obras da nova ponte. Como se não regista nenhum destes factos, a fotografia tem toda a probabilidade de ser anterior a 1873. Será, no entanto, posterior a 1868 porquanto em uma outra fotografia, cremos que do mesmo fotógrafo, o ângulo é diferente e surge-nos a Igreja e a Escola Conde Ferreira e o celeiro sobrado dos párocos. A Escola foi concluída em 4 de Novembro de 1868 pelo mestre de obras Joaquim Augusto de Macedo — o mesmo dos Paços do Concelho e do chafariz da Praça Velha —, natural de Celas, Coimbra, e fixado em Águeda. O celeiro foi demolido mais tarde para desafrontar o edifício escolar e alargar o Adro. (A data de 24 de Março de 1866, que se encontra gravada no campanário, refere a morte do benemérito Joaquim Ferreira dos Santos, 1.º Conde de Ferreira, e não a data da construção).

[12] Sobre a fisionomia de Águeda antiga, o Conde da Borralha (Apontamentos sobre Águeda, *in A.D.A., vol. XXIX, 1963, pp. 287 e seguintes) é de opinião que, arquitectonicamente, nenhuma das actuais casas de Águeda é anterior ao séc. XVI. Sobre o local das antigas habitações outras paredes se elevaram. Respeitou-se o traçado das ruas e a sua toponímia prevaleceu por largo tempo. Anote-se que, de uma maneira geral, as casas portuguesas de alguma importância datam principalmente do séc. XVIII. Até aí as construções eram de materiais pobres, mesmo as construções da fidalguia. Isso mesmo constatou o viajante quinhentista que faz uma descrição do reino de Portugal entre 1578 e 1580: «todas as cidades do Reino são pouco agradáveis, todas fracas, todas sujas e todas mal edificadas». O adobe e a madeira eram os materiais mais utilizados nas construções. (A. H. de Oliveira Marques,* Portugal Quinhentista, *Quetzal Editores, Lisboa, 1987).*

A IGREJA DE ÁGUEDA

Arquivo do Distrito de Aveiro, Vol. XVII, 1951

À parte o respeito que devemos ao templo onde fomos baptizados — como ali o haviam sido já nossos Pais e Avós — e em que repousam, no chão sagrado, tantas e tantas gerações de gente da nossa terra que lá foram a enterrar no decorrer dos séculos, a Igreja de Santa Eulália de Águeda merece-nos ainda um carinhoso e especial interesse pela íntima ligação que tem com o estabelecimento do aglomerado populacional que à sua sombra se criou e depois, tão notavelmente, se desenvolveu. Mas, além disso, ela representa também hoje, para nós, quase que o único centro evocador dum Passado já remoto e que ali atinge bem eloquente expressão, reflectindo muito do que tivemos outrora, e de que ainda se mantém parte, como parcela dum património rico de tradições e práticas religiosas, tão arraigadas e sentidamente vividas na alma do nosso povo, que foi sempre sincera e profundamente crente (1).

Devemos ainda salientar que a nossa Igreja constitui um considerável agrupamento de coisas de arte, espécie de pequenino museu, onde se reune o que nos resta dos tempos antigos e que, não sendo muito, é contudo o bastante para, de forma honrosa, poder representar as várias modalidades artísticas que caracterizam os diferentes estilos, abrangendo um período que não deve andar muito longe de cinco séculos. Qualquer dos motivos apontados

(1) Pode ver-se com mais desenvolvimento o meu trabalho «As Antigas Procissões de Águeda», 1948.

recomendaria e justificaria amplamente este estudo: o concurso de todos, porém, impô-lo à minha consideração logo que comecei a coligir os elementos com que organizei há anos a monografia de Águeda (²).

À volta da Igreja, na verdade, muitos factos da vida da nossa gente se passaram, dia a dia: quantos ali não foram, logo no alvorecer da vida, a tomar o banho litúrgico do Baptismo, na antiquíssima Pia Baptismal, curioso exemplar arqueológico, de ressaibo gótico, que pode ser admirado no pequeno baptistério? Depois, mais tarde, outros ali se encaminharam também, a unir-se pelos laços do matrimónio, enquanto, de todos, uma boa parte lá ficou ainda a dormir o sono derradeiro... E depois, pela vida fora, quantas coisas mais por ali se passaram e que a nossa memória poderá recordar?... Festas alegres, Procissões coloridas e vistosas, enterros... E assim — bem certo estou disso — poucos haverá que não encontrem nestas folhas — numa página, numa linha, numa entrelinha, qualquer coisa que lhes desperte uma íntima lembrança, uma recordação grata, uma saudade...

Foi preso desta ideia que este trabalho ordenei e escrevi.

*
* *

O estudo da Igreja de Águeda, tendo em vista o papel que ela representa como elemento proximamente ligado às origens da povoação, foi já feito há anos, e por mão de Mestre (³) [¹]: as notas que apresento agora respeitam principalmente à antiguidade e reformas principais do templo, obras de arte que encerra, seu aspecto actual, à enumeração dos Párocos e Curas que nela exerceram a sua autoridade eclesiástica e a dirigiram a partir do século XVI, e ainda ao direito de Padroado, de que era titular a Casa Ducal de Aveiro.

(²) Vid. *Águeda Antiga*, crónicas que publiquei na «Soberania do Povo», 1919/1920. *[O autor contemplou o assunto com duas séries de artigos subordinados ao título de* A Antiga igreja de Santa Eulália *e* A actual igreja de Santa Eulália*].*

(³) Vid. o magnífico estudo *Águeda*, da autoria do saudoso e erudito escritor nosso contemporâneo, Conde da Borralha, in *Soberania do Povo*, 1943.

Não se sabe desde quando se ergue aí, a coroar o outeiro em que assenta, e dominando o povoado que foi acolher-se à sua sombra bemfazeja, a vetusta igreja de Santa Eulália. Que é de fundação muito antiga, revela-o, entre outras coisas, o facto de, em 1320, ela concorrer com uma soma considerável de rendimento para ajuda da guerra contra os Mouros, em que andava empenhado o nosso rei D. Diniz; mas já muito antes existia [²], e o templo deveria ser então de reduzidas proporções; de uma maneira geral, assim terá permanecido até fins do século XVI. É dos meados deste século o belo retábulo de pedra de Ançã, estilo Renascença, que hoje pode ver-se na capela do Santíssimo, mas que estaria primeiramente na capela-mor, servindo-lhe de tribuna. Trata-se de uma peça de grande valor artístico, pois tanto a última Ceia de Cristo, rodeado dos seus doze Apóstolos, que se vê na parte superior, como o Sacrário, que ocupa a parte central, ladeado por anjos músicos, que tocam diferentes instrumentos, são composições de harmoniosas e suaves linhas, devidas à mão de experimentados e bons lavrantes, e, sem dúvida, do que melhor pode apontar-se saído da irradiação da escola do Renascimento coimbrão. É um trabalho congénere de vários retábulos da época, vasados nos moldes clássicos então adoptados, em que as figuras de anjos, ou somente as cabeças aladas, destes, envolviam ou acompanhavam lateralmente os sacrários, que lembram pequeninas torres acastela das (⁴).

A igreja não teria, por essa altura, mais que três altares: o altar-mor, rematado pelo referido retábulo de pedra e os dois colaterais, um dedicado a Nossa Senhora do Rosário e o outro a S.ta Luzia; anteriormente ao século XVII, não encontrei referência a quaisquer outros santos, nem ao seu culto ou capelas.

Tomei nota de alguns legados pios feitos com a imposição de se dizerem missas e de acenderem lâmpadas naqueles altares,

(⁴) Julgo que este retábulo terá que atribuir-se aos Mestres que trabalharam na igreja da Trofa cuja obra Aarão de Lacerda considera do melhor que saíu daquela Escola: Vid. *Panteon dos Lemos*, ed. 1928. É muito plausível a ideia de que o retábulo central da capela do S. S. de Águeda, como opinava o Conde da Borralha, fosse da antiga capela-mor: assim sucedia com a velha igreja de Manhouce, actual Arrifana de Santa Maria, que era rematada por um retábulo Renascença, do mesmo género.

tendo o Prior João Rodrigues, ao tomar posse da igreja no ano de 1601, tido o cuidado de registar essas obrigações. Já do século XVII, vi um assento de óbito, referente a Pedro Fernandes, da Póvoa de Rio Covo, falecido no ano de 1622, onde também se diz que ele deixou «hũ alq.e de pam ao S.mo Sacram.to outro a virge do Rosario ou.o a S.ta lucia per su alma».

Da primitiva edificação é que nada deve existir hoje, e do seu recheio e ornatos transitaram a bela Pia Baptismal a que já nos referimos, e a imagem da Padroeira Santa Eulália, também em pedra de Ançã, de marcado talho gótico, que ainda hoje se vê no nicho sobre a porta principal. A rematar esta, ficava um alpendre que já no ano de 1620 lá se encontrava (5), aí se conservando ainda em 1700, pois na visita Pastoral deste ano se lhe faz referência.

*
* *

Assim estiveram as coisas por algum tempo, até que começou a notar-se, em face do progressivo desenvolvimento da terra, que a igreja era pequena e não correspondia às encessidades espirituais e categoria da povoação; classifica-se de urgente a obra de a restaurar, ou fazer de novo, e vemos que a partir de 1669 não cessa o clamor feito neste sentido pelos visitadores que ali apareciam com frequência. Na visita Pastoral deste ano, dizia-se que era necessário restaurar a igreja, pois ela, em parte, não estava em bom estado, alvitrando-se também que se fizesse igreja nova ou se acrescentasse a que estava. Em face da documentação consultada, convenço-me de que a insistência dos visitadores a propósito da remodelação da igreja era determinada mais pelas suas acanhadas proporções, do que propriamente pelo seu estado de ruína, que, a meu ver, exageravam; além disso, parece que a igreja nem uma torre tinha, pois naquele referido ano de 1669 falava-se na sua construção, de onde resulta que, decerto, como se observa ainda hoje nos templos de reduzida arquitectura, um simples campanário haveria; e a confirmar isso, há uma disposição expressa no auto da

(5) Fez-se um enterramento junto dele em Novembro daquele ano.

visita de 1665, em que se manda fazer «uma porta para o sino», único decerto, ao tempo. No ano de 1666, também foi ordenado que se concertassem as lages do pavimento da igreja e que se fizessem de novo os degraus das escadas que davam acesso ao altar-mor, que estavam gastos a tal ponto que era perigoso subir por eles. De tudo isto resulta qpe em diferentes épocas se fizeram reformas do templo, e que foram aproveitando de umas para outras certas partes de construção e materiais das anteriores. Teremos que retroceder alguns anos para, depois do que atrás deixamos dito, acompanhar melhor a evolução das obras de restauro e ampliação da igreja, que decorreram desde o primeiro terço do século XVII até meados do seguinte.

Parece que, na verdade, a igreja ameaçava ruína (pelo menos em parte), a partir do século XVII, acentuando se mais esse estado nos princípios do imediato; mas, não cremos que se possa entender assim, de forma geral, e já salientámos que o aspecto ruinoso do templo provinha, em parte, do aproveitamento do que era velho para novas reconstruções: isto, aliado ao mau estado dos telhados e do forro, a que encontramos também algumas alusões desse tempo, deve ter causado a má impressão reflectida nos autos das visitas Pastorais. Vamos então ver o que se fez de novo e qual a parte que apenas sofreu beneficiaçções, aliás de cuidado arranjo.

Do que aí vemos hoje, julgo que, em matéria de construção, tudo se deve aos séculos XVII e XVIII. Assim, pertence ao primeiro terço daquele a instituição das Capelas particulares de Nossa Senhora da Esperança (1624) (6) e do Menino Jesus (1625) (7); e ainda as do Senhor Jesus (1628) e de S. Francisco, esta fundada em data que não pude precisar, mas aproximada destas, e anterior a 1639, ano em que Mateus Fernandes, falecido a 12 de Outubro deste ano, vinculou vários bens à obrigação de

(6) Ali se vê ainda hoje uma lápide com a seguinte inscrição, encimada pelas armas dos Pintos e Pinhos, que diz:

ESTA CAPELA HE DE AYRES DE PINHO E SUA MOLHER VIOLANTE PINTA E SEUS F.os A QUAL TE DOTADA CŌ MISSA COTIDIANA. 1624

(7) Serviu, como a anterior, de jazida a muitas pessoas das respectivas famílias instituidoras.

se dizerem missas no altar desta capela ([8]). A primeira foi fundada pelo Cónego Simão Pinto, da Sé de Coimbra, onde faleceu a 12 de Janeiro de 1628, sendo sepultado nesta capela, que ficou sendo pertença da família. A segunda, que vulgarmente é designada por Capela de S. João, foi mandada edificar por Pedro Fernandes Chucre e mulher Brites João, por instrumento de obrigação de 11 de Abril de 1623 ([9]).

Com a edificação destas quatro capelas se terá ampliado o corpo da Igreja fechando com as duas paredes que delas se continuavam até encontrar a fachada principal, o que deu ao templo um aspecto novo e maiores proporções no sentido da largura, pois creio que, tanto a capela-mor e o arco cruzeiro, assim como a fachada e alpendre que a rematava para o lado do Poente, não sofreram alteração nesta época. Mas chega finalmente o século XVIII, e pelas visitas Pastorais nós podemos acompanhar com mais precisão o que se passou quanto às obras levadas a cabo na Igreja, e que foram muito importantes, como se verá. A autoridade diocesana tomou o caso a peito e não descansou enquanto o não viu resolvido, embora tudo isso se arrastasse ainda por bastantes anos. E bem merecedoras são de grata lembrança todos quantos se esforçaram, ou de qualquer forma deram o seu auxílio, para ultimar tal empresa por isso aqui trarei os seus nomes, para que, gravados nestas páginas, deles fique duradoira memória.

*
* *

No ano de 1700 vem a Águeda fazer a visita Pastoral, em nome da autoridade diocesana, e por comissão da mesma, o ilustrado e virtuoso Prior de Recardães, ao tempo Arcediago do Vouga — Dr. Diogo Gomes, muito conhecido pelo seu zelo religioso, e por ter sido ele o reformador daquela igreja ([10]).

([8]) Em 1721, ainda existia uma lápide na capela de S. Francisco de onde tudo isso constava. Vid. *Memórias Paroquiais*, Rocha Madahil, em *Arquivo de Aveiro*, n.º 18.

([9]) Muito graciosa a imagem do Menino Jesus, escultura do século XVIII, que ali preside no retábulo de madeira, ladeada pelas imagens de S. João e S. Domingos.

([10]) A este Prior me refiro no meu estudo *A Igreja de Recardães*, 1938.

O referido visitador estranhou o estado em que se achava a igreja de Águeda, exteriorizando a sua mágoa por verificar que ela denunciava certo estado de ruína, ainda que a reputava insuficiente para uma terra tão importante e populosa. Ouçamos o que a tal respeito disse:

> «He muito para extranhar que sendo este povo tão antigo, nobre e pio, esteja com uma igreja tão pouco asseada e desproporcional à grandeza da terra; e como seja preciso mandar-se forrar parecia conveniente que assim o R.º Prior como os Fregueses se unissem e com grande fervor procurassem à imitação de outros povos circunsvizinhos, menos nobres e poderosos fazer uma igreja para lustre do povo e honra dos freguezes e sobre tudo para gloria e zelo de Nosso Senhor» ([11]).

Insiste-se na ideia de fazer uma igreja nova, alvitrando-se que fosse pedido o auxílio régio e o concurso do povo, que faria promessas para esse fim; atendendo também a que a obra exigia uma soma avultada, foi determinado ainda que se recorresse ao rendimento das confrarias ([12]), que dariam tudo aquilo de que pudessem dispor.

Organizaram-se as coisas de forma que nada faltasse para os trabalhos preliminares de tão arrojado empreendimento, comprando-se um cofre para guardar o dinheiro que se ia juntando, havendo daquele três chaves, das quais uma estava na mão do Reverendo Prior; a outra na do Juiz da Igreja; e a terceira confiada à guarda do mordomo mais velho da Confraria do Senhor.

([11]) Visitas Pastorais, 1700.
Estes autos foram também compulsados pelo poeta José Maria Veloso(1825-1875), que deles se serviu para escrever na *Escola Popular* uns artigos sobre Águeda. Porque o considero o precursor dos estudos monográficos da nossa terra, qualidade que me não lembro lhe fosse ainda atribuída, embora já A. Portela se lhe refira («Águeda», 1904), entendi do meu dever colocar aqui o seu nome, a ocupar o primeiro lugar na galeria dos devotados filhos desta terra, que ao estudo do seu Passado há muito tem dedicado carinho e perseverante esforço.

([12]) Havia então bastantes: a do Senhor, já existente em 1580; Nossa Senhora das Neves, Santa Luzia, S. Sebastião e Senhora do Rosário.

Foi nomeada também uma comissão encarregada de levar a efeito tal empresa e dela faziam parte pessoas de relevo no meio social da época, como eram Bento de Figueiredo Brandão, que, não sendo embora de Águeda, estava aqui ligado pelo seu casamento, sendo o tronco de uma família ilustre que bastante se notabilizou ([13]); e ainda João Pinto, o Capitão António de Almeida e o Capitão João André Homem ([14]).

Não podemos acompanhar *pari passu* os trabalhos relativos à construção da igreja no período que decorre de 1701 a 1716, pois os autos das visitas não nos elucidam a tal respeito; até 1710, esteve à frente da paróquia o Prior Constantino da Silva Pinto, já de idade avançada, e quer-nos parecer que, por esse motivo, principalmente, as coisas que com o assunto da igreja se prendiam, continuaram no mesmo pé.

No auto da visita daquele último ano, novos apelos se fazem, determinando-se ao mesmo tempo que se falasse a um mestre para traçar a planta da nova igreja, e mais uma vez se roga ao Prior tome isso a seu cuidado, pedindo também ao Dr. Manuel do Souto Vidal ([15]) que interviesse neste assunto prestando a sua atenção «a negócio tanto do serviço de Deus».

Eram cada vez mais fortes as exortações dos visitadores, mas as coisas pouco ou nenhum adiantamento levavam, pelo que foi recomendado ao Juiz da Igreja que se munisse do traslado do auto da visita que à edificação da igreja se referia, a fim de requerer ao Dr. Provedor da comarca, para que este por sua vez desse conta ao tribunal do Desembargo do Paço da necessidade que havia de construir a igreja, para de harmonia se mandar passar

---

([13]) Casou em Águeda com D. Ângela da Fonseca Serra. Foram os pais de uma prole grande, de entre a qual destacamos a D. Gaspar Afonso da Costa Brandão, Bispo do Funchal. Foi baptizado em Águeda a 18 de Dezembro de 1703. Faleceu na Madeira a 14-1-1784, sendo sepultado na Sé Catedral.

([14]) Famílias já por mim tratadas em «Águeda Antiga», citado. [Solares e Famílias, *in* Soberania do Povo, *de 11-12-1910, 1-1, 5-3, 2-4, 14-5, 11-6, 13-7, 5-11 e 19-11 de 1921 e 5-1-1922*].

([15]) Outro nome de relevo da nossa terra. Nasceu em Águeda no ano de 1659. Filho de Manuel Domingues do Souto, da Maçoida, e de Maria da Ascenção, da antiga família dos Vidais de Águeda; foi bacharel em Teologia e sacerdote do Hábito de S. Pedro.

«Carta de finta», recurso este já indicado na visita Pastoral de 1700.

Por aqui se vê que não foram coroadas de êxito as recomendações que o Prior Diogo Gomes fizera havia já dezasseis anos, e assim ficam as coisas até ao ano de 1719, data em que se não tinha dado princípio a quaisquer obras. Os autos da visita deste ano revelam-nos agora um pormenor novo e curioso: não havia unanimidade de opinião quanto ao assunto em causa, pois enquanto uns entendiam que a igreja se devia ser feita de novo, outros achavam que não; e ainda que dos autos da visita se deixa transparecer a ideia de que a demora da resolução do caso deveria filiar-se em menos zelo da parte dos fregueses, não me parece que fosse essa a causa. Povo como o nosso, essencialmente religioso, observador de quantas práticas devotas ficaram na tradição, não se lhe deve imputar a culpa do sucedido; convenço-me, antes, que presidiu a essas delongas o desejo de conservar o templo mais ou menos como tinha vindo dos antepassados: reformá-lo?, melhorá-lo?, sim; mas apear as suas paredes até à raiz, tirar-lhe o carácter que se tinham habituado a ver-lhe, isso é que não. Queriam decerto conservar-lhe a traça antiga, tanto mais que não havia ainda muitos anos que a igreja tinha sofrido uma reforma de certo âmbito com a fundação das capelas laterais, e seriam até os particulares que as mandaram construir e as duas Irmandades delas proprietárias os principais partidários da simples restauração da igreja; a leitura atenta dos documentos deixa-me neste convencimento. Mas vejamos o que, com tanta clareza, nos expõe o visitador nesse referido ano de 1719:

«Pelo capítulo da visita passada se ordenou se fizesse uma Igreja de novo com a direcção nele declarada, mas agora me consta que houve alguns desentendimentos, por alguns freguezes quererem se não fizesse de novo a dita Igreja e por isso andavam com informações para impedirem se não fizesse no que tem mostrado pouco zelo no serviço de Deus.

E sendo esta freguesia tão populosa e pode concorrer para se reedificar de novo com a ajuda do dinheiro que há de crescimo nas Confrarias e tributo que Sua Magestade que Deus guarde foi servido conceder, portanto ordeno que o R.º Parocho com os Eleitos e Juiz da Igreja escolhão dois homens de cada lugar desta

freguezia para que façam rol pelas portas de todos os freguezes pelo que cada um pode e deve dar para que com esse dinheiro junto com o das Confrarias e tributo se dê principio a fazer a dita Igreja *a fundamentis* visto estar tão arruinada e miseravel que já não admite concerto.»

Mandava-se que a obra fosse feita dentro de quatro meses, fazendo-se também a devida planta para ser posta a pregão a obra, e para se dar por meio de arrematação a Mestre que desse boa conta de tal serviço; determinava-se ainda que se fosse dando conta do que ia ocorrendo ao Dr. Provedor da comarca e o Páraco, por sua vez, mandaria arrecadar todo o dinheiro das Confrarias e os respectivos juros, e com o tributo concedido e o produto do rol feito pelas portas dos moradores, levando também em conta algumas promessas, tudo isto somado, daria a quantia suficiente para reedificar a Igreja, segundo o juízo dos visitadores. Mas não me parece que, apesar de tão detalhadas e, sem dúvida, criteriosas sugestões, se desse inteiro cumprimento ao que há muito vinham projectando aqueles emissários do Prelado de Coimbra.

Posta a questão nestes termos, com tantas e tão minuciosas instruções, com dinheiro arrecadado, comissões nomeadas, etc., etc., parece que só restava lançar mão das picaretas, destruir a igreja velha e plantar outra, nova, em folha, no seu lugar Mas o povo tem também os seus caprichos; e quando se convence que tem a razão do seu lado, nada há que lhe faça abalar os seus propósitos: foi o que, a meu ver, se deu. E o que se fez então?...

Depois do ano de 1719, em que se tomaram as providências atrás mencionadas, a primeira visita Pastoral teve aí lugar em 1721; procurámos ler os autos dela com atenção, na esperança de ver já as obras da Igreja, se não concluídas, ao menos em bom andamento, sendo com certa surpresa que encontrámos as coisas no mesmo estado de há anos. Deparámos antes com novas queixas, assim expressas:

«He para sentir o miserável estado em que esta Igreja se acha e seja tão pouco o zêlo dos moradores desta vila, que não procurem a factura de uma nova, como se tem mandado, nem se animem com o exemplo de tantos templos visinhos como ha neste Arcediagado em freguesias mais pobres, mas com mais

amor no culto divino. Recomendo ao Juiz da Igreja e Eleitos dêem principio a esta obra cobrando o que se tem para ella aplicado e recorrendo por mais.»

Apelava-se ainda para os lavradores para que dessem «seus dias de carro» e para os trabalhadores a fim de concorrerem também para os serviços dos materiais.

Mas ainda desta vez as coisas não andaram; e, esgotados os meios suasórios, dos pedidos e apelos, feitos por tão diversa forma, os visitadores enveredaram por outro caminho: entrou-se agora no campo da imposição, advertindo-se o Juiz da Igreja e as pessoas nomeadas para tratarem das obras, de que, no caso de na visita próxima não se ter dado início aos trabalhos há tanto ordenados, cada um deles seria condenado em dez mil reis de multa!... Assim se mostra que tinham sido baldados todos os esforços dos anteriores visitadores, feitos no sentido de se dar princípio à igreja nova. E igualmente se vê que se mantém a ideia de que todas estas delongas tinham como origem o pouco zelo dos moradores da terra, juízo que, a meu ver, não deve ser tomado rigorosamente.

Dos eleitos faziam parte pessoas da maior consideração, bem conhecidas no meio, como eram Bento de Figueiredo Brandão, o Capitão António de Almeida, o Capitão João André Homem, tudo gente de crenças religiosas, que decerto não descurariam assim tal assunto.

Devia haver um motivo forte para explicar esta resistência por parte da gente de Águeda, não dando andamento às obras da Igreja, em manifesta oposição a tantas e repetidas ordens, e sugestões tão diversas, feitas no mesmo sentido. Quanto a mim, só vejo uma explicação razoável para o facto: os *desentendimentos* que surgiram a respeito de fazer a obra desde os alicerces, ou de sujeitar o edifício a uma reparação, embora minuciosa e cuidada: deve estar aqui a razão deste estado de coisas que há tanto tempo se arrastava e, justamente, começou a fazer perder a serenidade de ânimo dos ilustres visitadores ([16]).

([16]) Não tenho dados seguros para poder afirmá-lo ao certo: mas convenço-me de que estando na comissão eleita as pessoas já atrás citadas, e como alguns deles tinham família possuidora de capelas

Do ano de 1721 é também uma Memória Paroquial da freguesia de Agueda, escrita pelo Prior Luís Dias Correia (17), na qual se faz referência às capelas particulares, sepulturas que havia na igreja com letreiros, etc., mas não se refere às obras de restauro, nem a descreve com particularidade, o que depois é suprido com a narrativa do *Dicionário Geográfico,* como mais adiante se verá.

Eis-nos agora no ano de 1726. Nova visita é feita à nossa Igreja. Lêem-se os respectivos autos, e vemos tudo na mesma! Repetem-se as queixas, que desta vez nada mais quis fazer o visitador; assim nos diz o auto respectivo:

> «Vejo e é muito para sentir que ha tantos annos vindo os R.os Visitadores a visitar esta Igreja e vendo o miseravel estado em que se acha, tendo todos eles ordenado por capitulos de visita a que se desse principio à redificação ou factura de nova igreja, obrigando com condenações e censuras, não se satisfez até ao presente a obra nem se cotaram as condenações; uma e outra coisa movidas do pouco zelo do R.do Parocho e seus freguezes.»

Fosse como fosse, ou por que fosse, o que é certo é que as coisas continuavam na mesma, arrastando-se anos e anos este assunto da igreja; não me convenço entretanto de que isso se ficasse devendo ao pouco zelo do Pároco, nem à indiferença do povo pelas coisas religiosas, pois além de haver várias Confrarias e Irmandades em que ele se agrupava para melhor dar expressão ao culto divino, em muitos outros casos se demonstravam os seus sentimentos de religiosidade, como já ficou dito.

Alcançamos assim o ano de 1730.

A 17 de Junho, aí está outra vez o visitador, e nada se tinha feito ainda, apesar de mais quatro anos serem decorridos!...

---

particulares, possível é que essa circunstância influísse também para o entravamento do assunto, por não quererem demoli-las, ou até, simplesmente alterá-las.

(17) Rocha Madahil, *Arquivo de Aveiro,* n.º 18 — 1938 — *Memórias Paroquiais de 1721.*

Agora, devemos confessar que é com justo motivo o que ele diz, ainda que em tom moderado, e invocando a protecção divina, ao povo de Águeda, a quem exorta no sentido de se dar realização a tal empreendimento, ao mesmo tempo que afirmava haver já dinheiro bastante para esta obra:

> «Grande mágua me causou ver o estado em q. se acha a Igreja desta freguesia q. sem duvida se houvesse Capella decente para onde se puzesse o Sant.º e os Santos q. nella se acham o mandaria assim; porem como me enformam ha já dinheiro bastante p.a se reidificar m.to recomendo ao povo deste Lugar q. em havendo officiais façam logo m.to por lhe dar principio.» (18).

Vê-se assim que o visitador deste ano foi mais comedido nas suas apreciações, usando de melhor táctica: em vez de ameaça de multas e penas espirituais — o que já havia sido posto em prática, aliás sem resultado que se visse, o critério foi outro, e dele resultou decisivo efeito, pois aquando da visita posterior, que teve lugar no ano de 1736, em vez das queixas e lamentações, censuras, etc., os autos revelam-nos que as obras estão em bom andamento, e expressamente se louva a acção do Prior, que pôs todo o zelo e cuidado em as adiantar. Ali se vêem estas palavras:

> «He urgente a necessidade q. ha de esta Ig.a se pôr corrente p.a se transferir p.a ella o Santissimo e se selebrarem nella os Officios devinos por assim o pedir a necessidade desta freg.a e assim espero q. o R.do Prior, com aquelle zêlo com que tem cuidado em adiantar a mesma obra a faça completar com a possivel brevidade, e do Juiz da Igr.a pella parte que lhe toca pellos meios condusentes.»

Novo rumo tomaram agora as coisas, como se vê. Os trabalhos das obras da Igreja começaram então entre 1730-1736,

---

(18) Visitas Pastorais, 1730.

acchando-se em pleno desenvolvimento em 1738, como se mostra desta parte do auto da visita desse ano, que transcrevo:

> «Louvo m.^to ao R.^do P.^e o Cuid.^o com q. se tem portado no adiantamento da Igr.^a espero q. continue com bom zêlo p.^a chegar a ter a perfeição que he devida a tam S.^to Lugar.»

As obras foram prosseguindo; e se não correram com a celeridade desejada, pois ainda em 1741 não estavam acabadas, iam contudo em bom caminho; e o visitador, sem dar quaisquer ordens ou fazer qualquer recomendação ou censura a este respeito, limitou-se neste ano a exteriorizar o desejo de que se desse fim à obra «p.^a Gloria da Divina Magestade q. nos templos se adora e em elles deseja a suma perfeição e pureza.»

Além disso informa o auto que a tribuna e os altares colaterais estavam já arrematados.

* * *

Mas surge agora a pergunta: em que consistiam então as obras que acabámos de surpreender já tão adiantadas? Demoliu-se totalmente o que estava, e andavam a fazer construção nova, de raiz? Fortaleceriam as paredes velhas, ou fariam mesmo outras novas; mas apenas para o lado do Poente, na direcção dos arcos das capelas laterais construídas no primeiro terço do século XVII?

Os documentos não nos permitem destrinçar com precisão o que se fez. É tudo concorde no sentido de informar que a igreja não estava à altura de povo tão «nobre e rico», e de terra tão importante, centro de uma freguesia populosa, e nada mais; mas entendo, em face de tudo que encontrei a este respeito, e do exame feito à actual Igreja, que não será erro supor que apenas se fez neste tempo uma reforma geral do edifício, mas cuidada e criteriosa. Substituiu-se a capela-mor, que se achava em completa ruína, por uma mais ampla, e o mesmo se fez ao arco cruzeiro e altares colaterais, revestindo-se uma e outros da bela talha doirada que ainda hoje ostentam; o alpendre que estava à porta

[Igreja de Agueda, antes da recente remodelação.
Fotografia da Foto Beleza, Porto]

Igreja de Agueda.
Retábulo da capela-mor.
Séc. XVIII

principal, foi apeado, e as duas paredes da igreja avançaram mais alguns metros até ao Adro, sendo também alteadas, e sobre elas se assentou forro novo, repartido em caixotões emoldurados em madeira de castanho, possivelmente com pinturas posteriormente desaparecidas, colocando-se na linha central do tecto, e a todo o comprimento, de espaço a espaço, uma fila de rosáceas entalhadas, de onde se suspendem os lustres, obra que ainda hoje pode admirar-se, e que recentemente foi reposta no seu antigo aspecto.

As obras da igreja continuavam ainda em 1741, e o Visitador achava-as nessa altura com *«bons acrescentamentos»*, sendo-lhe informado que a tribuna e os altares colaterais já haviam sido arrematados, o que nos leva a concluir que os trabalhos de restauro tinham entrado na última fase; e assim foi de facto. Até 1749, não vimos que se realizassem Visitas Pastorais, mas a suprir a falta e até talvez vantajosamente, sob certos aspectos, temos o *Dicionário Geográfico*, que foi impresso em 1747 (19), e nos descreve com detalhe a igreja de Águeda, mencionando pormenores que nos permitem um conhecimento muito ajustado do templo; melhorou muito o seu aspecto geral com as beneficiações recebidas: rasgaram-se novas e maiores janelas; ampliou-se o arco cruzeiro, que se revestiu de boa talha doirada, com delicados motivos de estilo joanino, rematando por um aparatoso escudo das armas reais portuguesas, entre figuras de anjos e grinaldas de flores, num conjunto sóbrio, a que não falta certa nota da imponência característica da época; ajustaram-se-lhe também os dois altares colaterais, que são do mesmo estilo. Diz o citado *Dicionário Geográfico:*

> «Ocupa a Igreja o logar mais iminente da terra: a sua invocação he de Santa Eulalia e a apresentação pertence á Casa de Aveiro e não ha noticia do tempo da sua fundação; he de tres naves; na parte do Norte tem tres Altares: o do Santissimo Sacramento, fechado com duas grades de ferro, obra antiga e de notavel artefacto: tem um retabolo de pedra com as Imagens

(19) Vid. *Dicionário Geográfico* do P.e Luís Cardoso, 1747.

> dos dôze Apostolos, vulto, sentados á meza e orna-se com dous alampadários de prata (20): na mesma nave se segue a Capella que he propria da freguesia, da invocação do Santissimo Nome de Jesus; tem o altar huma veneranda Imagem de hum Santo Christo e debaixo dele um Passo do Senhor Morto (21) com os Prophetas Moysés e Elias, as três Marias, S. João Evangelista e N. Senhora, obra antiga e admiravel; segue-se na mesma nave o altar de S. Francisco e capella dos Terceiros com huma Imagem do mesmo Santo Patriarcha e de uma parte Santa Rosa de Viterbo e da outra o Apostolo e Evangelista S. Matheus. Na outra nave, para a banda do Sul, fica a Capella de N. Senhora da Esperança, fundada no ano de 1624 com missa quotidiana por Ayres de Pinho e sua mulher e he hoje administrador dela Constantino da Silva Pinto, seu parente; Na mesma nave se segue logo a Capella do Menino Jesus, fundada por Antonio João da Serra e sua mulher Francisca da Fonseca, he seu administrador João Alvares de Figueiredo Brandão; tem obrigação de cento e cincoenta missas e hum aniversario e meio. Para a parte do Nascente fica o Altar-mór, com a Imagem da Padroeira Santa Eulália; outra de S. Pedro Martyr; tinha ainda as imagens de S. Francisco Xavier, Santo Antonio e Santa Apolónia» (22).

Diz ainda o mesmo Dicionário:

> «Da parte do Norte fica o altar colateral dedicado a N. Senhora do Rosário e da parte Sul o de Santa

(20) Não encontrei qualquer outra notícia acerca destes objectos de adorno. Parece que a nossa Igreja sofreu vários roubos de pratas por ocasião das Invasões Francesas, e é possível que eles desaparecessem também nessa altura.

(21) Está hoje na Capela do Senhor dos Passos.

(22) Não se vêem ali hoje estas imagens, mas outras se colocaram na igreja, em diferentes pontos, assentes em mísulas, o que muito prejudica o aspecto interior do templo, no harmonioso conjunto das suas sóbrias linhas. Das imagens referidas acima, a de S.ª Águeda foi colocada na capela de Nossa Senhora da Esperança.

Luzia com a imagem da Santa e Santa Águeda, Santa Catarina, S. Braz e S. Ana.»

Não se apontam aqui nem a Capela do Senhor dos Passos, nem a das Almas, sinal evidente de que elas não existiam nessa data, pois o autor da memória, que descreveu o templo nos seus mais pequenos detalhes, chegando a referir pormenores relativos a certos motivos de ornamentação, não se esqueceria de mencionar as capelas referidas, se lá estivessem ao tempo. Mas outra Memória Paroquial, datada de 5 de Abril de 1758 ([23]), ao fazer a descrição da nossa igreja já lhe inclui estas duas capelas, por onde temos de concluir que as mesmas foram edificadas entre os anos de 1747-1758.

E neste pé ficaram as coisas, até os anos de 1898-1900, em que a igreja sofreu uma grande reforma, tanto exterior, como interiormente, feita a expensas do benemérito Conde de Sucena, nosso saudoso conterrâneo ([24]).

O seu aspecto actual, àparte um ou outro pormenor de ornamentação ou de restauro, é o mesmo que apresentava após a reforma do século XVIII, a que já nos referimos. Vamos transcrever aqui umas pequenas passagens, extraídas duma obra publicada há poucos anos, onde, pela pena de um erudito e distinto

([23]) Escrita pelo Prior. Arquivada na T. do Tombo.

([24]) Não devemos negar que foi benéfica a restauração feita, mas pena foi que se não tivesse seguido um critério mais respeitador da primitiva e característica traça do templo. Assim, retiraram-se as belas grades de ferro forjado que vedavam as capelas laterais e lhe davam uma nota muito curiosa; substituiu-se a camada de ouro velho das talhas dos altares por tinta vulgar de cor branca, e o tecto, de caixotões emoldurados em madeira de castanho, foi revestido de espessa camada de argamassa, estando hoje já despido dela, devido à iniciativa do Pároco Monsenhor José Bernardino dos Santos e Silva que se dedicou a essa tarefa, e, com a ajuda de pessoas da freguesia, angariou donativos para se proceder àquela reparação, o que vincou de forma muito louvável a sua passagem pela cadeira paroquial desta freguesia.

Tmbém na mesma ocasião foram colocados na capela-mor uns quadros a óleo, de grandes dimensões, representando figuras de Evangelistas, e que ali ficaram a dar uma nota de embelezamento, oferta do nosso ilustre conterrâneo Conselheiro Afonso de Melo, que igualmente fez dádivas de uns formosos relicários em talha doirada que foram postos no altar da Capela do S. Sacramento.

escritor, vem feita a descrição da igreja de Águeda, que algumas vezes visitou, sendo assim o seu depoimento duplamente valioso, pelos conhecimentos que possuía em tal matéria, e pelo exame que directamente fez ao templo:

«o aspecto geral é o de um monumento do tempo de D. João V.

Houve por essa época reedificação, com acrescentamento denunciado por uma pequena tôrre colada à parede E da tôrre (do séc. XVIII) e que era com certeza dum templo anterior.

A igreja tem pirâmides, cunhais e uma pesada frontaria de granito ao lado S. da qual se ergue a torre. É formada por três naves com capelas laterais de abóbadas, suportadas cada uma pelo cruzamento de dois arcos ogivais de pedra, assentes em colunas e capiteis, também de granito, em cujos vértices se vêem bocetes com lavrados. Interiormente sofreu o templo reforma nos últimos anos do século passado (1898-1900), reforma que, embora em parte necessária e feita na melhor intenção, se ressente d'uma absoluta falta de competência e bom gosto. Fizeram-se barbaridades irremediáveis. Cobriram-se com estuque os caixotões de castanho do tecto; trocou-se o ouro velho da talha, discreta e preciosamente patinado pelos anos, por tinta branca e ouro novo, berrantes, espectaculosos, próprios de teatro ou café concerto; umas grades pesadas, de ferro, bem interessantes, que separavam as capelas laterais da nave, desapareceram; e até lageados cobertos de inscrições e armoriados foram substituídos por mosaico. A igreja conserva porém, ainda, duas capelas laterais do séc. XVII. São ambas particulares: uma, com a invocação de Nossa Senhora da Esperança, pertence à casa da Borralha; a outra, da invocação do menino Jesus, foi instituída por Pedro Fernandes Chucre e sua mulher Beatriz João, de Águeda e pertence à Casa das Lágrimas (Coimbra). As restantes capelas, embora não haja documentos que o atestem, parecem da mesma época.

Pode admirar-se o arco cruzeiro e a tribuna, com alguma talha de merecimento, do meado do sec. XVIII, e duas obras de pedra de Ançã, de valor artístico: um retábulo na capela do Sacramento com o sacrário em forma de castelinho com suas amuradas na parte central; aos lados, figuras de anjos esculpidas na pedra, e na parte superior um alto relevo que representa a *Ceia de Cristo*. Esta obra afigura-se inspirada nos moldes da escola do Renascimento coimbrão, atentos alguns pontos de semelhança entre este retábulo e a capela do Sacramento da Sé Velha de Coimbra. A outra obra de pedra de Ançã existente na igreja de Águeda e digna de referência é um grupo da *Deposição de Cristo no túmulo:* a imagem da Virgem e algumas das dos Apóstolos têm bordaduras a guarnecer as roupagens, bem delineadas» ([25]).

*
* *

Mas deixamos dito atrás que a igreja de Águeda — pelo núcleo de objectos de arte que ainda hoje contém, representativos de diferentes modalidades dos períodos artísticos que a idade da sua construção abrange — poderia considerar-se um pequeno museu da nossa terra; e assim é, de facto. Digamos então agora alguma coisa, em abono do que já por mais de uma vez tivemos ocasião de afirmar.

Além do belo espécimen que constitui a PIA BAPTISMAL, indubitavelmente filiada no ciclo gótico, talvez misto de outras influências, ali poderemos admirar o formoso retábulo de pedra de Ançã da Capela do S.S. Sacramento — que bem merece um estudo atento e demorado, por parte dos arqueólogos especializados nesta matéria.

Pertence à Escola da Renascença coimbrã e deve considerar-se do melhor que saiu da mão dos seus experimentados e hábeis

([25]) Vide *Guia de Portugal*, vol. III, p. 573, baseando-se, nesta parte respeitante à igreja, nas minhas crónicas publicadas na *Soberania do Povo*, de Águeda, em 1919.

lavrantes, pela suavidade das suas linhas, delicadeza e perfeição dos ornatos e figuras de que se compõe; representa a ÚLTIMA CEIA, vendo-se a figura de Cristo, sentado à mesa, rodeado dos Apóstolos ([26]).

Além deste trabalho, existe o belo grupo escultórico da DEPOSIÇÃO NO TÚMULO, composição muito expressiva e valiosa, de traça muito correcta, também da mesma escola, e lavrada no mesmo calcáreo. A isto devemos juntar os baixos relevos dos arcos das capelas laterais, e ainda um pequeno capitel do Cruzeiro do Calvário, que se acha no Adro da igreja. E é tudo que podemos agrupar, pelo que toca a trabalhos em pedra, pois que, adentro ainda do âmbito renascentista, está o retábulo da Capela dos Terceiros de S. Francisco, com os seus motivos decorativos e que, não sendo dos mais ricos, são de muito agradável vista na combinação dos variados baixos-relevos, vasados nos moldes da época.

Mas é o século XVIII, como da leitura do que ficou atrás escrito bem se depreende, o que ali tem mais dilatada representação artística: nos retábulos dos altares colaterais, no revestimento de talha doirada que a partir do cimo deles as paredes do arco cruzeiro ostentam até se rematar pelo elegante escudo das armas reais portuguesas, a que já nos referimos; nas colunas e mais ornamentação entalhada da capela-mor, e ainda nas imagens de bom recorte setecentista, das quais devemos salientar as da Padroeira Santa Eulália, S. Pedro, Nossa Senhora do Rosário e Santa Luzia, estas duas, principalmente, de cuidado acabamento, num conjunto feliz, que dá ao templo uma nota de certa imponência, a lembrar ainda os últimos e faiscantes lampejos do reinado do rei magnânimo [[3]].

([26]) Já disse da convicção em que estou de que a autoria do retábulo pertence aos artífices que trabalharam na Capela dos Lemos da Trofa, e foi feito na primeira metade do século XVI, possivelmente. Segundo as mais autorizadas opiniões, esta estava construída em 1538 e o retábulo deve ter sido acabado depois. Vide *O Panteon dos Lemos*, Aarão de Lacerda, e *A Capela dos Lemos da Trofa*, pelo Dr. Augusto Soares de Sousa Baptista, 1946. *[Num estudo recente, Amaro Neves, com bem fundamentados argumentos, dá para as duas obras datas diferentes* (Os Lemos da Trofa na História e na Arte de Quinhentos, *Águeda, 1984, pp. 65-86].*

Por meu intermédio, o *Guia de Portugal*, vol. III, traz uma reprodução fotográfica desta obra de arte, por mim remetida para este fim.

PÁROCOS DE ÁGUEDA
1575 - 1951

Francisco de Alcoutim 1575
Baltasar Veloso, colado em 16-4- 1575
Filipe de Souto Maior, colado com apresentação da Duquesa de Aveiro, D. Madalena Girão em 2-X- 1579
D. João d'Almada, colado em 19-V- 1600
com apresentação do Duque de Aveiro D. Álvaro de Lencastre.
Paulo Ribeiro 1622
João Cardoso 1629
Licenciado Pedro Rodrigues Pinto 1632
L.do Bartolomeu da Fonseca 1641
Álvaro de Escobar Roubão — colado em 3 de Outubro de 1641
com apresentação da Duquesa de Aveiro D. Ana Maria, como tutora de seu filho.
Agostinho Rodrigues de Pinho 1669
Constantino da Silva Pinto—colado a 30 de Janeiro de 1670
Apresentação do Duque de Aveiro.
Luís Dias Correia, colado a 10 de Dezembro de ... 1710
Apresentação do Rei D. João V.
João de Cristo e França, colado a 20 de Setembro de 1732
Apresentação do Duque de Aveiro.
João Rodrigues 1736
Manuel Abranches da Costa, colado a 4 de Julho de 1744
Apresentação do Duque de Aveiro.
João Ricardo de Araújo 1761
Dr. Manuel do Vale, colado a 5 de Julho de 1761
Apresentação do rei D. José.
João Francisco da Rosa 1805
José Manuel da Cunha Coelho Brandão 1807
Manuel de Sousa Ribeiro 1824
Francisco Marques Pereira 1838
José Maria Pacheco de Aguiar 1848
José da Fonseca 1862
José Ferreira Estimado 1865

Joaquim da Silva Neto 1887
António Ferreira de Almeida Freitas 1889
João de Figueiredo Breda 1900
Eduardo de Melo 1905
Monsenhor José Bernardino dos Santos e Silva ... 1929
Amílcar Amaral ([27]) 1943

CURAS
1578 - 1951

António Fernandes 1578
Pedro de Paiva 1608
António Simões 1629
André Marques 1632
Manuel dos Santos 1641
Cristóvão Cardoso 1643
Bento Vaz 1643
Pedro Tomé 1651
João Soares 1652
Francisco Rebelo 1659
António de Figueiredo 1662
Frutuoso de Macedo 1665
Manuel da Costa 1677
Manuel Rodrigues 1698
António da Cruz 1710
Manuel Simões Soares 1713
Manuel Loureiro da Silva 1733
Manuel de Almeida 1747
António Tavares 1765
António José de Brito 1770
Francisco da Rosa 1780

([27]) Actual e distinto Pároco. Tomou posse em 26 de Setembro de 1943.

Não se trata duma lista completa, pois foi organizada à medida que os nomes dos diferentes Párocos se nos foram deparando em documentação muito diferente; e o mesmo diremos pelo que respeita aos Curas, adiante mencionados, e que, às vezes, por longo tempo substituíam os Priores, que também o eram pelos «Encomendados».

Lourenço Peres Coelho	... ...	1793
José de Almeida	... ...	1805
José António Vieira de Castro	... ...	1808
António da Silva Tavares	... ...	1824
Joaquim de Almeida	... ...	1826
Francisco Simões da Conceição	... ...	1833
António Marques Pinheiro	... ...	1834
Luís António de Abrantes	... ...	1836
Silvestre Henriques de Oliveira	... ...	1837
António Francisco Estima	... ...	1838
Domingos Tavares	... ...	1842
José Ferreira Estimado	... ...	1848
João Alberto Álvares de Melo	... ...	1858
Manuel Vasco de Sousa	... ...	1861
António de Almeida Freitas	... ...	1874
António Rodrigues Pereira Coelho	... ...	1875
Fernando Eduardo da Silva	... ...	1884
Vicente Ferreira Sucena	... ...	1888
José Ferreira Sucena	... ...	1896
José de Jesus Capela Manuel de Carvalho e Silva Viriato da Graça Bodas Manuel Vieira de Oliveira Virgílio Susana Dias	... ... De 1929 a	1951

[1] O Conde da Borralha não só escreveu esse estudo, que Soares da Graça referencia, como outros sobre o mesmo assunto. Vejam-se: Albergaria de Águeda, *in* A Santa Casa da Misericórdia de Águeda, *Capitão José Maria Coutinho, 1958, pp. 11-20; também publicado com o título de* O Hospital de Águeda, *in A.D.A., vol. V, 19, pp. 119-126;* Águeda (uma transcrição necessária), *id., vol. IV, 1938, pp. 309-313;* Apontamentos sobre Águeda, *id., vol. XXIX, pp. 287-294.*

[2] Num documento de 1017 (n.º 349 dos Diplomata et Chartae), *que refere o inventário de Paio Gonçalves de 1017, surge-nos o* porto de Santa Eulália, *o que denuncia a existência de um templo, pequena capela ou ermitério, com essa designação. (Ver o nosso estudo,* Os Primeiros Senhores de Águeda, *1985). E nas Inquirições de D. Afonso II e num fragmento dessa inquirição que João Pinto Ribeiro data de 1220, a igreja de Águeda era ainda do padroado real. «A igreja de Águeda era a cabeça do antigo Casal de Lausado e era o único responsável, pelos foros e rações que pagavam os habitantes de cujas casas era senhoria, o seu prior». (Conde da Borralha,* Águeda (uma transcrição necessária), *p. 310). É evidente que o actual templo deve ter sido construído na 2.ª metade do séc. XVI, sofrendo, posteriormente, profundas alterações.*

[3] Após a data da publicação deste estudo (1951), muitas transformações se operaram na Igreja de Santa Eulália que seria fastidioso anotá-las. Entre 1974 e 1977 executaram-se obras de remodelação e ampliação da Matriz, de que nos dá conhecimento, pormenorizado e atento, o P. Manuel António Carvalhais no seu livro A Igreja de Santa Eulália. *Duas plantas gerais, uma referente ao templo dos séculos XVI e XVII e outra com as alterações produzidas nos séculos XVIII, XIX e XX, ajudam-nos, apoiados em texto esclarecedor, a acompanhar e justificar a evolução do templo. Sobre diversos aspectos da obra artística, além de Soares da Graça e P. Manuel António Carvalhais, cf. Nogueira Gonçalves,* Igreja Paroquial, *in* Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, Zona Sul, *1959, pp. 6-9.*

AS ANTIGAS PROCISSÕES DE ÁGUEDA

Arquivo do Distrito de Aveiro, Vol. XIV, 1948

O exame de numerosa e variada documentação revela-nos que desde bem recuadas eras se efectuavam em Águeda diferentes Procissões e outros cortejos religiosos mais ou menos aparatosos e cuja prática o nosso povo foi mantendo carinhosamente através dos tempos, trazendo alguns até nossos dias, não raras vezes à custa de trabalhos de toda a ordem e mesmo de pesados sacrifícios. E se, de tudo isso, uma boa parte desapareceu na corrida dos séculos, nós poderemos contudo ainda, à vista do que ficou, aquilatar quanto de pitoresco e de beleza enriquecia essas tradicionais composições cuja apresentação em público foi, é, e será sempre, um dos espectáculos mais queridos, mais venerados e mais sentidos que pode oferecer-se aos olhos da nossa gente. Passam os séculos, mas a alma, o sentimento popular, esse, vai permanecendo o mesmo na sua essência, e só assim se explica que ainda hoje tal como há muito o fizeram nossos avós de antanho, o bom povo da nossa terra aí apareça a promover, a dirigir, a tomar parte, ou, de qualquer forma, mais ou menos directa — a concorrer para este fim com a mesma fé, com o mesmo devoto interesse e com o mesmo amor com que eles outrora o fizeram.

Sem a preocupação de organizar uma resenha completa destas velhas manifestações de culto que aí se faziam com um cunho muito especial, revestindo mesmo certas particularidades que não conhecemos noutras regiões, embora se notem entre umas e outras alguns pormenores comuns ou semelhantes — apontarei entretanto tudo o que a tal respeito conseguir reunir; e, se bem o

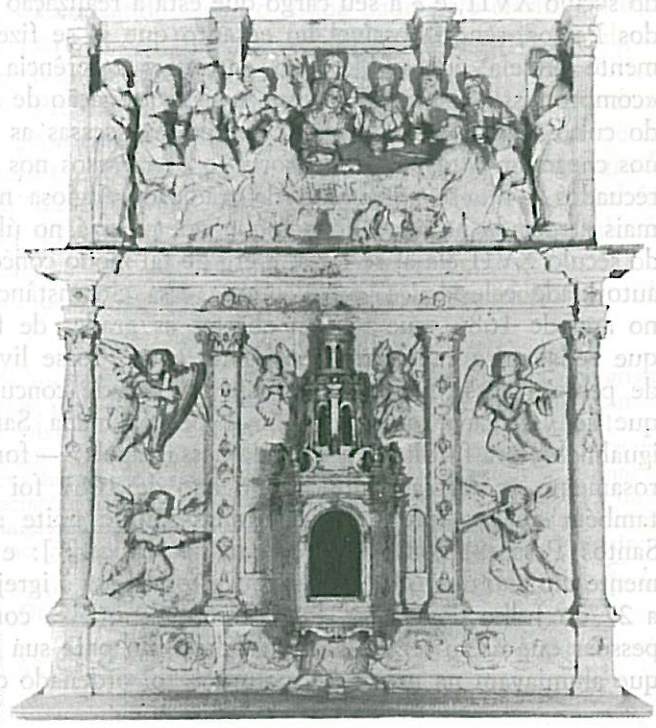
creio, formarei assim um dos mais interessantes capítulos da história de Águeda.

Só quem ali não tenha presenciado algum dia essas tocantes, e ao mesmo tempo aparatosas procissões dos Passos e da Semana Santa, poderá discordar do que afirmo; é que, na verdade, parece que um laço mais forte prende as almas nessas ocasiões, tocando-as dum sentimento de mais funda religiosidade e elevação, aquecendo-as na mesma labareda de fé, que atinge a sua expressão máxima nessa noite de emotiva beleza qual é a de sábado de Passos, e que tem sido em épocas várias — e algumas já bem distantes, continuando decerto a sê-lo, — um tema preferido por escritores da nossa terra que têm procurado pintar esse belo quadro com as mais formosas tintas da sua imaginação. E, efectivamente, quando a imagem do Senhor dos Passos sai da igreja de Águeda oculta no seu camarim de seda roxa, já sob o escuro da noite, a caminho da capela de Assequins, entre o tremeluzir de milhares de lumes, que são outros tantos corações aquecidos pela crença, e o ciciar das preces da multidão reverente que acompanha o Senhor ajoelhado sobre o andor florido; com os outeiros de ao redor e casais iluminados ao longe, como se as estrelas baixassem do firmamento e ali fossem postas a doirar aqueles lugares; e ainda o dobre triste dos sinos atirado lá da torre da igreja, a juntar-se ao trilo de centenares de ralos que nessa quadra do ano povoam o nosso campo e que, em caprichoso concerto, formam uma estranha orquestra — tudo isso assume proporções de belezas tais, que a pena as não pode traduzir fielmente: não nos alonguemos por isso neste ponto e entremos já no assunto enunciado, começando por falar das procissões e cortejos religiosos mais antigos de Águeda, que através dos tempos têm deixado mais vivo rasto.

PROCISSÃO DOS PASSOS

Não se sabe ao certo em que data começou a fazer-se esta procissão; ela vem contudo de tempos muito remotos, imemoriais, e filia-se, possivelmente, na do Senhor dos Passos da Graça, que, com grande veneração se realizava na capital a partir do século XVI e que teve como origem o aparecimento de uma imagem de Cristo com a cruz às costas no Convento dos Gracianos em

Deposição no túmulo. Séc. XVII



Retábulo do Santíssimo Sacramento. Séc. XVI

circunstâncias misteriosas, no mesmo lugar onde pernoitara um mendigo a quem os frades daquele convento deram agasalho, o qual dali desapareceu sem se saber como. O facto foi atribuído a milagre e a devoção ao Senhor dos Passos foi aumentando dia a dia, conservando-se ainda hoje muito viva.

A Procissão dos Passos faz-se em muitas regiões do país e a sua composição é mais ou menos a mesma que se adoptou em Águeda; há terras onde esta função religiosa é feita segundo regras estabelecidas em disposições antigas e por iniciativa das Misericórdias locais que correm inteiramente com todas as despesas necessáras, tendo até algumas os seus «compromissos» ou obrigações escritas para esse fim. Noutras terras há Confrarias ou Irmandades próprias que fazem essas solenidades; e onde não há instituições desta natureza formam-se muitas vezes comissões particulares que promovem esses actos religiosos. Em Águeda temos a Irmandade do Senhor Jesus instituída no primeiro terço do século XVII, e é a seu cargo que está a realização da Procissão dos Passos, sendo possível no entanto que já se fizesse anteriormente àquela época [1]. Não encontrei referência a qualquer «compromisso» escrito que impuzesse a obrigação de realizar actos do culto relativos a este assunto, sendo escassas as notícias que nos chegaram a respeito da Procissão dos Passos nos tempos mais recuados. Trata-se entretanto da tradição religiosa mais antiga e mais arraigada na alma do nosso povo, pois já no último quartel do século XVII ela aí se fazia, e era de tal modo concorrida, que a autoridade eclesiástica, atendendo a essa circunstância, permitia, no ano de 1686, que fossem abertas as grades de ferro forjado que vedavam a capela do Santíssimo e que fosse livre a entrada de pessoas nesse recinto, em vista do grande concurso de povo que se verificava nessa ocasião e pela Semana Santa, em que igualmente era facultada a entrada nessa capela, — fora disso rigorosamente vedada ao público. No ano de 1687 foi determinado também que as mulheres não andassem de noite a «correr os Santos Passos», como era costume na época [2]: e já anteriormente, no ano de 1681, na Visita Pastoral feita à igreja de Águeda a 27 de Julho desse ano, foi apresentada queixa contra algumas pessoas que «sem temor de Deus» levavam para sua casa as velas que alumiavam na procissão, pelo que foi ordenado que a Irmandade as distribuísse segundo um rol, para depois se cobrarem, também por meio dele; foi calculado o número de 60, das velas desaparecidas naquele ano, facto aliás pouco honroso para os penitentes desse tempo... [3].

De tudo isto porém tem de concluir-se que a Procissão dos Passos em Águeda vem de eras longínquas, devendo considerar-se como a manifestação religiosa mais antiga e mais concorrida da nossa terra, sendo também a mais respeitada. Pelo que tenho visto e lido, não difere muito de terra para terra o aspecto geral do figurado e mais elementos de que se compõe este préstito religioso; além da Irmandade do Senhor Jesus, dos andores do Senhor dos Passos e da Virgem da Soledade, é costume incorporarem-se também «anjinhos» e outras figuras alegóricas como a de Maria Madalena e S. João, vistosamente trajadas, o que dá ao conjunto uma nota de pitoresco realce (1). Na capital, de onde, como já dissemos deve ter irradiado para a província esta tradição religiosa, figurava neste préstito o «farricôco» tocando uma buzina, simbolizando assim o toque dado pelo clarim romano «quando as justiças do Império conduziam ao patíbulo algum condenado e como se fizeram em Jerusalém quando Jesus Cristo foi levado do Pretório ao Calvário» (2). Em Águeda, e em cumprimento de promessas ainda actualmente toma parte, à frente da procissão, um ou mais homens que tocam uma trombeta, designada pelo nome de *sacabucha* [4]. Este pormenor é observado também noutras terras do país (3). Apesar do muito que neste capítulo de tradições locais se tem perdido na esteira dos séculos, não esmoreceu ainda sequer, antes cada vez é mais vivo e intenso, o culto da

(1) É de justiça anotar que houve sempre em Águeda um gosto muito particular, um «jeito» próprio para ornar ou vestir estas figuras, salientando-se nisto a conhecida família Guerra. Toda a Águeda se recorda da velha «Ti Zefa Guerra» que tantas gerações ataviou para esse fim: quem há aí, dos seus 30, 40, 50 e 60 anos que não tomasse parte nas procissões de Águeda «composto» por ela? Já em 1795 uma sua avó não pagava anual «por vestir a figura do Adão para a procissão da cinza», como vi num rol de irmãos da Irmandade de S. Francisco.

(2) Esboceto Histórico da Veneranda Imagem do Senhor Jesus dos Passos da Graça, 1874.

(3) Em Torres Novas assim se faz também — Vid. *Memórias de Torres Novas*, Artur Gonçalves, 1937.

nossa gente pelo Senhor dos Passos: renovam-se a miúde no seu altar as mais mimosas flores e diante da sua imagem ardem constantemente lumes votivos, quais chamas de corações agradecidos por mercês dispensadas. É frequente oferecerem-lhe círios do peso da pessoa que faz a promessa, ou da sua altura *(do seu altôr,* na linguagem popular) e que ali se consomem diante do altar do Senhor dos Passos [5].

Não sei se outrora houve em Águeda capelas próprias para os chamados «Passos» edificadas nas ruas do percurso da procissão, como havia em Lisboa e se vêem ainda em algumas terras do país (4) [6]. Nunca encontrei referência a isso e, àparte o Passo do Calvário, embutido na fachada norte da igreja, só tenho conhecimento dos que costumam armar nas casas particulares por essa ocasião.

PROCISSÕES DA SEMANA SANTA

Com as procissões dos Passos relacionam-se as da Semana Santa, que em regra se faziam também anualmente.

Quanto às solenidades de culto interno, próprias desta quadra litúrgica, encontrei referências várias a partir do último quartel do século XVII, mas quanto às procissões propriamente ditas não vi qualquer data sobre que possa precisar-lhes o começo, tudo indicando porém, que são igualmente bem antigas. Podem classificar-se de mais importantes as Procissões do Enterro e da Soledade ou das Lágrimas; qualquer desta bem aparatosa, a última porém mais simples, mas tocada igualmente de certa imponência.

A Procissão do Enterro que por si é tocada duma nota emocionante, pelo seu próprio significado, é também aquela que prende o povo de mais interesse tendo em vista que é nela que figura o *Vos omnes,* o «Vozone» como vulgarmente é conhecida a figura alegórica que vai logo a seguir ao esquife em que é levada aos

(4) Na Guarda, em Ovar, etc. Em Celorico da Beira ainda se vêem em alguns pontos da vila, nichos grandes, de pedra, onde se colocavam as imagens; em Condeixa existem ainda hoje oratórios embutidos nas paredes de alguns prédios, com figuras da Paixão; em Taveiro, a Irmandade do Senhor possui também oratórios de madeira, móveis, onde são expostos quadros pintados com a Vida de Cristo, e que no dia próprio são ornados.

ombros de quatro clérigos revestidos de alva e com as estolas de cor negra cruzadas sobre o peito, a imagem de Cristo morto e que representa a Virgem lamentando a morte de Jesus. O «Vozone» canta em diversos pontos do itinerário da Procissão do Enterro, o que faz convergir a esses locais grande número de pessoas, principalmente quando aparece a desempenhar esse papel uma figura de boa apresentação e timbrada voz [7].

Sobre a composição destas procissões não encontrei nada estabelecido relacionado com épocas recuadas: o que delas resta, e que é na verdade ainda muito, deve ser o resultado duma longa prática seguida através de muitas gerações O povo foi compondo, ajeitando, melhorando estes cortejos religiosos com o seu carinho, com o seu gosto, com a sua fé devota, só assim se explicando que tenham resistido até aos nossos dias, sem grandes alterações.

A Procissão do Enterro abre pelo pendão da Irmandade do Senhor Jesus, abatido, segurando às extremidades quatro irmãos trajando de luto e envergando as suas opas pretas; segue-se-lhe o corpo da irmandade, que é numeroso, e a meio dela um sacerdote revestido de capa e batina, empunhando uma cruz grande, de madeira, da qual pende um alvo lençol de linho, e a ladeá-lo duas lanternas acesas; depois grupos de anjos transportando os martírios do Senhor e logo após as figuras das três Marias caprichosa e vistosamente engalanadas. com os seus vestidos e mantos de coloridos tons, e ainda S. João Evangelista ao lado da Madalena seguinte o esquife em que, sob o pálio de cor roxa, vai a imagem de Cristo morto, em tamanho natural, envolta na mortalha branca de linho bordado. Logo após, o andor da Virgem da Soledade, de forte e magoada expressão (5).

*
* *

Dentro ainda da Semana Santa, em 5.ª Feira Maior, tem lugar a *Procissão da Soledade* ou das *Lágrimas*. Toma parte nela a mesma Irmandade, e apenas é constituída por ela, pelo andor da Virgem

(5) O povo de Águeda nutre particular devoção por esta imagem, que é muito antiga. Em tempos pensou-se substituí-la por uma outra, chegando a ser adquirida uma imagem nova, o que ia provocando grande conflito; daí, ser esta designada por «Senhora Velha».

acima mencionada, que fecha o cortejo rodeado de lanternas acesas, pois esta procissão tem lugar, como a anterior, de noite. À frente, abre o préstito um grupo formado por um sacerdote trajando capa, batina e barrete, descendo aquela, solta, até aos pés, levando uma imagem grande, de Cristo Crucificado, indo ao lado dois irmãos do Senhor Jesus, conduzindo cada um uma lanterna acesa. Antigamente era aquela Imagem levada na procissão por um daqueles Irmãos, e essa prática vinha já de tempos remotos; mas em 1815 o então Prior de Águeda, José Manuel da Cunha Coelho Brandão, não se conformando com este costume, quis acabar com ele, alegando que o Cristo deveria figurar ali como cruz da freguesia e assim, junto dos clérigos, devendo ser levado pelo Juiz da igreja, sustentando que aos irmãos do Senhor Jesus só era permitido levar o seu pendão. Estabeleceu-se conflito e a Irmandade elaborou uma extensa representação (6) ao Prelado de Aveiro, pedindo para continuar a usufruir aquele direito, que era imemorial, sendo aquela imagem de Cristo a mesma que servia na Via-Sacra e nas procissões de Penitência. Não pude apurar qual a solução que foi dada a este caso, mas o Prelado aveirense deve ter atendido o pedido da Irmandade, pois o certo é que foi sempre um clérigo, e só na falta deste um membro daquela Irmandade que conduziu a dita imagem, que continua a ocupar na Procissão das Lágrimas o lugar que lhe foi dado antigamente, não atrás junto do clero, mas na parte dianteira deste préstito religioso.

PROCISSÃO DAS CINZAS

Forma, com as duas atrás referidas, o número das três mais importantes procissões que chegaram a nossos dias. Costuma também ser designada por *Procissões dos Terceiros* ou da *Penitência* e é mais ou menos semelhante às que se fazem noutras terras, diferindo apenas num ou noutro pormenor do seu arranjo, número de andores e imagens.

Em Águeda, eram bastante numerosas as imagens que a Ordem Terceira de S. Francisco possuía, desde tempos muito antigos, e

(6) Foi este memorial escrito por Bernardino José da Graça, da Borralha, Tabelião nas Notas do Juízo de Fora da Vila de Recardães. Falecido na Borralha a 26 de Setembro de 1831.

[O velho andor com a imagem do Senhor dos Passos].

assim o seu avultado número de andores dava a este cortejo religioso uma nota de aparato e grandiosidade que lhe conquistava um lugar de grande relevo entre os outros. Havia as imagens de Nossa Senhora da Conceição, cujo andor abria a procissão da Cinza, de Santo Ivo, dos Bons Casadinhos (S. Lúcio e Dona Bona), da Rainha Santa Isabel, de Santa Clara, de Santa Rosa de Viterbo, de Santa Rosa Morta, de S. Luís rei de França, de S. Tomás mártir, de S. Francisco a receber as chagas, de S. Francisco abraçado ao Senhor, de S. Francisco ressuscitado, de S. Francisco e Senhor dos Passos com a cruz às costas, e mais recentemente de S. Roque (7).

À face de um velho livro do cartório da Irmandade, que examinei, e do qual tirei algumas notas, é fácil reconstituir este préstito religioso, a partir dos fins do século XVIII (1794), e com bastante pormenor, não sendo erro conjecturar que assim fosse já muito anteriormente. O seu princípio deve remontar ao século XVII, época em que a Irmandade de São Francisco tinha já na igreja de Águeda o seu altar privativo em capela própria, podendo talvez concluir-se que nessa época a Ordem estava entre nós florescente, pois o retábulo dessa capela, em talha doirada, ao gosto da Renascença, se bem que modesto, é dos melhores do templo.

A Procissão das Cinzas, pela aparatosa composição que a constituia, e pela singularidade de certos pormenores que nela se observavam, devia ser um espectáculo sensacional, bem rico de colorido e de acentuado e estranho pitoresco. Além do seu grande número de andores, — estes como as imagens que neles eram

(7) Parece que foi dádiva, à Ordem, do falecido Conde de Sucena, e nessa Casa se guarda.

Nos Açores, Vila Franca do Campo, onde assisti a esta Procissão, havia os andores de S. Francisco deitado sobre silvas e do Senhor preso à coluna, que não vejo existirem por aqui.

Estas imagens estão ao cuidado de várias famílias de Águeda e Borralha, que pertencem à Irmandade. Já em tempos antigos assim era. Em 1807 foram adquiridos os andores de S. Francisco e Senhor dos Passos com a cruz e ainda o de S. Francisco recebendo as chagas, sendo entregues nesse ano à guarda de D. Rita Cândida de Castelo Branco, da Venda Nova, o primeiro, e o segundo a Joaquim José Pereira Guimarães. Na Casa do Redolho foi depositado o andor de S. Francisco abraçado ao Senhor, sempre mimosamente preparado para a Procissão da Cinza; em casa de D. Ana Alves os de Snta Clara e S. Luís Rei de França, etc., etc., sendo todos armados pelos irmãos que os guardam com o melhor carinho.

conduzidas, preparados com arte e bem ornados — viam-se grupos alegóricos e figuras várias, de mistura com orquestras de instrumentos diferentes, cujo conjunto deveria ser cheio de palpitante interesse; basta saber-se que nele se incorporava uma companhia de Auxiliares que era sempre requisitada à Comarca de Esgueira, e que tomava parte no cortejo com o seu tambor; um grupo numeroso de tocadores de pífaros, e um outro grupo de «fradinhos» que engrossava o acompanhamento dos irmãos terceiros, que na maior parte eram ocupados no transporte dos andores.

Tenho à mão as notas das despesas feitas com as Procissões das Cinzas em vários anos, em Águeda, e os números falam bem expressamente, por eles se podendo facilmente avaliar o que era esse cortejo religioso no tempo dos nossos avós. Senão vejamos: logo à frente, em passo grave, cadenciado, o Anjo querubim, coberto de sedas e pedrarias vistosas, expulsando Adão e Eva do Paraíso, figuras que o seguem vestindo humildes túnicas, em atitude submissa, em contraste com a do Anjo, que de espadim empunhado vai revestido de solene magestade; depois, as músicas, os andores, os irmãos, os anjos, distribuídos com regularidade em todo o comprimento da procissão.

Das contas das despesas feitas com estas funções religiosas, de 1813 em diante, vê-se: que neste ano, os cantores levaram 3.200 reis; com os anjos gastaram-se 600 e com o feitio de um hábito para S. Francisco, feito pelo alfaiate Charra, dispendeu-se a quantia de 360 reis; em 1814, por dois sermões pregados pelos frades de Serém, 3.200; 2 dobradiças para o andor de S. Francisco ressuscitado, 140, e ainda 120 reis que deram ao armador Crespo por ir a Serém levar uma carta ao Padre Comissário. Em 1815, também entre outras despesas, anotei a da importância de 480 reis que deram ao portador que foi a Esgueira buscar a licença da autoridade militar para os milicianos poderem ir na procissão e a de 1.440 que foi em quanto importaram os «pifres» que foram tocados durante o percurso da mesma. Por seu lado, com o pífaro e com o tambor dos Auxiliares também se gastaram 240 reis; o armador Crespo, por tocar as tréculas (matraca), e os rapazes que envergaram hábitos receberam o mesmo que se deu ao tambor, e foram estes os gastos mais modestos deste ano, pois a quantia mais avultada — 2.000 — foi ganha pelo José Pintor por armar os

andores; este, ainda se abotoou com mais 480, que foi quanto pediu «por fazer as bichas» ([8]).

No ano de 1819, ao Senhor Padre Cabaço, por assistir à missa da Cinza, davam-se-lhe 200 reis sendo a maior quantia dispendida este ano, de 4.800, que os frades de Serém levaram por três sermões; menos de metade — 2.160, deram aos frades da casa conventual de Travassô, por tomarem parte, como cantores, na procissão.

Em 1821, vê-se que os gastos foram mais reduzidos; de tocar a matraca e o sino 330 reis, e poucas despesas mais se fizeram; mas em 1822 já assim não sucedeu: só o Anjo querubim, à sua conta, fez gastar à Ordem 3.000 reis, o que nos leva a concluir que neste ano deve ter dado nas vistas... Com muito menos teve de se contentar a Eva cujo vestido importou apenas em 665 reis, como vi anotado. Só houve neste ano um sermão a S. Francisco, e ao pregador foi dada a quantia de 1.200; em 1823, os cantores que tomaram parte na cerimónia das Cinzas e na procissão ganharam 2.490. Em 1826 também foram pequenos os gastos: um requerimento ao General do Porto por causa dos Auxiliares, 480, sino e matraca, 250; em 1828 já se foi mais além, pois neste ano os pífaros importaram em 1.440, e também se gastaram 240 reis com matraca e sino.

Não encontrei apontamentos sobre alguns anos, decerto porque a procissão se não fez anualmente, e não tomei nota de outras despesas, que se repetiam. Em 1841, a três mulheres que foram a Ílhavo buscar adornos para a Procissão e que os confrades de lá, com quem houve sempre boas relações de camaradagem, emprestavam, 640 reis; em 1843 foram comprados 2 resplendores, um para Santo Ivo, outro para São Francisso, por 600 reis. Mas as cifras vão aumentando, e em 1849 já temos a música da procissão a fazer uma conta de 6.200, e pelo arranjo de 7 anjos deram-se 3.500. Em 1853, maior despesa com a música: 7.000 reis; e aparece uma verba nova — de 90 reis — paga a quem foi ao alecrim (certamente para juncar a igreja). Ao celebrante da missa da Cinza, 400 reis; de compor a Santa Rosa, 140, e do arranjo do

([8]) Eram feitas de serapilheira, simulando a serpente do mal e iam enroscadas na árvore do Paraíso terreal que o Adão conduzia.

Senhor 300 reis; os «fradinhos» neste ano só ganharam 80 reis. Em 1860, último ano de que tenho notas, vejo que pelo sermão da Cinza deu a Ordem 2.800; pelos 7 anjos para a procissão, 2.800; e um hábito novo para o S. Francisco que vai abraçado ao Senhor importou em 2.500. Havia, é claro, além destas, outras despesas anuais obrigatórias, e de muitas não tirei apontamentos por se não revestirem de interesse especial [[8]].

Mencionadas, e descritas embora muito resumidamente estas três procissões que, como já deixei dito, se podem considerar as mais importantes de quantas aí se faziam, passarei a referir-me a outras que aí tiveram lugar, e das quais encontrei o rasto já longínquo através de documentos vários que me passaram pela mão; falarei em primeiro lugar da

PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI

Deveria revestir-se decerto de bastante pompa, à semelhança do que se observava em outras povoações, com a assistência das autoridades locais, etc., e subordinada ao regimento próprio que havia para esta função religiosa cuja solenidade foi sempre objecto de determinações várias da parte das entidades oficiais que tinham cuidado do seu luzimento [[9]]. Não encontrei dados que me permitam ajuizar do modo como era feita, e da solenidade que revestia; que ela tinha lugar em Águeda já no primeiro quartel do século XVIII, demonstra-o o registo de óbito do Prior Constantino da Silva Pinto, da Casa da Borralha, que faleceu em Águeda no dia 19 de Junho de 1710, precisamente no dia do Corpo de Deus e depois de ter presidido a esta procissão; no momento em que, estando ela já recolhida, cantava as orações do ritual, caiu morto junto do altar, com um acidente, ali à vista do povo que, como é natural, ficou tomado de alvoroçada consternação ([9]).

Porque é muito elucidativo sob o ponto que vimos traçando, copio aqui textualmente o registo do seu óbito:

«A 19 de Junho de 1710 faleceu o Prior Constantino da Silva Pinto, de um acidente dipois de ter dito missa e levando

([9]) O Prior Constantino da Silva Pinto paroquiou a freguesia de Águeda de 1680-1710. Era filho de Constantino da Silva de Carvalho e de D. Isabel Pinto de Paiva, da Quinta da Borralha.

a Custodia com o S.S. na Procissão do Corpus Christi e chegando ao altar com ela e recolhido o povo a poz em cima delle e começando a cantar a oração do S. Sacramento, na conclusão d'ella e nas palavras qui vives et regnas cahiu e expirou d'um acidente; está sepultado nesta igreja» ([10]).

O SENHOR FORA

Falaremos a seguir deste préstito religioso pela grande aproximação que existe entre ele e a procissão precedente, e ainda porque dos préstitos que vou referir é sem dúvida o mais importante. Nota-se, através das Visitas Pastorais feitas à nossa freguesia, e delas se reflecte nitidamente a vida religiosa da época, que houve sempre o maior cuidado em que o *Sagrado Viático* ou *Senhor-Fora,* como lhe chama o povo, fosse conduzido com todo o respeito e decência, dando ao cortejo, que para esse fim se organizava, o aspecto da maior solenidade. De resto, é bem profunda em Águeda a devoção com esta prática de piedade religiosa, assente numa já bem distante tradição; e assim é que, mal o sino da nossa terra despede as suas badaladas a chamar os fiéis para acompanhar o Senhor, de todas as casas correm pressurosas pessoas, formando um préstito numeroso e recolhido que o segue em respeitosa atitude, entoando o *Bendito* a caminho da casa dos enfermos.

Já em 1696 foi determinado que quando o Senhor «saísse em Viático fosse levado com toda a decência, com pálio» e isto por constar à autoridade eclesiástica que não era costume fazê-lo; estabelecia-se até a multa de 2.000 reis para punir a falta de cumprimento desta deliberação, responsabilizando-se até os mordomos do Senhor por isso ([11]).

Pelos anos fora, mais providências foram tomadas a este respeito, no sentido de que não faltasse a esta cerimónia o esplendor que lhe era devido. Em 1700 determinava-se que a qualquer hora que o Senhor saísse iriam acompanhá-lo não somente os Mordomos dessa Confraria mas ainda todos os clérigos que morassem dentro de Águeda; e era tão grande o cuidado posto neste caso, que se prescreviam os mais leves pormenores para que nada faltasse para o melhor luzimento do acto. O Santíssimo seria conduzido sob o pálio; o sacerdote que o levasse deveria ir revestido de capa de asperges, não esquecendo o turíbulo, a naveta com incenso e duas lanternas erguidas junto da cruz, devendo esta ser de prata; em 1712 ainda se acrescentava a isto, que fosse sempre à frente do cortejo uma pessoa tocando uma campainha. Por aqui se vê claramente o religioso interesse que sempre despertou na nossa terra esta comovedora solenidade do *Senhor-Fora* a que ainda hoje o bom povo de Águeda acorre pressuroso e reverente.

([10]) Arq. da Univ. de Coimbra — Registo Paroquial de Águeda, Óbitos, 1710.

([11]) Visitas Pastorais, 1697-1712.

PROCISSÃO À VIRGEM

Data de era bem recuada esta prática devota, que julgo ser de simples culto interno. Tinha lugar no primeiro domingo de cada mês; na Visita Pastoral de 1689 era feita censura expressa ao facto de nessa procissão tomar parte somente um sacerdote cantando, o que era para estranhar numa terra onde havia tantos e assim, sob «pena de desobediência» foi ordenado que na mesma procissão se incorporassem todos os que estivessem na terra nessa ocasião.

PROCISSÃO DOS SANTOS ÓLEOS

Muito simples, fazia-se quando iam à sede do Bispado buscar os óleos bentos para os gastos litúrgicos do ano. Na visita de 1712, estabelecia-se que fossem colocados numa capela da povoação e dali conduzidos processionalmente até à igreja, acompanhados do Prior e outros sacerdotes.

PROCISSÃO DO GUIÃO DE SANTO ANTÓNIO

Era já prática antiga em 1719, levar a bandeira de Santo António à sua capela do lugar da Giesteira no dia em que ali se festejava este Santo. Em Visita daquele ano foi censurado o facto de ter caído isso em desuso, e o Visitador ordenava que não

Rua Luis de Camões toda recoberta de um tapete de flores em ocasião festiva.

Imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, Padroeira da Misericórdia, citada nos livros do Hospital desde o ano de 1721

deixasse de continuar esse costume, determinando que lá fosse nesse dia o pároco ou o seu cura acompanhar o Guião.

AS LADAINHAS

Posto que não possam considerar-se procissões propriamente ditas, o povo da nossa terra dá-lhes esse carácter, juncando até as testadas das suas moradias, à passagem deste cortejo religioso. Em algumas épocas, como sucedeu nos meados do século XVII, notou-se algum desinteresse por elas, o que levou a autoridade eclesiástica, no ano de 1666, a determinar que fosse ao menos uma pessoa de cada casa naqueles préstitos [10].

A VIA SACRA

Havia uma ermida da Via Sacra em Águeda e algumas cruzes no caminho dela, mas não consegui apurar onde ficavam; é possível que em qualquer rua das que iam ter ao Adro da Igreja, onde ainda existe o Cruzeiro e o Passo do Calvário.

Na Visita Pastoral do ano de 1719 apresentou-se queixa de que muitas mulheres costumavam «correr as Cruzes da Via Sacra» de noite e pela madrugada, e sendo isso considerado pouco próprio, logo foi proibido que tal se fizesse depois do sol posto; e já no ano de 1704 tinham sido proibidos os *jogos da bola,* da *laranginha* e da *cunca* «ao pé da ermida da Via Sacra».

Foram estas procissões e cortejos religiosos que encontrei mencionados, mas outros se deveriam realizar, embora dos mesmos não conseguisse apurar dados certos. Assim, havia desde datas muito antigas várias Confrarias secretas na nossa igreja, como a de Nossa Senhora do Rosário — Santa Luzia, do Senhor e de S. Sebastião, — e todas elas deviam festejar os seus Padroeiros, decerto não somente com actos de culto interno, mas também com procissões. Na tradição ficou ainda a da

SENHORA DA BOA - MORTE

Era a Padroeira dos barqueiros e das sardinheiras e tinha a sua capela no lugar do Barril. Ouvi dizer a pessoas idosas que era

uma festa animada e ruidosa; a capela ficava anexa ao Hospital, e já existia com esta designação no ano de 1721, pois neste ano, estando o Visitador eclesiástico em Águeda, impôs a multa de 500 reis para o Hospital às pessoas que sacudissem esteiras, tapetes ou roupas para a frente da capela, como costumava fazê-lo a gente do Barril; refere-se também a esta capela o *Dicionário Geográfico* do P.e Luís Cardoso, e a memória paroquial de 1721 também a cita (12).

A imagem da Senhora da Boa-Morte que se venerava na capelinha do velho Hospital transitou para a igreja quando aquele foi demolido, indo para o novo quando este abriu e ali se conserva figurada na sua cadeirinha na atitude serena do seu passamento. Foi sempre muito venerada, principalmente pela gente do bairro ribeirinho, onde existia a antiga capela da sua invocação (13) [11].

---

(12) Vid. *Dicionário Geográfico,* ed. 1747; e Rocha Madahil, in *Arquivo do Distrito de Aveiro,* vol. V, p. 147.

(13) Foi por iniciativa da Excelentíssima Senhora D. Maria Joana Soares de Cabedo, da Casa da Ponte, quando esta Senhora num rasgo de altruismo se pôs à frente do Hospital Conde de Sucena que dirigiu alguns anos, que a imagem da Senhora da Boa Morte para ali foi. No ano de 1923 foi-lhe feita uma solene festa, com uma vistosa procissão.

[1] José Maria Velozo atribui-lhe existência anterior ao primeiro terço do séc. XVII, invocando a Bula Apostólica de 1 de Julho de 1628, no pontificado do Papa Urbano VIII. A leitura da bula leva-nos, realmente, a concluir que a confraria já teria existência anterior àquela data. Começava assim a Bula, que transcrevemos, ipsis verbis, de Velozo: «Urbano 8.º. Para perpetua memoria da coisa. Está instituida canonicamente na Egreja parochial de Santa Eulalia do logar d'Agueda, Bispado de Coimbra, uma piedosa Confraria de fieis Christãos, homens e mulheres, debaixo da invocação do Sanctissimo Nome de Jesus. Nós, para que esta Confraria cada vez mais receba maiores accrescentamentos, confiados na misericordia de Deus, e na authoridade de seus bemaventurados Apostolos, San'Pedro e San'Paullo, concedemos misericordiosamente em o Senhor, etc, etc». (Emínio, in Escola Popular de 6 de Agosto de 1870).

[2] Leia-se a descrição da Visita dos Passos que Adolfo Portela faz (Águeda, pp. 150-152). Aí são assinalados alguns dos locais dos antigos Passos: a entrada da R. da Cancela, do João Ribeiro (R. de Baixo), Além da Ponte e do Crespo (R. de Cima). Soares da Graça num pequeno opúsculo de 1958 só dá notícia do primeiro, o Passo dos Apóstolos, na estrada velha de Assequins, na R. da Cancela, ao falar de restauração das imagens que figuravam nos diversos passos por iniciativa de António da Silva Brinco, falecido já àquela data.

[3] Estas informações recolheu-as o autor no livro das Visitações Pastorais à freguesia de Santa Eulália de Agueda, 1666-1700.

[4] A sacabucha era «uma grande corneta de volta, sem chaves, uma coisa estranha que vem a ter raízes em velhos usos do império romano, talvez aparentada em grau mais ou menos próximo com a calhovva tradicional de algumas terras da Beira-Baixa» (Adolfo Portela, ob. cit., 158-159). Não encontramos qualquer alusão a este instrumento. Como se tratava de um instrumento de sopro, sem chaves, o nome terá sido originado do esforço ao ser tocado. Flávio Gonçalves (Douro Litoral, 3.ª Série, n.º 8, Porto, 1950, pp. 7-10) fala das «tramboneias» de Fão, usadas na Semana Santa.

[5] Este costume já se perdeu. Aliás, é a partir de 1978, e não sem algumas resistências, que as cerimónias dos Passos readquirem algumas das antigas tradições, mercê do empenho da Irmandade a que vem presidindo o Sr. Sabino Figueiredo. Soares da Graça não faz referência à Judeia que, como era costume antigo, tomava lugar na cauda da procissão. Foi abolida essa representação em 1881. Veja-se o que escreve Adolfo Portela, que ainda conheceu a Judeia na procissão do Senhor dos Passos. (Ob. cit., pp. 153-158).

[6] Não há, na verdade, conhecimento de que os sete Passos tivessem capelas próprias. Estas eram instaladas em casas particulares, normalmente de pessoas muito devotadas ao Senhor dos Passos, como os casos apontados por Adolfo Portela. À excepção do Passo do Calvário, embutido na fachada norte da igreja. Retirado daí por altura das obras de restauro, a Irmandade propõe-se reconstruí-lo na sua traça original, já que se conservaram os portões de ferro e as imagens.

Actualmente, a localização dos Passos é a seguinte: na Bicha-Moira (junto à Pauliceia), junto ao Tribunal (já foi abandonado, entretanto), na R. Ferraz de Macedo (próximo da Farmácia Amaral), Além da Ponte (junto à Casa da Ponte), na Rua de Baixo (junto à Pensão Vasco da Gama), na Rua de Baixo (família de Celestino Neto) e a do Calvário, junto à igreja.

[7] Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1871. Nesse ano, as cerimónias da Semana Santa foram preparadas com esplendor inusitado. Segundo a Escola Popular (n.º 43, 9 de Março de 1871), da parte musical estava incumbida a filarmónica local Nova Eminium que «não se poupando a esforços nem a despesas, conseguiu o auxílio de seis dos mais distintos músicos e cantores do Porto, entre os quais sobressaem o músico compositor Senhor Badoni e sua Ex.ª filha Cantora Italiana de aprimorados dotes». Também a D. Orquídea Flores Lobão da Cruz, na sua juventude, cantou o Vos Omnes. Actualmente, as cerimónias estão limitadas às celebrações litúrgicas no templo.

[8] Quer as Procissões do Enterro e da Soledade, quer a das Cinzas deixaram, há muito, de se realizar. A Ordem Terceira de S. Francisco, fundada no séc. XVII em Agueda, tinha a sua sede na Borralha, pelo menos nos meados do séc. XIX, porque a maioria dos irmãos era da Borralha. João Rodrigues de Seixas Almiro, seu secretário em 1854, foi um dos fundadores da primeira Capela de Nossa Senhora de La Sallete, em 1861. (Soares da Graça, A primeira Capela de N.ª S.ª de La Sallete, p. 3). João Almiro, falecido em 1889, pessoa de vivas crenças religiosas, é referido por Adolfo Portela a conduzir o grupo de devotos na visita dos Passos (Ob. cit., pp. 150-151).

[9] Introduzida em Portugal nos fins do reinado de D Afonso III, esta solenidade popularizou-se , tornando-se nos séculos XIV e XV a mais solene da igreja portuguesa. D. João II deu-lhe um regimento próprio. Na imponente procissão do Corpo de Deus participavam representantes de todas as classes sociais e de todas as profissões. A. H. de Oliveira Marques, em A Sociedade Medieval Portuguesa (Sá da Costa Editora, Lisboa, 2.ª edição, 1971, pp. 162-163) resume esse regimento. É evidente que a magnificência das cerimónias seria proporcional às possibilidades de cada terra. Em Agueda, as festividades não teriam, por exemplo, a representatividade das que houve em Aveiro nos princípios do séc. XVII. (Documento s.d., publicado por Rocha Madail em Colectânea de Documentos Históricos, vol. II, 1581-1792, Aveiro, pp. 26-28).

Dada a farta representação profissional, a documentação, se existisse, sobre o Corpo de Deus em Águeda fornecer-nos-ia preciosa informação sobre os mesteirais locais.

[10] Em 17 de Maio de 1896, na 5.ª feira de Ascensão, diz a Soberania do Povo que foi magestosa a procissão. As irmandades e a filarmónica acompanharam o préstito das Ladainhas a Assequins e depois constituiu-se a grande procissão que devia fazer o séquito de honra à imagem do Senhor dos Passos. Foi uma imponente manifesta-

ção religiosa. Ao anoitecer, estava a procissão na igreja, pregou o Padre Manuel Pereira Júnior, que recitou uma bela e comovente oração».

E em 15 de Maio de 1926, lê-se no mesmo jornal, «da Igreja Paroquial desta freguesia sairam esta semana em procissão as chamadas ladainhas. Na 2.ª feira, visitaram as capelas de S. Bernardo, nesta vila, e a do Santo Amaro, em Paredes; n 3.ª feira, a de S. Pedro; na 4.ª feira, as da Senhora da Guia, no Sardão, de Santa Ana, no Redolho, e a de La Sallete, na Borralha, e na 5.ª feira, a da Senhora da Graça, em Assequins».

[11] Veja-se Soares da Graça em O Velho lugar de Águeda, *publicado nesta Antologia, onde os festejos populares são descritos com pormenor.*

CAPELAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE ÁGUEDA

Arquivo do Distrito de Aveiro, Vol. XVII, 1952.

Na antiga freguesia de Santa Eulália de Águeda, que se compõe desta vila e de vários povoados que lhe ficam à volta, construíram-se através dos tempos diferentes capelas; umas por iniciativa particular, e outras que se ficaram a dever ao esforço do povo, revelando o avultado número delas o arraigado sentimento religioso da nossa gente, que ali prestava o seu culto, e sempre, carinhosamente, velou pela sua conservação. Algumas, desapareceram já na voragem do tempo, mas é bem considerável o número das que ainda perduram; e outras se erigiram no decorrer das eras, a juntar ao número das existentes.

Ainda que ligeira e acidentalmente, mais de uma vez me tenho referido nos meus trabalhos a estes pequenos templos (1), onde o nosso povo se reúne muita vez pelo ano adiante em satisfação da sua crença, principalmente no dia dos seus Oragos, em que, de forma particularmente festiva, os recorda e venera. E então essas capelas — umas ricas, outras modestas ou mesmo pobres — alindam-se com amoroso jeito, guarnecendo-se-lhes as paredes velhinhas com panejamentos vistosos, perfumando-lhes os altares das mais viçosas flores e tapetando-lhes o chão de verduras cheirosas, enquanto as imagens dos Santos, veneradas desde séculos, por gerações há muito extintas, são colocadas nos andores, e lá

(1) *Águeda Antiga*, 1919 — *Memórias de Águeda*, 1948 — *A Igreja de Águeda*, 1951. *[Parte das crónicas* Águeda Antiga *são recolhidas nesta antologia sob a epígrafe* O Velho lugar de Águeda. Memórias de Águeda *receberam nesta Antologia o título* As Antigas Procissões de Águeda].

vão percorrer as ruas das povoações que à sua sombra benfazeja se foram desenvolvendo dia a dia...

*
* *

Das capelas particulares, começarei por me referir às duas existentes dentro da nossa igreja, pois havia também na vila mais duas dessa natureza, das quais uma foi demolida (2), e a outra transposta para outro lugar fora dela, como adiante se verá (3).

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Fica na nave do lado sul da igreja, a seguir ao altar colateral do lado da Epístola, e pertence à Casa da Borralha. Foi instituída pelo Cónego Simão Pinto em cumprimento do testamento de 26 de Agosto de 1622, feito por Maria Pinta, irmã deste sacerdote; o mesmo cónego, por testamento de 8 de Janeiro de 1628, dispôs da mesma capela a favor de sua irmã Brites de Pinho, continuando esta posse na mesma família.

Tinha a capela os seus bens próprios, e que lhe permitia haver capelão privativo e o necessário para paramentos e actos cultuais. Embutida na parede para o lado do Poente, ainda ali pode ver-se uma lápide brasonada, que tem este letreiro:

ESTA CAPELA HE DE AIRES DE
PINHO E DE SVA MOLHER VIOLANTE
P.TA e SEVS F.OS A QVAL TEM DOTA
DA COM MISA COTIDIANA
1624

Tem retábulo de madeira simples, em talha doirada, com três nichos; o do centro, onde outrora esteve a imagem de Nossa

(2) Refiro-me à capela de S. Isabel, que existia no local onde é actualmente a Praça Velha.

(3) Transferida para o Redolho em 1870.

Senhora da Esperança ou do Ó, está ocupado actualmente por uma imagem moderna, do Coração de Maria, ladeando-a, à direita, a imagem de Santa Águeda, e à esquerda a de S. Luís, rei de França (4).

CAPELA DO MENINO JESUS

Ficava do mesmo lado sul da igreja, separada da primeira pelo corredor da entrada feita pela porta travessa, tal como hoje ainda se observa. Data a sua fundação da mesma época da capela já referida, pois vê-se dos documentos que examinei (5) que Domingos João, mercador de Águeda nos fins do século XVI, juntamente com sua irmã Beatriz João, que era viúva de Pedro Fernandes Chucre, requereram, no ano de 1624 à autoridade eclesiástica para construirem uma capela dentro da igreja, obrigando para isso todos os bens necessários. Por escritura de obrigação lavrada a 16 de Novembro daquele ano hipotecaram algumas fazendas para garantir a construção da capela, que era «pera suas sepulturas».

A capela andou muitos anos unida ao morgado da Rua de São Pedro, instituído pelo Licenciado Bartolomeu da Fonseca no ano de 1681, com várias obrigações pias de celebração de missas por alma dele instituidor, de seus pais, seus irmãos Pedro da Fonseca e António Fernandes Chucre, por sua irmã Francisca da Fonseca e marido António João da Serra, por sua tia Brites João, etc. Também o Auditor da província da Beira, Manuel da Serra Chucre, em testamento de 13 de Setembro de 1684, vinculou os bens que tinha, à mesma capela, com obrigação de sufrágios por sua alma, e outros legados da mesma natureza foram feitos através dos tempos.

(4) Alj foram sepultadas, no decorrer do tempo, muitas pessoas da família dos instituidores, e no pavimento da capela havia lápides sepulcrais dali retiradas quando da reforma feita ao templo no final do século XIX. Lá foi enterrada Maria Pinta, filha de Aires de Pinho, f. em 18-9-1623. O Cónego Simão Pinto, f. em Coimbra em 1628. O Dr. Valentim Pinto de Almeida, Provisor do Bispado desta cidade, f. em 8-3-1698, etc., etc.

(5) Vão adiante integralmente reproduzidos, por serem deveras curiosos estes documentos.

Conserva-se ainda com o retábulo primitivo, em talha, simples, tendo ao centro a imagem do Menino Jesus e em dois nichos laterais as de S. Domingos e S. João, sendo conhecida também pelo nome deste santo, ainda que impropriamente.

Serviu, como a outra capela particular, de jazida a muitas pessoas da família instituidora, e até a pessoas estranhas à família, e a serventuários da Casa ([6]). Pertence presentemente à Quinta das Lágrimas (Coimbra).

Das capelas particulares construídas fora da igreja, mencionaremos em primeiro a

CAPELA DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA A SANTA ISABEL

Ficava situada à entrada da Rua que dava para a Praça Velha, e foi demolida para alargamento desta parte da vila; era de abóbada e tinha como retábulo um quadro de madeira de grandes dimensões, representando a cena da Visitação de Nossa Senhora a sua prima Santa Isabel ([7]). No remate do arco cruzeiro, tinha uma pedra armoriada com este letreiro:

ESTA CAPELA MANDOV FAZER
SEBASTIÃO DE MACEDO E SVA MVLHER
MARIA PINHEIRA PINTA
À QVAL DEIXARAM TODOS OS SEVS
BENS COM OBRIGAÇAM DE MISSAS

Vem referida no *Dicionário Geográfico,* edição de 1747.

Tinha breve de Indulgências, concedido pelo Papa Clemente XI, de 10-XI-1713, e a obrigação de quatro missas por semana [1].

([6]) O L.do B. da Fonseca, em testamento de 11 de Fevereiro de 1681, dispunha que o enterrassem na dita capela, e que o seu corpo ali fosse acompanhado por 12 clérigos.

Também, por testamento de 11-3-1671, Maria Francisca Balroa deixava os seus poucos haveres à capela do M. Jesus.

Havia no pavimento da capela algumas pedras com inscrições, que dali foram retiradas quando das obras da restauração da igreja, ignorando-se o caminho que levaram.

([7]) Por este motivo era a rua designada por Rua da Capela, tendo hoje o nome do poeta José Maria Veloso.

Lápide da Capela de Santa Isabel

Em cima:
Imagem de Santa Ana (Capela do Redolho)

Imagem de Nossa Senhora de La Sallete

CAPELA DE SANTA ANA

Incrustada ao centro das casas apalaçadas que pertenceram à família Homem de Macedo, sitas no Padrão, e que ficavam fronteiras à praça, voltadas para o rio, a capela de Santa Ana foi fundada pelo Dr. Manuel Caetano Homem de Macedo nos meados do século XVIII. Do grupo mencionado era a mais notável, não só por ser de maiores proporções, como pelo valor decorativo das suas peças ornamentais, constituídas pelo seu retábulo de talha doirada, ainda que sóbrio, de bom acabamento. Digna de nota a imagem de Santa Ana, de bem aprimorado recorte, amplas roupagens, estofada a ouro e cores, cuja execução é devida a artista de incontestável mérito. Santa Ana está sentada, ensinando a ler Nossa Senhora, que tem a atenção presa no livro que aquela tem sobre os joelhos; bem marcada a suave expressão de ambas as figuras, principalmente da primeira. Além desta imagem, viam-se ainda ali as de S. José, S. Joaquim e do Menino Jesus, aquelas da mesma época da da Padroeira.

O retábulo e imagens referidas, foram removidos para o lugar da Borralha e estão hoje na capela que o Cónego Manuel Homem de Macedo da Câmara e Mota mandou construir junto do seu palacete da Quinta do Redolho em 1870 ([8]).

Na parede da sua entrada principal, existe uma lápide onde se lê esta inscrição:

SANTA ANNA
MATER MATRIS
GRATIAE SV
CURRE MISERIS
1752

CAPELA DE S. BERNARDO

É de mais recente fundação, e foi instituída pelo P.e Reitor António José de Sousa Ribeiro e Figueiredo, de Águeda. Tem um belo retábulo de talha doirada, a que preside uma boa escultura do Santo que lhe dá o nome, e acha-se ainda hoje na Casa de S. Bernardo, pertencente ao Dr. Joaquim de Melo Coelho de Campos, da família do instituidor

CAPELA DE S. SEBASTIÃO

Ficava num pequeno largo da R. da Venda Nova e, das duas capelas públicas existentes dentro de Águeda, era a maior e mais antiga. No ano de 1675 achava-se completamente arruinada, pelo que foi ordenado em Visita Pastoral desse ano que se procedesse à sua reconstrução, fazendo-se um peditório pelo povo da freguesia. Tinha uma tribuna doirada com a imagem daquele Santo e a de Santa Apolónia. Foi demolida há anos para alargamento daquela rua, e reconstruída acima do local antigo [2].

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Ficava junto ao Hospital de Águeda. Não pude averiguar a data da sua fundação, mas já existia no primeiro quartel do século XVIII.

O *Dicionário Geográfico* (ed. de 1747) designa-a por ermida de Nossa Senhora da Boa Morte, informando que ela foi construída com esmolas do povo e das confrarias para se poderem administrar os Sacramentos aos enfermos. Esteve algum tempo no lugar do Barril, onde em tempos foi construído o Hospital velho; foi de lá que se transferiu para a capela do actual Hospital Conde de Sucena a formosa imagem da Senhora da Boa-Morte, muito venerada em Águeda, principalmente pela população ribeirinha do lugar do Barril, onde esteve o Hospital durante muitos anos. É uma boa escultura de madeira policromada, figurando a Virgem sentada numa cadeirinha, e já morta, com a cabeça docemente apoiada a uma das mãos.

A capela era de acanhadas dimensões, e recebeu boa reforma no ano de 1824; tinha mais no seu retábulo as imagens de Santa Ana e de Santa Luzia.

([8]) Foram-lhe adstritos bens para sustentação do culto, sendo requerida licença para ali celebrar missa, pelo que no ano de 1873, teve lugar a vistoria eclesiástica, que a julgou provida do necessário ao culto.

O Dr. José Patrício Dinis da Silva Seixas, natural de Águeda (9), que foi benfeitor do Hospital, instituiu ali a festa da Senhora da Boa Morte, que tem lugar anualmente.

Por nos ficar a dois passos, referimo-nos, desde já, à

CAPELA DA SENHORA D'AJUDA

Também alguns documentos lhe chamam de Santo Amaro, por ali estar exposta ao culto uma imagem deste santo, ali festejado a 15 de Janeiro. Tem um retábulo de talha de madeira bastante antigo, mas de inferior valor artístico, e no centro dele a imagem da Senhora d'Ajuda [3].

CAPELA DE SÃO PEDRO

Ficava já mais afastada de Águeda, no pitoresco Alto das Chãs; muito antiga, remontando ao século XVI, sendo junto dela que se enterraram algumas pessoas que morreram de peste. A primitiva capela era de reduzidas proporções, e porque ameaçava ruína nos princípios do século XIX, foi demolida, sendo edificada no mesmo lugar a que hoje ali se vê, de boa construção, guarnecida de silharia lavrada, de pedra de granito. Acudia ali muita gente no dia da festa do Orago e anexos à capela havia rendimentos de bens para o culto.

Na parede da capela-mor, está uma lápide, que tem gravada a seguinte inscrição:

ESTA CAPELA DE S. PEDRO DESTA FREG.ª DE S.ta EULALIA DE AGUEDA FOI REEDIFICADA COM MILHOR GRANDEZA NO MESMO CITIO DA ANTIQUISSIMA ARRUINADA E SEM ARQUITETURA PELO B.el LVIZ BARETO TORRES DE FIG.º SOLT.ro DA RVA DA CANCELA DO DITO LUGAR

(9) Nasceu a 17-3-1759. Foi Juiz da Relação do Porto e de Macau, vindo a falecer refugiado num convento da cidade de Lamego após a queda do abolutismo, de que era ferrenho partidário. *[A família de Seixas Dinis, de Foz do Arouce, veio para Águeda em 1724. Vivia na Rua de Cima como informa o autor em* O velho lugar de Águeda].

DE IDADE DE 80 ANNOS QUE A MANDOU FAZER ASSVA CVSTA NO ANNO DE 1819 POR DEVOÇÃO E ASSIM FICA SENDO DA M.ª FREG.ª COMO A ANTIGA EM 7.Bro DO DITO ANNO

Tinha um retábulo de madeira, no qual presidia a imagem do Orago, ladeada pelas do Padre Eterno e de S. Miguel, todas em pedra de Ançã, denunciadoras de muita antiguidade, as quais foram substituídas por outras modernas, destituídas de valor artístico.

CAPELA DE SÃO CAETANO

Data a sua edificação dos fins do século XVII. Foi mandada construir pela autoridade eclesiástica, na Visita Pastoral feita à nossa igreja em 1690, por se verificar ser necessária para administrar os Sacramentos aos moradores do Gravanço e do Ameal. Ainda hoje existe neste último lugar, mas é mais conhecida pela designação de Capela de S. João, cuja imagem está exposta ali ao culto, com a de Santa Bárbara.

Na memória paroquial de 1758, também é designada como de S. Caetano.

CAPELA DA SENHORA DO LIVRAMENTO

No meio do lugar do Gravanço Tem a invocação acima referida e é de recente fundação. Edificada com esmolas do povo.

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Fica na Póvoa da Giesteira, num pitoresco e aprazível outeiro, entre seculares carvalhos, já na parte serrana da freguesia. É de fundação muito antiga, pois já o Cónego Simão Pinto, no seu testamento, feito em 1628, a contemplava com uma esmola. De artístico nada há ali que a recomende, sendo curiosa a imagem de Santo António, em pedra de Ançã, que se vê no retábulo, ladeada pelas imagens de S. Mateus e Nossa Senhora dos Remédios. Tem a sua romaria no dia do Orago, muito concorrida pelo povo das

redondezas. O templo actual foi construído há anos pelo falecido Conde de Sucena, no mesmo local da antiga capela.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Fica na Póvoa de Rio-Covo. Na Visita Pastoral de 1674 foi verificada a necessidade de a construir para serem administrados os Sacramentos mais comodamente aos moradores dali, pelo que lhes foi recomendado que a edificassem, e lá existe ainda. Tem retábulo de madeira e imagem da Virgem, ao gosto da época, de ornatos simples.

CAPELA DE SÃO SIMÃO

Está situada na Póvoa da Maçoida. É de pequenas proporções, com a imagem, de madeira, deste Santo; ainda foi restaurada há poucos anos; vem mencionada, já, na Memória Paroquial de 1758.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Muito antiga também. Está erecta no lugar de Assequins, que foi antiga vila, com o seu Pelourinho, casa de câmara, etc.

Não conheço qualquer documento que lhe marque o princípio, mas são numerosas as referências que se encontram a seu respeito; tinha confraria própria, e ia muita gente à ermida, não só em romaria no dia da festa própria, mas no decorrer do ano. Havia o costume de fazer ali práticas religiosas, de noite, pelo que, no ano de 1674 foi determinado que os mordomos fechassem as portas da capela às Ave-Marias [4].

CAPELA DO SENHOR DA SERRA

Foi construída no cimo dum monte, no lugar do Raivo. Não é antiga, e para ela foram removidos alguns materiais da ermida de S. Silvestre, de que ainda se vê parte arruinada no centro daquele lugar, e que existia ainda nos meados do século XVIII. O retábulo da capela do Senhor da Serra deve também ter pertencido àquela

ermida, e nele se vê uma boa imagem de Cristo crucificado. Há ali romaria anual.

CAPELA DA SENHORA DO BOM PARTO

Foi construída há poucos anos no lugar da Alhandra, junto da estrada, e fronteira à povoação.

CAPELA DE SÃO GERALDO

É das mais antigas da freguesia. Está situada no aprazível lugar de Bolfiar e já existia no primeiro quartel do século XVII, pois é já mencionada numa escritura datada de 1623 (10). Tem romaria muito concorrida na primeira oitava do Espírito Santo, acorrendo ali romeiros de longas terras a levar suas oferendas, cujo rendimento é avultado. Nos meados do século XVII, foi a capela ampliada e muito melhorada com transformações nos seus retábulos, com o produto das esmolas recebidas [5].

CAPELA DE SÃO GONÇALO

Está situada no lugar da Redonda, mas ignora-se a data da sua fundação, não sendo, contudo, antiga. Passando o Rio encontra-se no alto do monte em que assenta a povoação do Candam, a

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Na Visita Pastoral de 1707, o Visitador ordenou que, pelas rendas da freguesia, se mandasse edificar esta ermida, visto que os moradores do lugar eram pobres e não podiam correr com as despesas necessárias; deve ter sido construída pelos meados do século XVIII, sendo mais tarde ampliada pelo Conde de Sucena, que à semelhança do que fez noutras terras do nosso concelho, a mandou reedificar com maior tamanho. Tem a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo.

---

(10) Feita por Domingos João e mulher Catarina Antónia e Beatriz João; vai transcrita em nota final.

CAPELA DE SÃO TIAGO

Ao fundo do lugar da Borralha. Muito antiga, mas sem valor arquitectónico. Remonta a sua construção ao século XVI. Em 1749 estava no mais adiantado estado de ruína, e era reputada já muito pequena, não cabendo nela as pessoas que tinham de ir ali aos diferentes actos do culto. Tinha a imagem do Orago, a quem era feita a sua festa no dia próprio, e as imagens de Santa Cristina e Santa Apolónia, que para ali vieram duma antiga capela da invocação daquela santa, e que se arruinou; existia esta ermida ainda em 1666, mas em muito mau estado, não chegando depois a reconstru'r-se. Ao sítio onde esteve se chama ainda hoje o lugar de Santa Cristina.

CAPELA DO SALVADOR

Era particular e ficava junto da Casa da Borralha, de que era pertença. Foi instituída por Simão Fernandes de Carvalho, que ali vivia, tendo falecido a 28 de Fevereiro de 1611. Tinha uma imagem grande, do Salvador, em pedra de Ançã.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DE LA-SALLETE

Foi fundada por João Rodrigues de Seixas Almiro, junto às suas casas, em que vivia na Vista, ao cimo do lugar da Borralha, pelos anos de 1860-1870; de princípio foi coadjuvado nesta empresa pelo seu conterrâneo e vizinho António Rodrigues Sucena, que depois não acompanhou até final este empreendimento. A expensas destes dois fundadores, construiu-se somente a capela-mor, e assim estiveram as coisas durante alguns anos, estando esta parte vedada convenientemente, de forma a poderem realizar-se ali vários actos do culto; mais tarde, e com esmolas do povo, não só em dinheiro mas também em ouro que se vendeu para esse fim, materiais de construção, carretos, dias de trabalho, etc., foi erigido o corpo da capela, que serviu até que o falecido Conde de Sucena mandou edificar a que hoje se vê noutro local para substituir aquela.

O terreno em que foi construída a primeira, foi cedido gratuitamente pelo mencionado João Rodrigues de Seixas Almiro e

sua mulher D. Clara Emília da Graça por título de 18 de Agosto de 1860. Digno de nota é também o esforço que empregaram, para que a obra fosse levada a cabo, o Padre Vicente Ferreira Sucena, António Tondela e António Alves, todos da Borralha.

A imagem da Virgem, em barro cozido, de agradável modelação, foi comprada em Aveiro a Pedro Serrano, escultor dali, por 20.000 reis (11). Trouxeram a imagem de barco até Águeda, onde ficou depositada na Igreja, fazendo-se depois uma luzida procissão até à Borralha, para a conduzirem até ali; depois, fez-se uma representação no vasto sobreiral fronteiro da capela, em que se interpretou um AUTO alusivo ao milagre de La-Sallete e que foi escrito pelo então Prior de Águeda, P.e João Batista de Figueiredo Breda, inaugurando-se assim festivamente a capela. Nossa Senhora de La-Sallete é hoje considerada o Orago do lugar da Borralha, e ali é festejada anualmente, no mês de Setembro [6].

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GUIA

A construção que ainda hoje se vê data de 1684. Em 1682, os moradores do lugar do Sardão pediram licença à autoridade eclesiástica para edificarem a capela, para ali serem administrados os Sacramentos ao povo, comprometendo-se a correr com as despesas necessárias. Tem a imagem de Nossa Senhora, de escultura bem lavrada, que se guarda num oratório de madeira, em que consiste o retábulo [7].

Fechamos assim estas notas sobre as capelas públicas e particulares da freguesia de Águeda [8].

DOCUMENTOS

(A CAPELA DO MENINO JESUS)

«Dize Domingos Joaõ e sua irmã Beatriz j.° Dona veuva m.os em Agada, q por falecim.to de seu marido e cunhado P.° Fz q Ds. tem fiquaram certos bens unidos á obrigação de tres aniversarios Perpetuos para q se fizesse hũa capella na igreja onde se satisfizesse a dita obrigacão q. ficou nas pecas nomeadas no testam.to q com esta se offrece e porq fiqua com mayor ornato na igreja, a dita capella e corpo della se ha de

(11) Papéis de família, na posse do autor.

fazer q fique fora da dita igreja por naõ ocupar terra, e o lugar mais decente he junto à capella do Santiss.º Sacramento,

Pede a V.ª Ex.ª e vistas as rezoes se da licenca para se fazer a dita Capella e R M.ª

Informe o R.dº Prior d'Aguada do contheudo nesta petiçaõ e aiunte o treslado do test.º e com isto se lhe deferirá. Aguada a 15 de Outubro de 624 (1).

Bento d'Almeida»

TESTAMENTO DE PEDRO FERNANDES CHUCRE

Saibão quoantos este estromento de testamento deste dia pera todo sempre virem que no anno do nasimento de noso sñr Jesu xpõ demill eseissentos evinte etres años aos onze dias do mes dabrill do dito año no llugar dageda epouzadas de Pero Fz o chuquere dalquoinha que he do termo da villa daveiro onde estava de presente o dito pero Fz cõ sua molher brites joão elloguo por elles ambos juntamente e quada hũ per sim foi dito em prezensa demim Taballiaõ edas test.as ao diante nomeadas estando ambos em todo seu prefeito juizo ehentendimento segundo ao pareser de mim Taballião e das test.as ao diante nomeadas elloguo diserão que elles ordenavão seus testametos na maneira seguinte per não saberem a ora que noso sñr. os chamaria pera sim etemendo a cõta que de todas suas obras haverião de dar epera desquarguo desuas cõsiensias ordenarão seus testamentos na maneira seguinte priemiramente que emquomendavão suas allmas adeus noso sñr. que as remira cõ seu presiozo sange equetomavão per sua entresessora avirgem maria nosa sñra eaos santos apostollos Sam pedro esam pallo ea virgem e marte santa Ollaia pera que cõ todos os santos esantas da corte do seo sejão seus entresesores diante o trebunall da devina justisa eque seus corpos quoando deus fose servido llevallos desta vida prezente fosem enterados dentro na igreja deste llugar dagueda donde são freiguezes eque per suas allmas lhes fariam tres ofisios de nove llissois aquada hũ cõ as ofertas acostumadas e que seos corpos pera a sepolltura serião acõpanhados cõ doze pobres que llevarão quada hũ sua tocha pello que darão hũ vinte a quada hũ de esmolla e que se haião em este per herdeiros hũ do outro e outro do outro pera sempre de maneira que o que fiquar depois da morte do outro llograse toda a sua dereita parte do fallesido pera sempre asim demovell quomo derais pera que de todo fasão o que lhe convier e que no dia que quada hũ delles morese se fizese hũ aneversario de tres llisois eoutro aneversario que sra quada quatro mezes do anno hũ e hestes tres aneversarios

(1) A informação a que respeita o despacho anterior foi dada pelo Prior de Águeda João Rodrigues de Figueiredo no dia imediato, ou seja a 16 de Outubro de 1624. Mais demorada foi a informação do Visitador que ainda não tinha sido dada em 24 de Janeiro de 1625, o que nos mostra que a construção da mesma capela teve lugar posteriormente àquela data. *[As obrigações desta capela constam de um documento do Tombo da Igreja, folhas 90 e 90 v.].*

serão pera sempre os quais deixavão as suas quazas em que vivem cõ seu quintall e ellata e quazas per de tras tudo junto assim quomo elles testadores pesuem cõ mais todas as terras que partem a igreia deste llugar dagueda cõ mais hũa terra que esta na prejorada que parte com Antonio Roîz daseqnins e assim mais hũa vinha que tem nas chãs que parte com Antonio João deste llugar dagueda eassim mais hũa vinha cõ sua deveza e chão que tem no ninho daiguia que chamão a vinha da molleira assim quomo a pesuem pera cõprimento dos ditos tres aniversarios em quada hũ ano pera sempre cõ mais hũa terra onde chamão o pereiro que parte cõ domingos João deste llugar dagueda aquall fazenda somente fiquara obrigada aos ditos tres aneversarios e tudo isto enquaregavam a Antonio, filho de domingos joão deste llugar dagueda sobrinho de ambos e filho de Quaterina Antonia molher do dito domingos joão ao quall seo sobrinho Antonio per seos fallesimentos deixavão todas as ditas propriadades pera cõprimento dos ditos tres aneversarios e sendo quazo que falesa sem erdeiro pase a seo sobrinho bertolameo da fonsequa e fazendose clleriguo ou frade lloguo pasara aelle bertolameo da fonsequa e sendo quazo que elle bertolameo da fonsequa seo irmão de Antonio se fasa frade ou clleríguo fique a Pedro da fonsequa outro sim seo irmão e se aquazo se fizer cllerigo ou frade pase toda esta fazenda a francisqua da fonsequa irmã dos sobreditos e os seos herdeiros cumprão a dita obrigasão de modo que os ditos tres aneversarios se fasão na igreja de santa ollaia deste llugar dagueda cõ a sera custumada cõ quatro pares que lhe diguão quatro missas das quoais sera hũa cantada e tres rezadas e que hũa tera que tinhão nas areas da varzea dasequins onde chamão os talhos (?) deixavão a paulla de pinho sua sobrinha cõ codisão que em quada hũ ano lhe daria de esmolla ao espitall deste llugar dagueda hũ tostão e que elles herdeiros darião de esmolla a cõfraria do Santisimo sacramento quinhentos reis e ade nosa sñra quoatro sentos reis e ade Santa llozia dozentos reis e ade Santa Ollaia dozentos reis nos quoais erdeiros não entrara a dita paulla de pinho pera os ditos pagamentos somente pagara ao espitall o tostão atras decrarado em quada hũ anno e desta maneira avião seus testamentos per aquabados e pedião as justisas clesiastiquas e secullares asim os mãdasem cõprir e goardar asim etam enteiramente quomo nelles se cõtem per assim serem suas ultimas e deradeiras vontades e per este revogavão todos e quoantos ate o prezente tivesem feitos so este tivese forsa e vigor e decllaravão que estas obrigasois quomesarião depois da morte de ambos per que dantes não he sua vontade sometes os que de dereito se devão fazer e hem de verdade assim o quizerão o que tudo foi perante test.as Manoel Antunes deste llugar dagada que assinou por ella brites João aseu roguo della per ella não saber asinar eforão mais test.as antonio Roîz da villa dasequins e Ant.º Fz o droque e Manuell joão e lluis mîz todos da dita villa dassequins e manoell pinheiro e pero mîz ambos deste llugar dageda e João mîz deste dito llugar que todos aqui asinão cõ elle pero Fz testador eu pero joão taballião o esrevi o quoall estromento de testamento eu sobredito Pero joão Taballião do pubriquo judisial e notas na villa de segoadaîs eseu termo e das notas neste llugar dageda pello duque dom alvaro dallencastre snr das ditas teras que bem e fielmente o tresladei de meu livro de notas a que me reporto sem cousa que duvida fasa e per

serteza detudo aqui asinei em pubriquo de meu sinall que tall e fis e tudo escrevi (sinal público do Tabelião).

ESCRITURA DE OBRIGAÇÃO

Saibão quoantos este estromento dobrigasão e ipotequa deste dia pera todo sempre virem que no anno do nasimento de noso sñr. jesu xpõ demill eseis sentos e vinte e quatro anos aos dezasseis dias do mes de novembro do dito ano no llugar dagueda e pouzadas de domingos joão merquador que he do termo da villa daveiro onde estava de prezente o dito domingos joão cõ sua molher Quaterina antonia ebe asim brites joão dona veuva molher que foi de Pero Fz deste dito llugar dageda elloguo per elles foi dito em prezensa de mim Taballião edas test.as ao diante nomeadas que elles cõ o favor devino querião enstetoir huã quapella na igreja deste llugar dageda pera suas sepulturas a que querião unir fazenda pera obrigasão de misas per suas allmas e de seus pais e mais e marido defuntos e para a quomesarem afazer primeiro querião obrigar e ipotequar fazenda e bes particulares pera a fabriqua dadita capella elloguo diserão que elles pera iso obrigavão quomo lloguo de feito obrigarão e ipotequarão deste dia pera todo sempre quomo vem a saber hũa vinha branqua que tem no campo de baro daugoada onde se chama costa que lleva des homes dequava foreira ao snr. bispo de quoimbra que parte do nasente cõ vinha de dioguo dias de baro que da oitenta allmudes de vinho hũ ano per outro e helle domingos joão e sua molher obrigarão mais e hipotequarão adita capella quatro teras que tem na lavra de bollfear pegado a ermida de sangiralldo que lhe paguão em quada hũ anno desaseis alqueires de pão e milho f.ros pera elles e asim ipotequarão mais hũ chão que tem onde chamão o chão do rio na varzea da villa dasequins e outro na pejorada na dita varzea junto deste llogar dagueda que llevão sinquo alqueires de triguo de semeadura foreiros a igreja deste llugar dageda o que tudo obrigarão e ipotequarão pera a fabriqua da dita capella doje pera sempre e hem testemunho de fe e verdade asim o quizerão e outorgarão e delle mandarão ser feito este estromento de obrigasão e hipotequa ao quoall obrigarão suas pessoas e bes a cõprirem em juizo efora delle o que tudo foi perante tes.as ant.° joão dasera merquador e morador deste llugar dagueda que asina pellas ditas quaterina antonia e brites joão aseus rogos dellas per ellas serem molheres e não saberem asinar e forão mais tes.as joão Frencisquo e andre joão ambos moradores deste dito llugar dageda na rua de sima que todos aqui asinarão nesta nota cõ elle domingos joão e eu taballião dou fe serem elles todos os proprios nomeados pero joão taballiã o escrevi o quoall estromento dobrigasão e ipotequa eu sobredito pero joão taballião do pubriquo judesiall e notas na villa de segadais e seo termo e das notas neste llugar dageda pello duque dom allvaro dallencastre sñr das ditas teras que bem e fielmente treslladei de meu livro de notas a que me reporto sem cousa que duvida fasa e per serteza de tudo asinei em pubriquo.»

[1] Sebastião de Macedo Pinheiro, filho de Isabel de Macedo e Tomé Pinheiro, casou com sua parenta Maria Pinheiro. Tiveram três filhos, um deles frade domínico. Como as filhas tivessem morrido solteiras, o casal mandou fazer a Capela de Nossa Senhora da Visitação e Santa Isabel, que deu o nome à rua (R. da Capela, hoje José Maria Velozo), a quem deixaram todos os seus bens com o compromisso de quatro missas semanais, perpetuamente. A Capela ostentava o escudo com as armas dos Pintos, Macedos e Pinheiros. Sebastião de Macedo é referido frequentes vezes no Tombo da Igreja e D. Brites de Pinho, sua prima, fá-lo seu testamenteiro. O irmão desta, o cónego da Sé de Coimbra, Simão Pinto, instituiu, em 1624, a Capela de N. S. da Esperança na igreja de Águeda. A lápide, com as armas dos Pintos, encontra-se recolhida no Cartório-Museu daquela Igreja. (Francisco de Moura Coutinho, Pintos, de Águeda, *in* A.D.A., *vol. XI, 1945, pp. 264-289; e* Linhagens dos Pintos, de Águeda, *id., vol. XII, 1946, pp. 40-75).*

[2] Refere a Soberania do Povo *(24 de Abril de 1926) que foi destruída em seguida à implantação da República, na noite de 18 de Outubro de 1911 e que uma comissão de moradores da Rua da Venda Nova começou a angariar donativos para a reconstrução em terreno que lhe foi cedido. Veja-se na fotografia a antiga localização da Capela.*

[3] Situa-se em Paredes. Nogueira Gonçalves (ob. cit., *p. 11) data a parte antiga do retábulo do barroco do começo do séc. XVIII, mais tarde ampliado. As esculturas* (Virgem e Menino, Santo Amaro e S. Tomé) *são de calcário corrente da segunda metade do séc. XVI.*

[4] Ainda segundo Nogueira Gonçalves (ob. cit., *p. 10), conserva, após a reconstrução, o antigo arco cruzeiro, da segunda metade do séc. XVI, de calcário, bem como a pia de água benta. O singelo altar de madeira, de pilastras, provém do séc. XVII.* A Virgem e o Menino *«filia-se nas esculturas de João de Ruão, podendo ainda ser obra corrente de oficina mas não propriamente da sua mão, do século XVI».*

[5] É Frei Leão de S. Tomás. na sua Benedictina Lusitana, *tomo II, pp. 302-205, que nos dá a primeira notícia da «hermida do glorioso São Giraldo e milagres que nella faz, no Bisnado de Coimbra», que visitou em Junho de 1650: «Sete legoas da Cidade de Coimbra indo pera o Porto fica a Villa de* Agada, *e dentro dos limites da sua Parrochia, quase huma legoa pera o Naçente fica hum lugar chamado* Vulfiar, *junto de dous Rios hũ que vem correndo da parte do meyo dia chamado* Agadão, *outro que vem correndo da parte do Nacente chamado* Alfusqueiro, *e naquelle sitio se ajuntão ambos. e ambos formão o Rio* Agada *que da o nome a dita Villa correndo por junto della. Neste sitio em que os dous Rios se ajuntão fica o dito lugar de* Vulfiar *lugar fresco. e retirado, nelle estava fundada huma Hermida do glorioso* São Giraldo, *mas limitada, e pequena, nella começou o Sãto a fazer Milagres, avera oito ou nove annos, e o primeiro que fez segundo se diz, foi livrar huma molher de hum Canchor que tinha no Peito, sonhando que o santo naquella Hermida, lhe daria saude indo ofrecerse a elle, como deu com efeito, e dali por diante começarão os Doentes, e enfermos a frequentar a Hermida do Santo; e vendo o* Prior de Agada, Alvaro d'Escobar Roubão *que era pequena pera tanto concurso de gente, junto a ella*

edificou uma nova, e maior com sua Sanchristia (e comforme elle propio diz) gastou nella mais de tres mil cruzados, sem ser necessario por nehũ sô real de sua caza, porque tudo o que nas obraş da Hermida se gastou sahio das Esmolas, que os Romeiros fazião ao Santo.

Nesta Hermida nova foy o Santo continuando com seus Milagres pello menos posso eu affirmar como testemunha de vista no Junho de 650 que contei nella dezaseis, ou dezasete Mortalhas *penduradas nas Traves da dita Hermida, e na Parede junto a porta* muitos Braços, muitas mãos, muitos Pes, Pernas e muletas, *e no Altar mor estavão* Peitos, e hum coração, e alguns olhos de Prata, *tudo sinais demonstrativos dos muitos, e grandes Milagres que por interceção do Santo nosso Senhor fes em Doentes de Varias infermidades».*

É a Frei Leão que Adolfo Portela — sem citar a fonte — vai buscar a informação para a sua descrição pitoresca (Águeda, *2.ª ed., 1964, pp. 186-187). Ou a um artigo de M. R. da Silva Pinto, publicado no semanário local* Escola Popular, *n.º 6, de 11 de Junho de 1870.*

A capela nova, de que fala Frei Leão de S. Tomás, é a actual e apresenta características próprias daş capelas do século XVII: a porta principal a lateral direita, rectangulares, pirâmides nos cunhais. Segundo Nogueira Gonçalves, o seu interior revela, em certo modo, a antiga categoria local. A capela-mor é um interessante exemplar da renascença final, do seiscentismo coimbrão. Os dois arcos cruzados que suportam a abóbada, o arco cruzeiro e a coluna dórica e canelada e o púlpito são de calcário de Ançã. (Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, *Distrito de Aveiro, Zona Sul, 1959, pp. 10-11).*

[6] O autor, num pequeno trabalho, A Primeira Capela de N. Senhora de La-Sallete do lugar da Borralha, *Gráfica do Vouga, Aveiro, s.d., fornece maior volume de informações, publicando alguns documentos alusivos à sua construção.*

[7] Nogueira Gonçalves (ob. cit., *p. 10), assinala a porta rectangular com a data de 1682 e a legenda* Senhora da Guia *e um letreiro, mal gravado e pior repintado, no fecho do arco da capela-mor: 1710 ANOS/ ESTA CAPELA/MANDOV/ FAZE(R) O CAPITA/M IOAO SIMOIS/ALVIM (?).*

[8] Soares da Graça não inventariou a Capela de Nossa Senhora da Boa Memória, no Vale Durão. Segundo informação recolhida na S.P., de 18 de Setembro de 1927, foi mandada construir em 1896, em cumprimento de um voto, por Patrício Espiga. Este era uma figura típica de Agueda. Além de armador de fama (o armador Gabriel Espiga era seu neto), apresentava nos tablados erguidos para os entremeses em noites de arraiais, as Sombrinhas do Espiga. *Por detrás de um largo pano branco exibia uma bonecagem, mais tarde iluminada, que se desarticulava em mímicas burlescas e cujas sombras se iam projectar nesse pano.*

A capela foi reconstruída em 1985 por iniciativa de Fausto Silva.

A JORNADA DA RAINHA SANTA À GALIZA NO ANO DE 1325

Arquivo do Distrito de Aveiro, Vol. XVI, 1950.

A devota romagem que a Rainha D. Isabel de Aragão fez à Catedral de São Tiago de Compostela, logo após a morte do rei D. Diniz, com o piedoso intento de lhe sufragar a alma, vem referida nos seus mais antigos biógrafos [1]. E, volvidos seis séculos, ainda agora tal acontecimento se recorda na tradição popular de várias terras por onde a Rainha Santa então passou, não só em face de templos que foram levantados em sua honra, mas ainda pela narrativa de curiosas lendas que o povo foi moldando e ajeitando a seu gosto, retocando-as, em alguns casos, com pinceladas de fantasia e marcado sabor de ingenuidade, que, de resto, as revestem às vezes de certo pitoresco, não lhes destruindo o fundo real em que sempre assentam.

Com base nessas lendas, que religiosamente se foram guardando e transmitindo de geração em geração até nossos dias, e à vista de ermidas, simples nichos votivos, imagens e outros elementos com tal facto relacionados, podia tentar-se a reconstituição do itinerário feito pela virtuosa esposa do nosso Rei trovador, estudo que teria invulgar interesse; mas como tudo isso levaria muito longe, e nos faltam dados precisos quanto a algumas regiões, ocupar-nos-emos por agora, e tão somente, do percurso feito pela virtuosa Rainha desde Águeda, onde a sua passagem ficou assinalada por um acto de bondade, em que era tão fértil o seu coração magnânimo — e que consistiu na dádiva, ao hospital da nossa terra, de um pedaço de campo da largura ocupada pelo séquito

real que a acompanhava quando a atravessou (1) — até limites da Bairrada, —junto do rio Cértoma, de cujas margens ela se aproximou para ali beber água.

*
* *

Sabemos bem que não traremos, com estas notas, qualquer facto novo para a biografia da Rainha Santa, já há muito traçada pela pena de escritores insignes, de todos os tempos; mas se isto é assim, não é menos verdade que iremos desenvolver um passo da sua vida: o caminho que Santa Isabel percorreu por terras destas redondezas, quando foi na sua peregrinação de Fé e de Saudade a terras de Espanha, levar oferendas valiosas, e rezar ao Apóstolo das Gentes pelo eterno descanso do Rei que tanto amara, e que morreu confiante, — como expressara no seu testamento — de que ela faria para isso tudo aquilo que pudesse (2).

Do que foi essa piedosa jornada, como manifestação de respeito e carinho à bondosa Rainha a quem o povo já venerava como Santa, dão-nos conta os mais antigos cronistas; e, até aos modernos escritores, não cessou, nem sequer mesmo esmoreceu, o coro de louvores erguido em honra de Santa Isabel. A fama das singulares virtudes que dia a dia praticava, quer dentro dos seus Paços, junto a Santa Clara, em Coimbra, ou mesmo fora deles, visitando e tratando doentes nos seus humildes tugúrios; ou repartindo esmolas pelos pobres que logo dela se acercavam, mal a viam à saída dos templos ou com ela se cruzavam no caminho — doirou por tal forma o seu nome que o tempo, implacável destruidor de tanta coisa bela, não conseguiu até hoje empanar o brilho dessa auréola, que ainda em nossos dias se reflecte em tão luminosa projecção; as últimas festas realizadas em Coimbra, homenageando a sua veneranda Padroeira, são disso testemunho eloquente, insofismável. E isso mesmo eu tive ocasião de verificar não há muito ainda em Águeda, num festival de caridade que

(1) Esta terra esteve muito tempo na posse da Misericórdia, e media 470 varas de comprimento, por 55 de largura.

(2) Vid. o erudito estudo *Evolução do Culto de D. Isabel de Aragão* pelo Prof. Doutor António de Vasconcelos.

Gravura extraída da obra de Lobkowitz, Philippus Prudens..., *de 1639, representando a Rainha Santa em trajo de clarista e apoiando-se ao bordão de peregrina.*

por iniciativa da Câmara Municipal, Escola Central de Sargentos e Direcção do Hospital Conde de Sucena, teve lugar naquela vila na noite de 22 de Outubro do ano findo, e em que se representou, pela primeira vez, perante milhares de pessoas que ali acorreram de terras muito distantes, e no meio do mais impressionante silêncio, o *AUTO DA RAINHA SANTA,* que eu escrevera havia já anos, decalcado na formosa lenda da sua passagem por aqui (3) [2].

Deixa-nos avaliar a repercussão que o facto teria nessas já tão recuadas eras a passagem da LENDA que a tal acontecimento se refere nestes expressivos termos: AS GENTES DAS COMARCAS PER HV VINHA SAHIÃO DE SA PROPRIA VONTADE AOS CAMINHOS E LVGARES PER HV PASSAVA POR A VEEREM POR A BONDADE QVE DELA OVVIAM DIZER (4).

Há muito que o povo tinha consagrado no seu coração a caridosa Rainha, pela fama, que até ele ia chegando, das suas preclaras virtudes; e assim, ao saber-se o caminho que tomara, de toda a parte chegava gente para a ver e saudar, pedindo-lhe também o seu generoso valimento. Bem tudo isso traduziu um abalizado e conhecido autor, quando escreveu: A SUA JORNADA FOI UMA CONTÍNUA OVAÇÃO CORRENDO AO SEU ENCONTRO OS POVOS POR ONDE PASSAVA SÔFREGOS DE CONTEMPLAR A FUTURA SANTA (5).

*
* *

Foi ao saudoso e ilustre escritor, nosso conterrâneo, já falecido, CONDE DA BORRALHA, que se ficou devendo a descoberta do documento onde se acha registada a graciosa lenda da

(3) Vejam-se os jornais da época e, designadamente, os locais: «Soberania do Povo», «Independência d'Águeda» e «Grémio da Lavoura», este inserindo uma interessante crónica descritiva da *audiência* dada pela Rainha Santa às autoridades e figuras que foram saudá-la, escrita pelo nosso conterrâneo e erudito escritor Joaquim de Sousa Baptista. Nos jornais do Porto «Primeiro de Janeiro», «Comércio do Porto» e «Jornal de Notícias», largas referências foram feitas a este festival e ao auto, assim como na imprensa diária de Lisboa, por intermédio dos seus dedicados correspondentes.

(4) *Evolução do Culto,* ob. já cit.

(5) Vid. Figaniere, *Memórias das Rainhas de Portugal.*

passagem da Rainha Santa por Águeda, e que está inserida no Tombo antigo do Hospital [3]. Merece esse velho assento, que um anónimo do século XVIII, — decerto pessoa que lidava com os livros do arquivo — teve o louvável cuidado de exarar, perpetuando assim uma das mais formosas tradições da nossa terra, ser conhecido de toda a gente que tem pelo seu Passado o devido culto: arquivemo-lo, por isso, também aqui, na parte em que se refere à terra doada à velha albergaria local, onde, já desde tão remotas eras, os pobres viandantes que por estes sítios transitavam, encontraram sempre pão e agasalho. Foi a leitura desse tão interessante documento, que me levou a escrever o *Auto da Rainha Santa,* corporizando deste modo a lenda, que sendo ignorada das gerações presentes, o valioso estudo atrás citado veio avivar, impondo-se nos agora o dever de não mais a deixar cair no esquecimento.

Reza assim a parte do assento que se refere ao terreno dado pela Rainha Santa:

> ...«*esta terra está na Várzia de Recardaens pegada ao comaro do Capitão João Tauares da ponte arrenda a o Hospital pello preco que lhe parecã (?) parte do Norte com o rio e do Sul com a estrada que vem do Sardam p.ª Recardaens e tem dizima a Deus e foi dada pella Raynha Sãta ao Hospital da Largura do coche em que vinha de S. Thiago pela estrada do Cruzeiro de Paredes por ser naquelle tempo melhor, e passando pela estrada das Larangeiras defronte do dito Hospital no tempo do estio em direitura ao campo limpo ja dos fructos ate a estrada da Corga.*» (6) [3] [4].

(6) Veja-se o belo estudo do C. da Borralha sobre o Hospital de Águeda, in *Arquivo de Aveiro,* vol. XVIII, 1939.

— Outras lendas correm em diferentes terras do País, alusivas à passagem, por elas, da Rainha Santa. A Norte de Águeda, há uma, corrente em Arrifana de Santa Maria, segundo a qual a mãe de uma ceguinha lhe pediu a cura de sua filha, que, tocada pelas mãos da Santa Rainha, alcançou a vista. Diz a mesma lenda que nessa ocasião Santa Isabel estava numa casa que servia de estalagem, e comendo uma laranja, caiu no chão uma pevide, da qual nasceu uma laranjeira em cujos frutos se divisavam as quinas das armas de Portugal. Vid. o *Dicionário Geográfico* do P.e Luís Cardoso, ed. 1747 e *Vida de Santa Isabel,* de Fernando C. Lacerda, ed. 1735.

[1] *A visita aos lugares considerados sagrados generalizou-se na Igreja. Já no séc. II, os lugares santos da Palestina atraíam os peregrinos a ponto de se denunciarem os abusos que se cometiam e o gosto excessivo por essas práticas religiosas, — críticas retomadas, e muito veementes, durante a questão religiosa do séc. XVII. Na Idade Média, e a partir do séc. IX, desenvolver-se-ia igualmente no Ocidente esse gosto pelas peregrinações, que envolveram todas as classes sociais. (Frei Pantaleão de Aveiro, por exemplo, escreveria o seu* Itinerário da Terra Santa, *em 1593, sobre o qual urdiu Fernando Campos o romance, vivamente celebrado,* A Casa do Pó, *Difel, Lisboa, s.d.). No Ocidente, Santiago de Compostela foi um dos santuários mais procurados pelos peregrinos. Para além do seu carácter religioso, o movimento teve grande influência como factor de desenvolvimento económico e social e meio de difusão das correntes artísticas e culturais. (R. Castro Meireles,* Enciclopédia Verbo, *vol. 14, cols. 1725-26). Através do* caminho francês, *isto é pelo itinerário que os peregrinos franceses utilizavam até Compostela, fez-se a difusão, no norte de Espanha, do renascimento carolíngio. De Portugal também notáveis peregrinos tomaram o caminho de Santiago. Além da Rainha Santa, D. Dinis e D. Manuel, e D. Luís, que se fez acompanhar de Francisco da Holanda, príncipes e altos dignitários cumpriram a peregrinação a Compostela. Monsenhor Fabio Biando de Montalto, Patriarca de Jerusalém e ao tempo Colector do Papa Clemente VIII em Lisboa, também aproveitou a oportunidade para fazer essa pia deslocação. Facto que poderia ter passado despercebido entre tantos, se este preclaro peregrino se não tivesse feito acompanhar de um jovem secretário, sacerdote observador e curioso, que deixou impressões da viagem. Do relato dessa peregrinação de 1591, o florentino Juan Bautista Gonfalonieri fornece-nos algumas preciosas informações sobre Portugal e, naturalmente, sobre Águeda e a região. (António de Sousa Machado,* Um viajante Quinhentista no Distrito de Aveiro, *in A.D.A., vol. XXXVII, 1971, pp. 110-113).*

[2] *Foi, pois, na noite de 22 de Outubro de 1949 que teve lugar esse festival de caridade que rendeu 13 000$00 e que, pelo seu ineditismo, ainda está na memória de muita gente. O espectáculo, da responsabilidade do Capitão Fernão Marques Gomes, ao tempo professor da Escola Central de Sargentos, consistiu num cortejo ao gosto medieval que, a pé e a cavalo, atravessou com os seus estandartes e pendões, archotes e toques de trombeta, as principais ruas de Águeda, iluminadas pelos moradores. O cortejo histórico dirigiu-se para a parada da referida Escola — hoje Instituto Superior Militar — onde teve lugar a representação do Auto por amadores locais e coros do Orfeão de Águeda. D. Orquídea Flores Lobão da Cruz desempenhou o papel da Rainha Santa. Os trajos das damas de honor, clérigos, cavaleiros, homens de armas, autoridades da época, pagens, escudeiros, trombeteiros e povo pertenciam ao guarda-roupa do antigo Secretariado Nacional da Informação, que os cedeu para o efeito. D. Orquídea Lobão da Cruz vestiu o traje da Princesa Santa Joana, cedido pelo Museu de Santa Joana, de Aveiro.*

[3] Os Tombos do Hospital *foram publicados pelo Cap. José Maria Coutinho, ao tempo Secretário Geral da Misericórdia, em 1958, no volume* A Santa Casa da Misericórdia de Águeda. *O documento em questão encontra-se na pág. 57.*

[4] *Soares da Graça concluiria este trabalho na mesma revista, pp. 118-125. Apenas se antologia a primeira parte como introdução à publicação do* Auto da Rainha Santa.

AUTO DA RAINHA SANTA

Inédito. Representado a 22 de Outubro de 1949.

O velho Tombo do Hospital de Águeda, regista uma formosa lenda segundo a qual a Rainha Santa Isabel, ao passar por aqui, a caminho de Santiago de Compostela, onde foi cumprir uma promessa, quis, como costumava sempre fazê-lo, assinalar a sau passagem com um rasgo da sua grande bondade; e assim, deu ao Hospital da nossa terra uma leira de campo da largura tomada pelo seu séquito real quando o atravessou.

Esta lenda foi inserta no belo estudo acerca do Hospital de Águeda, feito pelo saudoso escritor nosso conterrâneo Conde da Borralha, a quem se ficou devendo o conhecimento deste lindo pormenor da História local.

Sobre a mesma lenda foi traçado o pequeno auto que agora se apresenta [1].

AUTO DA RAINHA SANTA

Personagens:

RAINHA
FÍSICO-MOR DO REINO
ASTRÓLOGO DO PAÇO
CONFESSOR DA RAINHA
PAGENS
DAMAS DE HONOR
CLARINS

CAVALEIROS
AUTORIDADES QUE A VÃO ESPERAR
POVO
Em Águeda — Século XIII

ARAUTO (que se adianta no tablado)

Senhores! escutai:

A melhor atenção;
A nova que vos trago,
Vai causar sensação;
Está já perto de vós,
Mesmo a chegar,
Dona Isabel de Aragão,
De Portugal Rainha.
E de tanto jornadear,
Vem cansada, 'stafadinha...
Mas antes de abalar,
À gente desta terra
que tão longe a foi 'sperar,
A todo o povo, do campo ou da serra
Que correu aqui para a saudar,
Ela mandou lançar este pregão:
QUE A TODOS QUER FALAR!...

Aguardai pois então
Que ireis ter surpresa;
Ao alto o coração,
Atitudes de reza!...

(Toque de clarins)

RAINHA (que surge momentos após; luz doce frouxa. Os pagens e a restante comitiva têm já formado alas. Dona Isabel aproxima-se da beira do tablado: Pausa, sentimento)

Bons, amados irmãos meus
Vossos louvores a todos agradeço
Mas não os tomo para mim, vão para Deus,
Que o vosso gesto há-de pôr em grande preço
Satisfação grande... é a minha —
De hoje aqui vos ver;
Não como Rainha — podeis n'isso crer —
Mas, antes mãe, irmãzinha
De quantos de vós?
Dos tristes, atribulados,
Que gemem sua dor a sós...
E mais não quero ser...
Ouvi todos meu conselho,
Que vo-lo dou com amor;
É tomado do Evangelho,
Das palavras do Senhor:

Ricos e pobres,
Plebeus ou Nobres,
O vosso coração,
Abri de par em par:
Aos sem fé nem pão
Sem ninguém 'stremar!...

Dai aos pobrezinhos,
As sobras da vossa mesa,
Aos órfãos e aos ceguinhos,
Algo da vossa riqueza.
Que todos sintam guarida
Uma palavra de 'sperança
Neste mar negro da vida
A servir-lhes de Bonança...
E em sinal do que vos digo,
Ao vosso Hospital vou dar,
Naquele campo de trigo,
Que acabo d'atravessar,
E em carta por mim firmada,
Que eu já mandei lavrar,

A terra, a toda a largura,
Que a comitiva ao passar,
Calcou, de forma segura,
A poder-se demarcar.
E que p'los séculos além
O legado que ora fiz,
Seja lá para quem for...
Socorra algum infeliz,
Suavize alguma dor,
Dê o pão a quem o não tem.

(Saudações, flores sobre a Rainha, que sorri. Senta-se em cadeira alta sob docel, e faz sinal à comitiva para tomar lugar nos bancos, que ladeiam o trono, em nível inferior — Para o Astrólogo)

Astrólogo, ide ver
Se há impedimento,
— em vosso parecer —
Que estorve a jornada:
Prenúncios de vento,
Chuva ou trovoada...

(Astrólogo faz reverência e sai)

RAINHA (Para o Físico-Mor)

Que achais físico-mor?...
Poderemos já abalar,
Ou julgais melhor,
Aqui pernoitar?...

FÍSICO-MOR (com reverência)

Não vejo inconveniente,
Em partirmos já:
Tudo são e contente,
Desânimos não há...

(Sai com vénias e não volta à cena)

RAINHA (Para o Confessor, que veste hábito franciscano)

Que dizeis, Frei Miguel?
Fazeis oposição?

CONFESSOR (Fala com pauca)

Não é esse o meu papel,
Nem minha condição:
Vossa vontade, Senhora,
Será sempre feita;
Vou quando ordenares
Ainda que já fora...
E livre-nos Deus
Da guerra, da peste ou da maleita

(Benze-se)

(Toma o lugar com ligeira reverência)

ASTRÓLOGO (Que entra de novo. Recita levemente enfático, e olhando de vez em quando para o alto):

Rainha e Senhora:
Não pressinto revezes.
Nada vejo ou 'scuto,
Que anuncie agoiro;
E, se milagre fora,
Brilham as estrelas,
Em torrentes de oiro,
Como raras vezes!...
Nunca as vi mais belas;
É calmo e sereno,
O seu scintilar;
Está um ar ameno,
Poderemos continuar...

(Faz vénia e afasta-se, juntando-se ao Confessor)

RAINHA (Que tem estado muito atenta a ouvir o Astrólogo, logo que ele acaba de falar, dirige o olhar para um e outro lado, e recita em voz sentida e bem marcada):

Pagens, minhas Damas de Honor,
De partir é chegada a hora;
Astrólogo, Frei Miguel, meu Confessor:
Tudo a postos, vamos lá embora...

(De pé, voz mais vibrante)

Seguiremos então, — O pensamento em Deus
Pela noite fora a caminhar.
À luz das estrelas, sob o azul dos céus,
Os caminhos prateados de luar...

(A comitiva começa a por-se em marcha, vagarosa e compassadamente. Primeiro os Pagens e Damas de Honor, depois os restantes personagens, que formam alas por onde a Rainha passa, formando-se o cortejo como melhor parecer. Entretanto, um coro canta:

E para nos guiar,
Temos a nossa fé.
Por luz o vosso olhar,
Preciso mais não é [3].

[1] Publica-se este Auto, ao que supomos, pela primeira vez. Obtivemo-lo por gentileza do Dr. António de Pinho Freitas.

[2] Interpretaram as diversas personagens: Rainha, D. Orquídea Flores Lobão da Cruz; Físico-Mor do Reino, António Brinco da Costa; Astrólogo do Paço, José Silva; Confessor da Rainha, Manuel Guerra; Arauto, um aluno da ex-Escola Central de Sargentos. Na restantes figuração participaram amadores de Águeda, entre os quais Fernando Brinco, Eduardo Pinho, José Breda, entre muitos outros, e diversas senhoras, nos papéis de pagens, autoridades, damas de honor, cavaleiros e povo. Coro, o Orfeão de Águeda.

[3] O agrado com que este Auto foi acolhido fez com que o Dr. António da Rocha Madail, um dos fundadores do Arquivo do Distrito de Aveiro, *solicitasse a Serafim Soares da Graça um trabalho sobre a Princesa Santa Joana. Baseando-se na* Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana, *Soares da Graça escreveu o* Auto da Infanta Dona Joana filha do Rei «Africano», *com um prólogo e dois actos. Pensou-se representá-lo nas festas centenárias de Santa Joana Princesa realizadas em Aveiro em 1952. O que se não concretizou. O Auto foi publicado no A.D.A., vol. XVIII, 1952, pp. 107-158.*

ÁGUEDA - LINDA DE ADOLFO PORTELA

Prefácio à 2.ª edição de
«Águeda, crónica, paisagens, tradições», 1964

Devido, simplesmente, à iniciativa do devotado aguedense Pedro Balreira, que movido por sentimentos do mais puro bairrismo, e dando satisfação a um pensamento seu já bem antigo, se abalança a arrostar as incertezas de uma arriscada empresa, o livro que Adolfo Portela ofereceu à gente da sua terra vai ter, passados sessenta anos, uma segunda edição [1].

Quis aquele meu conterrâneo e amigo, que fosse eu a escrever algumas palavras que acompanhassem o «Águeda», agora que ele vai andar aí novamente, de mão em mão, devendo partir também em breve, de longada, até remotas paragens onde quer que conterrâneos nossos moirejem o pão de cada dia, a levar-lhes nessas Crónicas cheias de beleza que o poeta amorosamente teceu com os fios de oiro da sua inspirada pena e requintada sensibilidade, a doce recordação do torrão pátrio distante. É que, na verdade, através dessas páginas impregnadas de pitoresco, perpassa a lembrança de tudo quanto nos possa tocar mais de perto o coração de filhos de Águeda: numa linha, numa frase, num capítulo, encontramos sempre um trilho que nos leva a percorrer com verdadeira emoção, muitos dos lugares santos da nossa saudade; palpita ali a vida da nossa terra e da nossa gente em todos os seus aspectos, os mais variados, — nos seus costumes mais característicos, nas suas crenças mais sinceras, nas suas tradições mais arraigadas, em tudo enfim, que fielmente retrata a alma do nosso povo. E é, sem dúvida, na magia sedutora desse poder descritivo, que tão vivamente nos encanta, que reside o condão que manteve até hoje e

desde a já recuada era de 1904, a frescura, o sabor, o perfume que ainda conservam as folhas deste livro, que, embora amarelecidas pelo tempo, não envelheceram contudo. Pode notar-se uma ou outra alteração na fisionomia geral da terra (1), desapareceram muitas figuras queridas que só vivem agora na nossa saudade, e haverá algumas coisas a cair em desuso cedendo à mutação dos costumes e ao desgaste que o rolar incessante do tempo inevitavelmente produz... Mas, no mais, muito ficou, sobreviveu, permanece: a paisagem que suavemente nos envolve é a mesma que fascinou os olhos do poeta; o rio cujas brisas bafejaram a casa onde ele nasceu em Além da Ponte, não mudou de rumo e aí deslisa ainda em mansa corrente, entre sinceirais verdejantes; por noites luarentas e calmas, ouve-se ainda, como Adolfo Portela ouviu enlevado, o cantar dos rouxinóis e o chiar das noras; tem o mesmo sentimento a toada alegre ou triste do cantar das lavadeiras, à tardinha, ao compasso do bater da roupa das tripeças; e são repassadas da mesma unção as preces que, em labareda de fé rezam ao Senhor dos Passos, quando a gente da nossa terra em recolhimento, O acompanha entre milhares de lumes a caminho de Assequins... Nos campos e nas romarias, as danças e as cantigas têm o mesmo cunho alegre e festivo. E a vida de Águeda e da sua gente vai decorrendo tranquila, ao natural, não deixando de avançar na senda do progresso, mas conservando ainda alguma coisa do que veio de outras eras.

E foi porque o Poeta de tudo isto falou, tudo isto sentiu e nos deixou descrito na sua obra — escrevendo nela mais com o coração do que com a pena — que o seu nome aí ficou gravado na alma de todos nós; e Águeda, na verdade não o esqueceu e bem o prova o facto de o recordar várias vezes, enaltecendo o seu nome em manifestações de inequívoca e respeitosa admiração. Adolfo Portela morreu longe da terra que o viu nascer, mas a sua lembrança perdura entre nós; e se é certo que ele não teve ainda em Águeda a consagração que a sua obra impõe, manda contudo a verdade que se diga que a sua memória não se apagou na alma dos seus conterrâneos, pois o seu nome ainda por aí anda de boca

(1) Pode fazer-se ideia do que eram essas ruas mais antigas, o Barril e a Ponte velha, à vista do meu trabalho «Águeda e a sua antiga Fisionomia»,» ed. 1954.

em boca e também ainda hoje se cantam muitas das suas inspiradas canções de tão suave e harmonioso ritmo. Algumas homenagens lhe têm sido prestadas por sugestão e iniciativa dos seus amigos, e o coro de louvores que em vida lhe foi erguido, não cessou com a sua morte [2].

O jornal de Águeda «Soberania do Povo» publicado no dia 5 de Maio de 1945, dedicou uma página especial de homenagem à memória de Adolfo Portela, publicando o seu retrato e o de alguns dos membros mais destacados da ilustre família dos PINTOS DA PONTE a propósito da reposição em cena da comédia lírica «A Noiva de João» escrita pelo nosso poeta, e que aí foi levada à cena e vivamente aplaudida. Desse número do jornal, superiormente organizado por outro saudoso escritor e distinto conterrâneo, o Dr. António Homem de Melo (Toy), grande amigo de A. Portela, e que manteve sempre viva através dos seus brilhantes escritos a chama da sua lembrança após a morte, — respigo este pequeno excerto que é uma ajustada síntese do temperamento do escritor.

> «Adolfo Portela é um espírito de distinção, enlevado sempre no sentimento do belo, amando, cantando, sonhando.
>
> E, depois, é um verdadeiro patriota.
>
> Educado nesta verde região em que as colinas e as várzeas se cobrem de águas sussurrantes, ele tem o orgulho da sua terra, que o enamorou e o seduz. A sua pena subtil e fácil é fiel ao seu coração leal e generoso».

Foi justamente a propósito do «Águeda» que estas palavras foram escritas pelo ilustre filho de Águeda, já falecido, Dr. Albano de Melo — o Senhor Conselheiro — como mais carinhosa e familiarmente se lhe referiam sempre os seus conterrâneos. E, não podendo eu por agora, recorrer a uma Biblioteca onde se guardassem os jornais da época e as revistas onde A. Portela deixou as suas produções literárias; sem ter à mão as peças de teatro que escreveu, — perante estas e outras limitações, decidi-me a enveredar pelo caminho de chamar a estas colunas as vozes dos amigos e contemporâneos do poeta, algumas já extintas, mas cujo eco ficou gravado na imprensa, outras ainda vivas, felizmente. A isto me

forçou também o último período, já vencido, do prazo que me deram para escrever estas palavras. Talvez que melhor avisado andara, pedindo a P. Balreira que me escusasse deste encargo: mas a verdade é que ao meu espírito e ao meu coração de agueense pesava perder a oportunidade que se me oferecia, de prestar homenagem ao escritor que muito admirava e a quem fiquei devendo palavras de generoso apreço e estímulo a propósito do que eu havia escrito sobre Águeda (2); e ainda de lavrar aqui, em público e raso o meu mais rendido preito de louvor ao homem a quem se fica devendo mais esta homenagem a Adolfo Portela, fazendo ressurgir do esquecimento essas páginas admiráveis, que ele ofereceu à gente da sua terra.

Dada esta explicação que eu julgava necessária, anotarei mais um ou outro depoimento sobre o escritor e a sua obra, para melhor ilustrar estas desataviadas linhas. É ainda da página atrás referida, que recorto estas sentidas palavras proferidas na Câmara Municipal pelo Senhor Conde de Águeda, ao tempo Presidente do respectivo Senado, e grande amigo também de Adolfo Portela, e a propósito da sua morte.

> «O amor de Adolfo Portela a esta terra, que ele cantou na prosa cintilante, na sua poesia admirável e na sua música inspirada, em que punha sempre toda a sua alma de um verdadeiro artista merece que o nosso concelho, a que ele tanto e tanto queria, manifeste pela sua representação municipal um sincero pesar pelo desaparecimento do conterrâneo ilustre que todos nós choramos».

Foi proposto nessa altura que se desse o nome do poeta a uma rua da Vila, o que se fez na verdade.

São ainda do referido jornal, e saídas da pena brilhante do Dr. António Homem de Melo, estas palavras que merecem arquivo muito especial neste lugar:

(2) «Águeda Antiga», crónicas que publiquei na «Soberania do Povo» nos anos de 1919 a 1922, como base duma Monografia de Águeda, ainda por publicar em volume.

Adolfo Rodrigues da Costa Portela

«O Dr. Adolfo Portela não era apenas um homem de letras distintíssimo; era também um músico dilletante notável. Afamado guitarrista na sua passagem por Coimbra foi o autor da música da récita de despedida do seu quinto ano jurídico, que teve, bem nos lembramos — um sucesso ruidoso».

E tão bela e original ela era, que, três anos depois (1891) foi aproveitada na íntegra para a opereta «As Freiras de Olivelas», representado com esplêndido êxito no Teatro Infante D. Afonso, do Porto [3].

Em 1893 representava-se em Águeda a encantadora comédia lírica — «A Noiva de João», aplaudida com vivo entusiasmo.

A propósito da reposição em cena, da formosa peça teatral, disse ainda o Dr. Toy:

«É hoje reposta em cena nesta vila no Teatro do Orfeão em homenagem ao seu autor brilhante prosador e poeta, cujo nome viverá para sempre na nossa terra. Prestemos nós também homenagem a essa querida e inolvidável figura de Águeda, de Águeda-a-Linda, como o ilustre poeta lhe chamava» [4].

E continuou assim, em coro uníssono, a exaltação do nome e da obra de Adolfo Portela. São de Armando Castela, outra alma de artista da nossa terra, Director apaixonado do Orfeão de Águeda e cultor de mérito das nossas letras, as palavras que extraio do formoso discurso que pronunciou antes de abrir o pano para a representação da «Noiva de João» e em referência ao tema da peça (3):

«É o espelho fiel da vida de Águeda Antiga, limitada, modesta e sem ambição; a Águeda-Linda do mesmo autor, serena, calma, singela, campestre e pescadora-anfíbia nos seus labores, como a classificaria

(3) «Soberania do Povo», de 8-5-1945, e «Independência de Águeda», de 25-3-1944.

Oliveira Martins, rescendendo às flores dos seus prados, à frescura dos seus campos refulgindo na macieza encantadora da sua luz, nos seus costumes tão simples, de trabalho e romarias, na linha de água tranquila do seu rio incomparável».

E que mais... Quanto mais?... Vão os anos correndo e à simples evocação do seu nome, a figura do poeta surge logo à nossa mente aureolada da nossa respeitosa lembrança e da nossa viva saudade...

Há poucos anos ainda e por iniciativa dum velho amigo da Família dos Pintos da Ponte, o ilustre médico doutor António Breda — que nunca deixou esquecer o nome daquele eminente vulto da nossa terra, de acordo com o então Presidente da Câmara Joaquim de Melo Pinto Leitão, que como amigo do poeta, anuiu gostosamente a tal iniciativa — foi colocado no salão nobre dos Paços do Concelho um retrato a óleo de A. Portela, sendo a sua figura e a sua obra enaltecidas por vários oradores que a ele se referiram em termos bem demonstrativos da veneração que a todos merece a sua memória, tendo feito uma adequada apreciação da sua obra, em discurso de bom recorte literário, o nosso distinto conterrâneo e lídimo aguedense Ernesto Ruela Cândido.

Também já anteriormente, a propósito da inauguração da Biblioteca Municipal, onde foram incorporados muitos livros que pertenceram aos Pintos da Ponte, o que teve lugar no ano de 1944, na evocação desta ilustre família, o nome do poeta foi realçado com singular carinho, tendo usado da palavra na Sessão realizada nos Paços do Concelho, o Conde de Águeda, o Dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, distinto advogado já falecido e o grande admirador de A. Portela, Dr. António Breda, tendo agradecido em nome da família, o médico Doutor Manuel Pinto (4),

(4) Veio assistir à récita da «Noiva de João»: sobrinha do poeta que agradeceu emocionado e em termos de grande realce literário, por si e em nome da família.

Médico muito distinto a ele se deve a instalação dos serviços de Raios X no Hospital de Águeda. *[Foi a 30 de Abril de 1927. Os Serviços de Radiologia foram possíveis através dos apoios que muitos aguedenses, entre os quais o filho do Conde de Sucena, Dionísio Pinheiro,*

que a morte há pouco levou e que, num formoso discurso, historiou também a forma como a sua família se elevou a tão alto grau à custa de muito trabalho e mercê da dedicação de uns pelos outros, designadamente do amparo dado pelo tio P.e Portela.

Recordo, um ligeiro apontamento do que disse nessa Sessão, em que usei da palavra a convite da Câmara Municipal:

> «Vara já dum século que em Além da Ponte e com raízes a mergulhar no rio, se plantou uma árvore que havia de tornar-se frondosa e cuja seiva deveria produzir ricos frutos.
>
> Se José Rodrigues Pinto, tronco dessa numerosa família dos Pintos da Ponte ao constituir, por duas vezes o seu lar sonhou — como prevejo — as maiores venturas para os filhos, convenço-me de que não pediu a Deus que lhes desse qualidades tão altas nem tão brilhantes»...

...E o Dr. Adolfo?...

Esse, foi o escritor bairrista que Águeda recorda com comovida saudade.

Senhor dum estilo muito próprio, muito seu, em que nos dá a ideia de que a pena lhe saía de vez em quando da mão para ir bailar e cantar nas romarias ou nos campos de ao pé da sua porta no tempo das sachas do milho, e nais eiras em noites luarentas de esfolhadas... O seu espírito é-nos retratado com vivas cores nas obras que nos deixou e que muitas foram.

Parece que todos os seus pensamentos se concentravam a toda a hora, na terra que o viu nascer, a sua querida Águeda.

P. Mateus Abrantes, Custódio Pereira e dos donativos que Carlos Costa conseguiu no Brasil. Ao tempo era director clínico do Hospital, o Dr. António Breda].

Uma grande fatalidade veio ensombrar a vida do Dr. Manuel Pinto, a morte de um filho seu, estremecido, quando cursava, com distinção, a Faculdade de Medicina, em Coimbra. O Dr. Manuel Pinto havia combinado com o filho, que se haviam de doutorar naquela Faculdade, mas morto o filho, ele quis ir cumprir o que tinha combinado com ele, e lá foi, sendo-lhe conferido o grau de Doutor, o que foi mais uma confirmação do seu talento.

Destaco do «Branco e Negro», revista de Lisboa, e do número referente a Setembro de 1896, mais este pequeno trecho:

> «Faz lembrar uma Coimbra pequenina com as suas cantigas no rio! Choupais, salgueirais, choros de água, a mesma melancolia de paisagem, os mesmos poentes doirados»!

Estava, por assim dizer, em louvor permanente, entoando hinos de amor com a sua pena privilegiada, à terra do seu berço.

Nunca nos cansamos de ler a conhecida e tantas vezes transcrita estância das «Orvalhadas»:

> «Águeda-Linda! A cor do teu desmaio
> Faz em minha alma rebentar saudades...
> Ó raparigas a dançar, casai-o,
> Meu negro luto às vossas mocidades!
> Flor sem aroma nos jardins de Maio
> Por quem um rio troca mil cidades:
> — Águeda minha, por beijar-te os pés,
> Quem fora d'água ao menos uma vez!»

Mais recentemente ainda, o Senhor Conselheiro Doutor Afonso de Melo, outro nome grande da nossa terra, veio também lembrar o poeta do «Sol Posto» e das «Orvalhadas», a propósito da representação que foi feita em Castelo Branco de uma peça intitulada «Festa do Pão» — da autoria de A. Portela.

São do Conselheiro Afonso de Melo estas palavras tão apropriadas que quero deixar aqui registadas, e que gostosamente respiguei do seu belo artigo; aí ficam elas constituindo uma homenagem a A. Portela, que ele bem de perto conheceu:

> «Quantas raparigas de Águeda cantam ainda as suas maviosas canções: o «Lindó, Lindó», o «Bate lavadeira», a «Senhora do Livramento?» Quantos — já são tão poucos os velhos desse tempo — se lembram de ser representada e cantada a deliciosa «Noiva de João», num casarão da desaparecida fábrica do Pessegueiro?» [6].

Referindo-se às pessoas de Águeda que, como ele, se encontravam aqui pela Semana Santa, diz o mais distinto articulista:

> ...«lá estavam sempre, enquanto Deus lhes deu vida, as figuras insinuantes, irradiantes de inteligência e de simpatia, dos Pintos Portelas.
>
> Eram o talentoso orador P.e José Pinto e seus irmãos o Dr. António Pinto, médico em Lisboa; Júlio Pinto Portela, distinto engenheiro no Porto, Francisco Pinto, esfusiante de graça, que vinha também do Porto, e o adorável poeta, contista, ensaista, músico e sonhador sempre enamorado da sua e nossa Águeda!...»

Como mais completa, apresentamos esta resenha das obras de Adolfo Portela: poesia — «Sol Posto», 1896. «Pela África», 1896. «Orvalhadas», 1898. «Toadas da Nossa Terra», em colaboração com Tomaz Borba. Em prosa: «Boémia Lírica», 1893. «Jornal do Coração», 1897. «Contos e Baladas», 1896-1897. O «País do Luar», 1902. «Por bem de Águeda», 1902. De Teatro: «A Festa do Pão», «Manga do Frade», «A Noiva de João», «A Flor do Linho» e «Tambor da Folia».

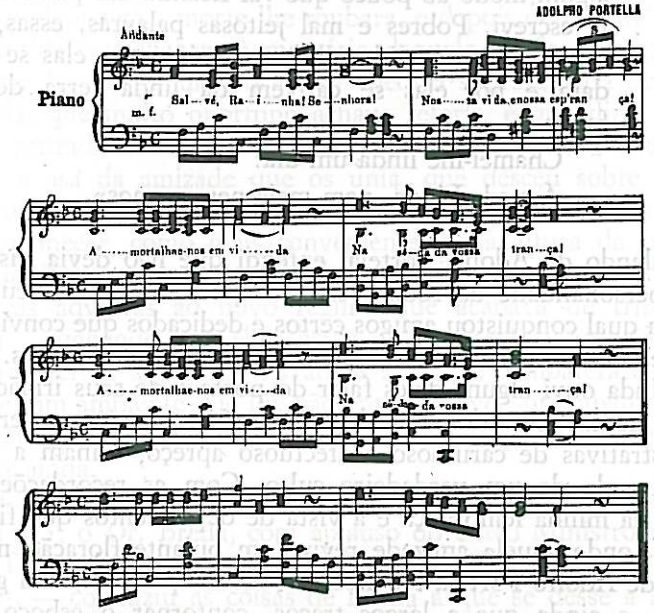
Na obra de A. Portela, se bem que toda nos prenda a atenção em agradável leitura, a que nos fala de Águeda — como é natural, vai-nos mais direita ao coração: é que, ele sentiu-a e viveu-a estranhadamente, apaixonadamente. Para ele não havia paisagens, nem fontes ou regatos, nem gente, nem campos, nem flores, nem costumes, nem tradições como as nossas.

Leia-se este bocadinho de prosa em abono das minhas palavras:

> «Pois onde há águas mais claras do que as águas das nossas nascentes? Onde há sombras mais carinhosas e mais sãs do que as sombras dso nossos pinhais? Onde há povoados mais honestos e mais humildes do que as aldeias da nossa terra? Onde há tradições mais velhas e mais lindas, costumes mais pitorescos, crenças mais religiosamente sinceras, corações de quilate mais fino e mais delicado»!

SALVÉ, RAINHA

(CANTO POPULAR)



[Uma das peças musicais de Adolfo Portela. Publicada em 1904 no n.º 7 do Portugal Artístico, *foi cantada pelo* Rancho de Águeda, *organizado e ensaiado pelo poeta para os festejos de recepção com que a população de Águeda, a 18 de Julho de 1908, homenageou Albano de Melo Pinto Veloso, herói das Campanhas do Cuamato].*

E mais estas frases com que abre uma bela crónica sob o título — Águeda — na Revista «Portugal Artístico», de Maio de 1904:

> «De tanto que tenha dito em bem da minha terra, mal sei agora dizer coisa de novo que se adiante de algum modo ao pouco que vai ficando das palavras que já escrevi. Pobres e mal jeitosas palavras, essas, bem sei; mas as têm lido olhos amáveis que a elas se prendam e por elas se cativem da linda terra de que falam.
>
> Chamei-lhe linda um dia:
>
> Águeda-Linda, nem mais nem menos».

Falando de Adolfo Portela, entendi que não devia dissociar a sua personalidade da roda social da época em que viveu e no meio da qual conquistou amigos certos e dedicados que convivendo com ele mais de perto, melhor lhe reconheceram os méritos.

Ainda ouvi alguns deles falar do poeta e de seus irmãos, em termos de tão elevado grau de admiração, que essas referências demonstrativas de carinhoso e afectuoso apreço, tinham a marca bem vincada de um verdadeiro culto. Com as recordações que guardo na minha lembrança e à vista de depoimentos que ficaram escritos, onde aquela amizade revive em pujante floração mesmo depois de Adolfo Portela ter morrido, foi-me possível, sem grande esforço, e ainda que a largos traços, contornar o esboço desta grande figura de aguedense, apresentando-a assim agora em plena luz, na convicção, ou antes mesmo, na certeza, de que desta forma o autor do «Águeda» será mais fácil e fielmente conhecido e compreendido das modernas gerações.

Foi nesta ordem de ideias que resolvi dirigir-me a outro filho ilustre de Águeda, e amigo dedicado, de Adolfo Portela, o meu Ex.mo Amigo Doutor António Breda, com cujo testemunho eu quis, ilustrar também estas linhas. Sabia eu bem quanta admiração ele votava ao poeta e aos Pintos da Ponte, pois muitas vezes, tanto em conversa particular, como nos discursos que proferiu por ocasião de festas de homenagem a Adolfo Portela, em palavras ditas com aquele jeito próprio que todos lhe conhecemos, vibrantes de sinceridade, ele o manifestou exuberantemente: mas não quis deixar de ouvi-lo nesta ocasião, em que, duma forma mais expressiva, o nome do poeta de Águeda-a-Linda aflora outra vez à nossa mente, para descer depois ao melhor canto do nosso coração.

O doutor António Breda, que não escondeu a emoção que lhe causou o meu pedido, — pois vinha recordar-lhe velhos e queridos amigos que a morte lhe roubara, e depois de repetir palavras de sentida homenagem à memória daquele saudoso amigo, disse que me forneceria um pormenor inédito sobre a vida de Adolfo Portela, que muito oportuno achava referir, e que dizia respeito à sua retirada de Águeda para o Fundão, onde veio a falecer. Foi ainda a asa da amizade que os unia, que desceu sobre o nosso escritor, tornando mais suave a saudade que lhe apertou o coração ao reconhecer, como mais conveniente nessa altura da sua vida, a saída da terra natal. Adolfo Portela militava no campo de ideias políticas adversas ao novo regime que acabava de triunfar, e, assim , pugnando por eles, havia criado, senão inimizades, pelo menos, e entre alguns conterrâneos seus que combatera aguerridamente, um ambiente que lhe não era agradável, principalmente nos primeiros tempos em que o rescaldo das paixões muito vivo estava ainda.

Conhecedor dessa situação, e com pleno assentimento do poeta (5), o Dr. Breda, com aplauso do então Ministro do Interior, Dr. António José de Almeida, — ainda aparentado com os Pintos, — conduziu as coisas de forma a que se desse a saída do seu amigo para o Fundão, discretamente, sem alarde e sem que ele saísse dum plano de dignidade, que de forma alguma queria ver menosprezar. Tudo assentou nesta base, e, como é sempre tempo de fazer justiça, aí fica feita esta rectificação [6].

Já me vou alongando demasiadamente, e não quero deixar de registar aqui também alguns dados biográficos que reuni, colhidos dos meus apontamentos sobre aguedenses notáveis.

(5) Tenho em meu poder a carta de A. Portela, por onde se mostra que foi com anuência sua que saíu de Águeda para o Fundão, e vi igualmente a carta do Dr. António José de Almeida, em que este mostrava a sua satisfação pela forma como havia decorrido a intervenção amiga do Dr. A. Breda.

*

Adolfo Portela, que usava o nome completo de Adolfo Rodrigues da Costa Portela, nasceu no lugar de Além da Ponte, junto a Águeda, mas pertencente à freguesia de Recardães, no dia 16 de Agosto de 1866.

Foram seus pais José Rodrigues Pinto e D. Maria de Jesus e Silva (6).

Foi logo baptizado, «por urgente necessidade» como nos informa o seu registo de nascimento — pelo Presbítero João Baptista de Figueiredo Breda, e isto, certamente, por que seus pais, como bons cidadãos que eram, receando pela vida do recém-nascido, não quiseram demorar a administração do Sacramento; mas a verdade é que, logo em 24 do mesmo mês, e já na igreja de S. Miguel de Recardães, o Prior Joaquim Rodrigues da Cruz fez o complemento das cerimónias baptismais, pondo os Santos Óleos ao menino, de que foram padrinhos o Padre Francisco da Costa Portela, Professor do Liceu Nacional do Porto, tio materno e madrinha a irmã, Maria Margarida de Oliveira, mais tarde distinta Professora e Directora da Escola Normal do Porto, e também escritora.

Foi aquele tio o anjo tutelar da família, pois começou por levar para o Porto alguns dos sobrinhos, a quem deu posição social de relevo, e estes foram-se ajudando depois uns aos outros. Além de escritor, A. Portela advogou alguns anos e foi recebedor em Águeda e no Fundão. Faleceu em 1923.

Mas chegou a altura de rematar estas linhas e faço-o com certo constrangimento ao reflectir que a obra legada por Adolfo Portela impunha mais cuidadoso e desenvolvido estudo, sossegando-me entretanto a ideia de que não é possível circunscrever

(6) Era neto paterno de José Rodrigues Pinto e de Ana da Silva Cura; e materno de Manuel da Costa Portela, do lugar deste nome, freguesia de São Martinho da Cortiça, na Beira Alta, e de Ana da Silva, da Borralha. Ao lugar da naturalidade do avô materno, deve a família ter ido buscar o apelido Portela, registando-se assim mais um caso em que a toponímia concorreu para a formação de nomes; e mais um outro caso se verifica também, da união das famílias da serra com as do mar, como é muito comum em Águeda.

numas ligeiras notas, como são por sua própria natureza, as que deixo aqui, uma apreciação mais condigna do espólio literário que nos ficou do autor do «Águeda». É preciso ir mais longe, percorrer mais longa caminhada no campo da investigação porque a obra do poeta é vasta e variada; e, além dos livros que publicou, ficou ela dispersa por jornais e revistas que ele honrou com a sua valiosa colaboração, sem falar ainda do que dele se conserva inédito.

Seja porém como for: recolhi com o mais devotado carinho e em reconhecida evocação, todas as lembranças que pude a respeito do saudoso escritor; e que, qual punhado de flores dos jardins da nossa terra, o meu pensamento vai levar longe, a desfolhar na sua campa da Cova da Beira, no Fundão, onde Adolfo Portela morreu e ficou para sempre.

*

Parabéns Pedro Balreira! Obrigado Pedro Balreira. É por sua mão que o «Águeda» volta novamente até nós e aí aparece agora nesta Páscoa florida, como uma ridente e perfumada Aleluia!...

[1] A 1.ª edição é de 1904, da Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica do Porto. O preço da capa era de 500 reis e o autor destinou o produto da venda aos pobres de Águeda. A 2.ª edição já se encontra esgotada.

[2] Recentemente foi dado o seu nome à Escola Secundária n.º 1 em cerimónia em que o Dr. Augusto Semedo proferiu uma palestra sobre Adolfo Portela. Na altura, foi igualmente patente ao público uma exposição bibliográfica do patrono.

[3] Restaram-nos algumas peças musicais de Adolfo Portela: Hino da Soberania do Povo, *1.1.1904, pelos 25 anos desse jornal;* Senhora do Livramento e Salvé Rainha, *publicados no n.º 7 de* Portugal Artístico, *1904. Adolfo Portela escreveu igualmente a música para os quadros das suas peças de teatro. Por exemplo, para a farsa lírica em três actos,* A Manga do Frade, *representada na festa da inauguração do Teatro-Casino Fundanense, em 22 de Julho de 1927, musicou* Lenda da Moleirinha *(canção e coro),* Dueto de Amor, Burros *(coplas e coro),* Canta-a-mó *(coplas e coro),* Fandango *(canção e coro),* Balada do Galo, Salvé, Rainha, Coro do Rapto, Goival da Cruz *(coro),* Dueto dos Goivos e Luar da Meia Noite *(valsa). Para espectáculos em Alpedrinha e Castelo Branco, em 1913, onde dirigiu o Rancho da Cova da Beira, compôs* Cova da Beira, Cantigas à Repalhinha, As Freirinhas *(coro)* e Palhinhas e Travadinhas. *Para a comédia lírica em três actos,* A Noiva do João, *representada em 1893, além dos tão conhecidos* Coro das Lavadeiras e Coro da Novena *(Senhora do Livramento), musicou o* Coro das Sardinheiras, A Fidalguinha do Soito *(dueto),* Balada, Coro das Salineiras, Barcarola, Rantamplão, Xácara da Joaninha Lavadeira *(dueto e coro),* Dueto do Padre Cura e Manuel d'Avó e Dança e coro final. *A maior parte da sua música perdeu-se. Uma ou outra peça pode ser reconstituída porque passou à tradição aguedense, como é o caso do* Coro das Lavadeiras. *Da* Senhora do Livramento, *de 1893, diz Pedro Homem de Mello: «Adolfo Portela, poeta aguedense cuja arte se enraizou tão fundamente na alma do Povo que este considera hoje em dia sua (como de resto a Nação inteira!), aquela canção que perdeu, graças ao génio do seu criador, direitos de autoria». Este fenómeno é aliás vulgar, no que diz respeito às danças, aos cantares e à poesia. Vindas de origem extrapopular, o povo adopta-as, vive-as, fá-las suas. Com as quadras do Toy (António Homem de Mello) passou-se o mesmo: entre as* Mil Trovas *populares, recolhidas em 1895 por todo o país por Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, encontram-se 29 quadras do Toy e no* Cancioneiro de Coimbra, *publicado em 1918 por Afonso Lopes Vieira, encontramos 9 quadras que o Toy compôs em Coimbra na Torre de Anto. A provar ainda a faceta musical de Adolfo Portela, veja-se a colaboração com o musicólogo Tomás Borba em* Toadas da Nossa Terra.

[4] A Noiva do João *foi apresentada pela segunda vez a 5 de Maio de 1945 pelo Grupo Cénico do Orfeão de Águeda. Armando Castela proferiu umas palavras de abertura e António Brinco da Costa fez a apresentação dos números da opereta. A directora de cena foi a D. Orquídea Dália Flores Lobão; o director de Orquestra, José Soares da Costa, e o ponto, José Flores. Os cenários pertenceram a Licínio Pinto e Belmiro Fartura. A distribuição dos personagens foi a seguinte:* Maria Águeda, *Maria Madalena Fonseca Balreira;* Joana Pirré, *Maria Suzana Pinto Matos Ala;* Clarinha, *Maria Zília da Silva Estima;* Margarida, *Maria Emília de Oliveira Novo;* Padre-Cura, *Manuel de Lemos Guerra;* Manuel da Avó, *Eduardo Simões Pinho;* António Pirré, *Fernando Brinco da Costa;* João Pirré, *Maximiano Teixeira;* Fortunato, *José Augusto da Silva* e Clemente, *José Breda.*

[5] *O interesse das gentes de Águeda pelo teatro ficou evidenciado até pelas inúmeras* salas de teatro *que existiram a partir do séc. XIX. Uma delas existiu até 1858 na Rua do Barril num edifício que foi demolido para se construir o novo Hospital, o tal que nunca chegou a funcionar. Nesse novo edifício acabaram por funcionar uma escola (a* Brandoa), *uma oficina de latoeiro e uma Escola Móvel e ainda aí teve lugar uma ou outra representação. Outra foi o teatro desmontável de Além da Ponte, o animatógrafo de José Alves de Oliveira (1909) onde uma companhia espanhola apresentou o* D. Juan Tenório *e a* D. Inês de Castro — *teve tanto êxito que por aqui foi ficando. O mais importante terá sido, pela sau actividade, o Teatro da Fábrica do Pessegueiro, também chamado Eminium e Fernando Caldeira. Toy ali fez representar muitas pecas a ponto de se dizer que era o Teatro do Toy.* A Noiva do João *foi ali apresentada em 1893 e em 1895 ali se estreou Fernão Corte-Real com a revista* Risos da minha terra. *O salão do Cândido seguiu-se-lhe. Ficou conhecido pelo Teatro Fernando Caldeira até meados da década de vinte. Em 1925 inaugura-se o* Aguedense Pathé Cinema, *onde, além de cinema, tiveram lugar festas, récitas por companhias profissionais e onde foi montada a revista de costumes* Do Barril à Venda Nova, *de Serafim Soares da Graça, em 1934. Mas em outros locais se representou, em casas particulares, em armazéns. O interesse seria tal que em 1909 se constituiu a* Empresa do Teatro de Águeda, *com escritura no cartório de Júlio da Conceição a 1 de Maio desse ano. Foram animadores da iniciativa (que visava construir um verdadeiro teatro) Adolfo Portela, Artur de Melo Freitas Pinto e João de Almeida Castela, entre outros. Surgirão mais tarde o Teatro do Orfeão, o Cefas e o Cinema S. Pedro.*

[6] *Adolfo Portela faleceu a 17 de Novembro de 1923. No quarto aniversário da sua morte, um grupo de amigos do Fundão, onde o poeta viveu largo tempo e desenvolveu uma acção cultural relevante, fez uma romagem de saudade à sua campa. Do jornal local* A Verdade *transcrevemos alguns parágrafos alusivos a essa efeméride: «Impressionou-nos deveras essa comovente homenagem de um homem que foi um grande amigo do Fundão, e que levantou esta terra a um nível de beleza e arte que dificilmente poderá ser excedido. (...) O nome do Dr. Portela revive de cada vez que nesta terra se pretende fazer alguma coisa de belo, porque a sua aspiração de sempre era que o Fundão desse brado, como felizmente deu, pelo culto apaixonado da música e do teatro».*

Adolfo Portela organizou um grupo, o Rancho da Cova da Beira, ensaiando espectáculos que foram apresentados em diversas localida-

des da Beira Baixa, em iniciativas que obtiveram o maior aplauso e participação das gentes serranas.

Para a recepção a Albano de Melo Pinto Veloso, regressado a 18 de Julho de 1908 da sua primeira campanha africana, Adolfo Portela, organizou e ensaiou um orfeão de música popular, O Rancho de Águeda, *de 60 figurantes. Para ele compôs vários números orfeónicos:* Cantigas à Repalhinha, Salvé, Rainha, A Jangada *e* Lindó. *(Alguns destes trechos seriam de composição anterior, como é o caso de* Salvé, Rainha, *que foi publicado em 1904).*

ÍNDICE

PARA MUITO AMAR, BEM CONHECER 9

ÁGUEDA ANTIGA 21

O VELHO LUGAR DE ÁGUEDA 31

A RIA DE AVEIRO E OS RIOS VOUGA E ÁGUEDA 51

ÁGUEDA E A SUA ANTIGA FISIONOMIA 59

A IGREJA DE ÁGUEDA 71

AS ANTIGAS PROCISSÕES DE ÁGUEDA 97

CAPELAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE ÁGUEDA 119

A JORNADA DA RAINHA SANTA À GALIZA NO ANO DE 1325 137

AUTO DA RAINHA SANTA 145

ÁGUEDA - LINDA DE ADOLFO PORTELA 153